



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA**



MARIANE NASCIMENTO DOS SANTOS

**POLÍTICA DOS TUBARÕES E SOCIEDADE DA CARESTIA.
A REDEMOCRATIZAÇÃO DO BRASIL NOS FOLHETOS DE
CORDÉIS DE APOLÔNIO ALVES DOS SANTOS
(1974 – 1992)**

SÃO CRISTÓVÃO - SE
2016

MARIANE NASCIMENTO DOS SANTOS

**POLÍTICA DOS TUBARÕES E SOCIEDADE DA CARESTIA.
A REDEMOCRATIZAÇÃO DO BRASIL NOS FOLHETOS DE
CORDÉIS DE APOLÔNIO ALVES DOS SANTOS
(1974 – 1992)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em História, na Área de Concentração em Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Fernando de Araújo Sá.

SÃO CRISTÓVÃO – SE
2016

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S237p Santos, Mariane Nascimento dos
Política dos tubarões e sociedade da carestia : a redemocratização do Brasil nos folhetos de cordéis de Apolônio Alves dos Santos (1974-1992) / Mariane Nascimento dos Santos ; orientador Antônio Fernando de Araújo Sá. – São Cristóvão, 2016.
156 f. : il.

Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, 2016.

1. História social. 2. Comunicação e cultura. 3. Literatura de cordel. 4. Comunicação – Aspectos sociais. 5. Santos, Apolônio Alves dos. I. Sá, Antônio Fernando de Araújo, orient. II. Título.

CDU 94:087.6

MARIANE NASCIMENTO DOS SANTOS

**POLÍTICA DOS TUBARÕES E SOCIEDADE DA CARESTIA.
A REDEMOCRATIZAÇÃO DO BRASIL NOS FOLHETOS DE
CORDÉIS DE APOLÔNIO ALVES DOS SANTOS
(1974 – 1992)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em História, na Área de Concentração em Cultura e Sociedade.
Orientador: Prof. Dr. Antônio Fernando de Araújo Sá.

Aprovada em 29 de março de 2016.

Prof. Dr. Antônio Fernando de Araújo Sá (UFS)

Prof^a. Dr^a. Rosilene Alves de Melo (UFMG)

Prof. Dr. Bruno Gonçalves Álvaro (UFS)

***À minha irmã e mestra
Margarete Nascimento dos Santos***

AGRADECIMENTOS

Porque dEle e por Ele, e para Ele são todas as coisas; a Ele toda a glória. Se não fosse Deus, que dia após dia me restitui as forças e me mostra que o amanhã será uma nova oportunidade para recomeçar, com certeza eu não teria chegado até aqui. Por isso a Ele o meu agradecimento maior, por ter me ajudado a ter fé e acreditar que mesmo o impossível é possível.

Aos meus amados pais Marivaldo e Maria José que hoje não estão aqui, para compartilhar da minha alegria e verem onde eu consegui chegar, mas que são a razão da minha luta.

À minha irmã, Margarete, minha amiga e companheira de todas as horas, que me ensina a sonhar, a ser corajosa e que todos os dias me mostra a possibilidade de ser sensível e forte ao mesmo tempo.

Agradeço a André, o irmão que Deus me deu porque viu que entre a sensibilidade de uma irmã e a coragem da outra havia a necessidade de um ponto de equilíbrio. Dé, você é o nosso equilíbrio!

À Antônio Fernando de Araújo Sá, meu orientador, pela confiança. Obrigada não só por ter acreditado, mas por ter confiado e comprado uma ideia que não foi a original. Seus questionamentos, correções e reflexões foram essências para o meu amadurecimento.

À professora Rosilene Melo pela inspiração através do seu livro antes mesmo de entrar no Programa de Mestrado e pela disponibilidade de sempre solucionar minhas dúvidas durante a pesquisa.

Aos professores Petrônio Domingues, Gilmário Brito, Gilmar Carvalho, Andréia Betânia Silva pelos materiais e conselhos.

Ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Sergipe e a todos os professores. À secretária Natália pela constante disponibilidade nas questões administrativas.

Aos colegas da turma, pelas discussões e contribuições, pelas conversas nos corredores e na cantina, pelas trocas de mensagens, telefonemas, pelo encorajamento e apoio. Cleidson e Fabiana obrigada pelos momentos de incentivo e desabafo.

Às instituições que disponibilizaram de seus acervos na forma física e digitalizada. À Fundação Cultural da Bahia, a Fundação Casa de Ruy Barbosa, ao Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, a Academia Brasileira de Literatura de Cordel, ao Programa de Pesquisa de Literatura Popular – UFPB, a Biblioteca Atila Almeida – UEPB, o meu muitíssimo obrigado!

Ao poeta Marcelo Soares, Arievaldo Viana e outros cordelistas que muito gentilmente concederam entrevistas, informações e se disponibilizaram para contribuir com seus acervos particulares. Ao Sr. Gonçalo Ferreira da Silva, presidente da ABLC (Academia Brasileira de Literatura de Cordel), um agradecimento especial pelos folhetos cedidos.

A senhora Maria José da Silva, sobrinha de Apolônio dos Santos, que nos recebeu e contribuiu, significativamente, na reconstrução da vida do poeta.

Muitas pessoas contribuíram, de forma singular, para o resultado final desse trabalho, algumas de forma direta e outras indiretamente, portanto, não posso deixar de citar esses que foram imprescindíveis para o meu sucesso.

Um agradecimento especial a quem me abrigou em Aracaju, não apenas com um quarto, mas com amor, carinho e orações: Karina, Lika e Malu. Não tenho como retribuir!

À minha família carioca que sempre me acolheu durante as pesquisas: Fabiane, Carlos e Miguel.

À minha amiga de longas datas, Rose, pelo apoio, incentivo e contribuições desde o projeto de seleção até a concretização.

À Vandelma, uma amiga nascida em meio às tantas correções, obrigada pela paciência. À querida Edna pelo apoio de sempre. E os queridos amigos Eliel e Glauber pela ajuda técnica.

À CAPES pelo financiamento para que durante um ano realizasse exclusivamente a pesquisa.

Por fim, mas não menos importante, um agradecimento todo especial a Apolônio dos Santos (*in memoriam*), seus folhetos foram minha principal inspiração!

Os poetas ficam velhos e morrem, mas a poesia? Ah, nunca!

(Apolônio dos Santos)

RESUMO

Esta pesquisa objetiva refletir as conjunturas políticas e sociais do Brasil, entre as décadas de 1970 até 1990, utilizando como principal fonte histórica a literatura popular de cordel, do poeta Apolônio Alves dos Santos. Para que tal estudo fosse possível, tornou-se imprescindível uma pesquisa sobre a vida do cordelista, que sendo ele nordestino oriundo da Paraíba, viveu grande parte da vida no Rio de Janeiro, onde também produziu a maioria de suas obras. Esta análise compreende a produção intelectual a partir das classes subalternas, reconhecendo o folheto de cordel não apenas como uma expressão popular, mas também como veículo de comunicação e articulação política que circula em diferentes estruturas sociais. Tendo a finalidade de contribuir na preservação da memória de um poeta, que colaborou no registro histórico de fatos, e na perpetuação da literatura popular brasileira, esta dissertação realiza a narrativa de eventos históricos sob o olhar de um sujeito popular detentor de um discurso construído através do próprio cotidiano e dos acontecimentos que acompanha pelos diferentes meios de comunicação. A busca por suas obras nos principais acervos do país e a catalogação dos folhetos encontrados foi indispensável para pesquisa. A leitura desses folhetos de cordéis possibilita a reconstrução da trajetória de vida do poeta e a problematização dos momentos políticos e sociais por ele vividos, já que estes poemas retratavam os acontecimentos a partir de uma visão das camadas subalternas, do nordestino, do operário. Para desenvolver esta pesquisa utilizamos leituras sobre a cultura popular, literatura popular de cordel, poesia, política e sociedade no Brasil, “Milagre econômico”, crise e abertura da Política Militar, Redemocratização e Nova República. Além das fontes teóricas, utilizamos entrevistas orais com poetas para reconstruir a trajetória de vida de Apolônio dos Santos, periódicos para perceber a fala de outros meios de comunicação com relação aos eventos narrados nos folhetos e os próprios folhetos de cordéis, do cordelista Santos e de outros autores do seu convívio. Dialogamos com teóricos que contribuíram nas reflexões sobre a vida e obra de Apolônio dos Santos, do contexto o qual ele esteve inserido e que serviu como recorte temporal para o estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Cordel. Apolônio dos Santos. Política. Sociedade. Comunicação.

RÉSUMÉ

Cette recherche vise à réfléchir sur les situations politiques et sociales au Brésil à partir des années 1970 jusqu'en 1990, en utilisant comme source historique primaire la littérature populaire à travers le *cordel*, écrit par le poète Apolônio Alves dos Santos. Pour que cette étude était possible, il est devenu essentiel une recherche sur la vie du *cordelista*, un homme du Nord-est du pays né à Paraíba mais qui a vécu une grande partie de sa vie à Rio de Janeiro, où il a également produit la plupart de ses œuvres. Cette analyse a encore comme objectif comprendre sa production intellectuelle à partir des classes subalternes, en reconnaissant le *folheto de cordel* pas seulement comme une expression populaire mais aussi comme un véhicule pour la communication et l'articulation politique qui circule dans différentes structures sociales. Dans le but de contribuer à la préservation de la mémoire d'un poète qui a collaboré au registre historique des faits, et dans la perpétuation de la littérature populaire brésilienne, cette thèse porte sur le récit des événements historiques sous le regard d'un sujet populaire qui retient un discours construit à travers son propre quotidien et des événements qu'il accompagne par les différents médias. La recherche de ses œuvres dans les principaux fonds du pays et la catalogage des *folhetos* trouvés a été essentiel pour la recherche. La lecture de ces *folhetos de cordéis* permet la reconstruction de la trajectoire de la vie du poète et l'interrogation des moments politiques et sociaux qu'il a vécu, une fois que ces poèmes ont illustrés ses événements à partir du point de vue des classes subalternes, de ce qui est né au Nord-est, du ouvrier. Pour développer cette recherche nous avons fait des lectures sur la culture populaire, la littérature populaire de *cordel*, la poésie, la politique et la société au Brésil, le «Miracle économique», la crise et l'ouverture de la Politique Militaire, la Redémocratisation et la Nouvelle République. En plus des sources théoriques, nous avons aussi réalisé des entretiens oraux avec les poètes pour reconstituer l'histoire de la vie d'Apolônio dos Santos, des lectures de périodiques pour comprendre le discours des autres médias en relation aux événements racontés dans les *folhetos*, et les *folhetos de cordéis* eux-mêmes, du *cordelista* Santos et d'autres auteurs de leur amitié. Nous avons dialogué avec les théoriciens qui ont contribué dans les réflexions sur la vie et l'œuvre d'Apolônio dos Santos, le contexte dans lequel il a été saisi et qui a servi comme limite de temps pour l'étude.

MOTS-CLÉS: Cordel. Apolônio dos Santos. Politique. Société. Communication.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Fotografia. Apolônio dos Santos em seu bairro Benfica.	24
Figura 2 - Retrato pintado. Apolônio dos Santos e Enedina dos Santos.	25
Figura 3 – Certidão de óbito de Apolônio Alves dos Santos.	27
Figura 4 - Processo de produção do folheto de cordel.	30
Figura 5 - Ciro Fernandes. Xilogravura. <i>O Divórcio No Brasil.</i>	35
Figura 6 - Quarta capa. <i>O ABC do feijão e os tumultos nas filas.</i>	40
Figura 7- Fotografia. Apolônio Alves dos Santos na Feira de São Cristóvão, 1978.	43
Figura 8 - Quarta capa. <i>O Sacrifício do Pobre no Mundo da Carestia.</i>	44
Figura 9 – Clichê de fotografia. <i>O pavoroso incêndio do Edifício Andorinha no Rio de Janeiro.</i>	72
Figura 10 – Erivaldo Silva. Xilogravura. <i>A tragédia das enchentes em todo Rio de Janeiro.</i>	73
Figura 11 – Marcelo Soares. Xilogravura. <i>A guerra das Malvinas.</i>	74
Figura 12 – Quarta capa. <i>O pavoroso incêndio do Edifício Andorinha no Rio de Janeiro.</i>	78
Figura 13 - Erivaldo Ferreira da Silva. Xilogravura. <i>Arrocho da Inflação que Fez o Plano Cruzado!</i>	111

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	“OS NORDESTINOS NO RIO E O NORDESTE ABANDONADO” - APOLÔNIO DOS SANTOS EM TERRAS ALHEIAS	22
2.1	O TRABALHO QUE MOVE A VIDA: NORDESTE, SUDESTE E A NOVA CAPITAL FEDERAL	28
2.2	CICLO PRODUTIVO E RELAÇÕES SOCIAIS MOBILIZADAS PELO CORDEL	30
2.3	O CORDELISTA APOLÔNIO DOS SANTOS	33
2.3.1	Produção literária	33
2.3.2	Atuação política	46
3	O FOLHETO POPULAR COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO	54
3.1	CORDEL: INFORMAÇÃO E ENTRETENIMENTO	57
3.1.1	O público leitor de Apolônio Alves dos Santos	63
3.2	APOLÔNIO DOS SANTOS: O POETA-REPÓRTER E SEUS FOLHETOS JORNALÍSTICOS	68
3.3	A DINÂMICA DE COMUNICAÇÃO DO FOLHETO DE CORDEL	79
4	ENTRE OS TUBARÕES E A CARESTIA: POLÍTICA E SOCIEDADE NO BRASIL DA DÉCADA DE 1970 A 1990	83
4.1	DO “MILAGRE” ECONÔMICO A ABERTURA POLÍTICA	84
4.1.1	Morte do ex-presidente Juscelino Kubistchek	90
4.2	DIRETAS JÁ E A REDEMOCRATIZAÇÃO	96
4.3	NOVA REPÚBLICA	99
4.3.1	Ascensão e morte de Tancredo Neves	99
4.3.2	Transição e Plano Cruzado: Governo Sarney	104
4.3.3	Nova Constituição	112
4.3.4	Ascensão e crise do Governo Collor	113
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
	FONTES HISTÓRICAS	124
	FONTES ESCRITAS	124
	Folhetos	124
	Periódicos	127
	FONTES DIGITIAIS	128
	Sites	128
	FONTES ORAIS	130
	Entrevistas	130
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	131
	ACERVOS CONSULTADOS	136
	ANEXOS	137

1 INTRODUÇÃO

Este estudo propõe uma discussão entre duas áreas do conhecimento: a história e a literatura popular. Para tal, foram utilizadas as obras cordelianas do poeta Apolônio Alves dos Santos (1926-1998). Apesar de fazer uso das obras de apenas um poeta cordelista, essa não é uma dissertação biográfica: a opção de desenvolver uma análise com um sujeito justifica-se pela extensão temporal da sua atividade, que proporciona um amplo campo para pesquisa e reflexão historiográfica.

Compreendendo que o cordel foi acompanhando, se modificando e se adaptando aos diversos movimentos vividos pela sociedade brasileira, adequando-se aos meios de comunicação que foram surgindo no decorrer do século XX e constituindo seu espaço enquanto uma literatura, evidenciamos a importância da literatura de cordel como fonte histórica. O cordel disponibiliza informações sobre eventos, acontecimentos, fatos e personalidades; situações cotidianas ou notícias de relevância nacional e mundial que se tornam temas para produção dos folhetos. Reconhecemos, assim, algo que é fatídico: a literatura popular é uma expressão literária que registra e decodifica a vida cotidiana dos sujeitos sociais e suas relações, em vários momentos da história.

Para além de retomar a vida e obra de Apolônio Alves dos Santos, este trabalho objetivou compreender, através do olhar de um poeta da literatura popular, o contexto político e social nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Suas denúncias nos folhetos representam sua voz e também das pessoas do seu convívio. Analisando sua linguagem, vocabulário, conteúdos e o que ele transcreve sobre o povo do seu entorno, buscou-se evidenciar como o cordelista percebeu os problemas da região sudeste, especificamente do Rio de Janeiro, onde passou a maior parte de sua vida.

O trabalho propõe observar os eventos e figuras políticas que marcaram a sociedade, dentro do período histórico delimitado, e discutir como o cordel influenciou as construções e reafirmações de opiniões e escolhas políticas. Outra finalidade desta pesquisa foi discutir o folheto de cordel como forma de comunicação e mecanismo de reivindicação das camadas subalternas, sendo ao mesmo tempo veículo de discurso das classes dominantes para os grupos dominados. Não dividimos a sociedade em grupos homogêneos, definindo um perfil deles, pois não foi esse o objetivo. Interessam neste trabalho as relações estabelecidas entre as

diferentes estruturas sociais e a análise do cordel como uma produção que, por meio de mensagens, realiza intermediação de duas delimitações geográficas, o Nordeste e o Sudeste.

Ao falar de Nordeste, não nos referimos a toda região que é marcada por um preconceito e uma imagem quase sempre pejorativa. A região Nordeste, devido à sua extensão, contém uma diversidade em características geográficas, com climas e relevos específicos. A referência feita neste trabalho à região Nordeste corresponde ao espaço rural, faixa territorial do sertão, que abrange os estados do Ceará, parte da Bahia, Alagoas, Paraíba, Piauí, Pernambuco, Sergipe e Rio Grande do Norte. Para Veríssimo de Melo, o Nordeste, na literatura de cordel, aparece em três nordestes: o da área rural, o da urbana e o das metrópoles (Rio de Janeiro e São Paulo).

Evidente que essa é uma delimitação administrativa e não é objetivo deste trabalho estar restrito a esta, mesmo porque entendemos que este trabalho não é reafirmação de um regionalismo. Ao contrário, compreendemos que o Nordeste está além dessas fronteiras instituídas, que suas características culturais, sociais e identitárias divergem em muito da produção imagético-discursiva construída desde a década de 1877, quando a seca em determinada área do Norte, a que designou-se Nordeste, passou a receber atenção especial do poder público e da produção dos meios de comunicação (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 81).

Dentro desse âmbito, pretendemos recuperar a memória do cordelista Apolônio dos Santos, que contribuiu para a reafirmação e continuidade da literatura de cordel brasileira e para o registro da história do Brasil. As características específicas de composição poética, que poucos cordelistas atingiram, encontram-se em seus folhetos. Os acontecimentos narrados por Apolônio dos Santos mostram seu olhar de repórter voltado, principalmente, para os fatos políticos. Como disse Mark Curran:

O principal para notar [sobre Apolônio dos Santos] é que entre 1980 e sua morte no começo do século muitas águas rolaram: sua produção de cordel aumentou muitíssimo (fez folhetos importantes sobre a vida do “pau de arara” no grande Rio, e comentou muito o cenário político através dos anos no Brasil). Diria que, depois de José João dos Santos (Azulão), Apolônio era próximo, o poeta mais importante no Rio. (2014, p. 330).

Apolônio dos Santos foi o primeiro vice-presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, participou da fundação da instituição desde o momento em que ela era apenas especulações nos corredores da Feira de São Cristovão. O poeta, que tinha o domínio de técnicas como a composição de décimas e o estilo do martelo agalopado, utilizados pela primeira geração de cordelistas, faz parte das principais antologias publicadas desde a década de 1970. Obras como a de Sebastião Nunes, *Antologia da Literatura de Cordel*, Mark Curran, em *História do Brasil em Cordel*, as antologias publicadas pela Academia Brasileira de Literatura de Cordel, pela Fundação Casa de Ruy Barbosa, têm, em seu conjunto, suas produções.

As obras encontram-se nos acervos das principais instituições de preservação de documentos da cultura popular, como na Fundação Casa de Ruy Barbosa, com 143 folhetos; a Academia Brasileira de Literatura de Cordel, com 218 cordéis; o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, com 184 folhetos disponíveis em uma base de dados online; a Biblioteca Átila Almeida, com 104; a Fundação Cultural do Estado da Bahia/ Núcleo de Referência Cultural, com 73 cordéis; a Biblioteca Nacional e programas de Pesquisa em Literatura Popular. Inclui-se também dentre os títulos da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, que reúne, em seu catálogo de referências online 161 folhetos de cordéis do poeta.

É importante destacar que a Université de Poitiers, na França, também guarda um rico acervo do poeta, dispondo de obras e objetos pessoais. Este foi organizado, com base no material levantado na tese de doutorado em Letras e Linguagem da pesquisadora Manuela Fonseca dos Santos.

A presente pesquisa teve como ponto de partida o registro, catalogação e digitalização do acervo de Apolônio dos Santos. Identificamos as obras e localizamos as instituições que estão salvaguardando a memória do poeta. Para isso, foram organizadas duas tabelas (anexo I e II), com o nome de cada folheto de cordel, a instituição que disponibiliza o folheto, a tipografia ou editora que realizou a publicação e o ano – sendo que, em sua maioria, consta o ano aproximado, já que o poeta não colocou a informação no folheto. Essa busca foi fundamental para identificar as temáticas e o número total de folhetos que o cordelista produziu, pois esta última informação tem sido veiculada de forma equivocada na Internet.

Reconstituir a vida do cordelista Apolônio dos Santos foi um desafio, o que é natural quando se trata dos artistas populares. A produção artística na cultura

popular é grande; em decorrência, muitos dos seus autores e atores acabam no anonimato. Poucos se tornam inspirações de pesquisas e muitos acabam esquecidos com o passar do tempo. Superar os obstáculos para encontrar informações sobre o poeta, um cordelista até então anônimo, foi uma tarefa árdua, em alguns momentos, frustrante. Nem mesmo nas principais instituições de acervos da cultura popular visitadas, as informações sobre a vida de Apolônio dos Santos eram significativas: elas sempre se repetiam, sempre o mesmo parágrafo com dados resumidos e superficiais.

Somente depois de meses de pesquisas, seguindo os sucintos rastros fornecidos pelos cordelistas e os que foram deixados pelo próprio poeta nos folhetos que escreveu até seu último ano de vida, conseguimos encontrar um parente. Assim, muitas informações que compõe a narrativa da vida de Apolônio dos Santos foram possíveis através das entrevistas que realizamos com sua sobrinha, a senhora Maria José da Silva, dos cordelistas que tiveram longo tempo de convivência com o poeta, como o Gonçalo da Silva e o Marcelo Soares, e dos próprios folhetos que, entre uma estrofe e outra, guardam informações pessoais. Uma narrativa de vida reconstruída com base nos “fragmentos” deixados e que contribuiu no entendimento do cotidiano das camadas subalternas (GINZBURG, 2006, p. 11).

Também foram importantes nessa investigação duas publicações em que Apolônio dos Santos cedeu entrevista direta, relatando sua história, cotidiano e vida enquanto poeta cordelista. Ambas as pesquisas foram realizadas no decorrer da década de 1970. A primeira delas resultou no livro *A Vida no Barbante – A Literatura de Cordel no Brasil*, da pesquisadora Candace Slater, publicado em 1984. Neste, a autora escreve o capítulo V “O Monstruoso Sequestro de Serginho de Apolônio Alves dos Santos”, para analisar o folheto do poeta que leva este mesmo título; antes, porém, Slater discorre sobre a vida do cordelista e apresenta algumas frases ditas pelo mesmo em entrevista. O segundo trabalho, *O Cordel no Grande Rio*, publicado em 1985 e organizado pela professora Cássia Frade, reúne uma classificação e relação dos folhetos disponibilizada pelo próprio poeta e uma entrevista, relatando sua história e o cotidiano da produção dos cordéis.

Com base nos poemas dos folhetos, analisamos a construção dos relatos sobre os eventos históricos, destacando a percepção popular sobre os fatos. Refletimos sobre as problemáticas sociais como a carestia, a saúde, a reforma

agrária, as greves e as questões trabalhistas dos operários; além das interlocuções estabelecidas através dos folhetos de cordéis entre as diferentes camadas sociais. Essas associações são postas quando, por exemplo, o poeta escreve um folheto retratando as dificuldades econômicas das classes subalternas, mas, ao mesmo tempo, discursa sobre os prejuízos econômicos dos grupos dominantes.

Esta pesquisa apresenta um caráter inovador quanto à escolha de Apolônio dos Santos e de suas obras como principal fonte de pesquisa e análise. Atualmente, não há notícias de nenhum outro texto de cunho científico em que o objeto central tenha sido o poeta. Encontramos alguns trabalhos que mencionam uma ou outra obra específica para um estudo comparativo ou análise junto com outros folhetos de cordéis, mas nenhum que tenha analisado o conjunto das obras.

A investigação sobre a trajetória de vida do cordelista também é um trabalho original. Apenas tivemos informações parciais do trabalho da pesquisadora francesa Manuela Fonseca, mas seu objetivo foi inteiramente voltado para organização e armazenamento de acervo, sem análise de dados. Na elaboração do projeto, não houve intencionalidade de realizar um trabalho de pesquisa com um poeta ainda não explorado; a escolha, como já mencionamos, ocorreu com base nas abordagens encontradas nos folhetos de cordéis que lemos durante a construção do projeto. Essa coincidência, porém, tornou-se positiva pela contribuição que esta pesquisa está legando aos estudos de Cultura Popular do país.

A comunicação popular em forma de cordel não é a única expressão na forma escrita; no entanto, ela tem se destacado desde décadas de 1960 e 1970, diante de outras manifestações, devido à sua “dinamicidade e força de expressão” (LUYTEN, 1987, p. 9). O folheto é uma forma poética que vem se adaptando ao desenvolvimento tecnológico, testemunhando a história, conquistando um público diferenciado e até se apresentando em novos formatos, como os folhetos digitais. E mantendo-se cada vez mais discursivo.

A década de 1970 consolidou o interesse dos intelectuais em pesquisar sobre as tradições com intuito de preservação e valorização da cultura nacional. Com alguns incentivos governamentais, como o realizado em 1958 através da Campanha de Defesa de Folclore Brasileiro, o início dos Festivais Nacionais de Cantadores, os estudos do Centro de Pesquisa da Casa de Ruy Barbosa, a partir de 1962, e os diversos trabalhos de pesquisas realizados pelas universidades do Nordeste, a

pesquisadora Slater afirma que as décadas de 1960 e 1970 foram ímpares para os estudos da cultura popular (SLATER, 1984, p. 48 e 49).

No caso de Apolônio dos Santos, um trabalhador de construções aposentado, que tinha uma esposa também operária, seu grupo social era a classe dos trabalhadores assalariados, os pobres, os subalternos, e foram os problemas destes que inspiraram as estrofes do poeta – até porque eram esses mesmos indivíduos que consumiam literatura de cordel, pessoas que frequentavam a Feira de São Cristóvão e circulavam pela Praça XV. Muitos que ainda não possuíam a televisão em suas residências, mas tinham o desejo de estar informados e de ver suas reivindicações transmitidas em alguma forma de comunicação. Como sintetizou, de forma romântica, o poeta Abraão Batista, “o poeta escreve para o povo, sobre o povo” (Entrevista a autora. Salvador, 21/04/2009).

O conjunto das obras do poeta não é extenso em número, mas sim em abrangência de tempo. Apolônio dos Santos escreveu, intensamente, durante quase quatro décadas, de 1960 até meados da década de 1990. Manteve sua produção ativa durante todo esse período, o que possibilitou registrar os vários momentos políticos e sociais vividos no Brasil. Reflete a afirmação de Gramsci “[...] a quantidade não pode ser destacada da qualidade” (1979, p. 9) – o que significa que é preciso levar em consideração o potencial da fonte e analisar que a quantidade e suas variações devem ser compreendidas de forma crítica.

O poeta não foi restrito em suas criações. Pelo contrário, entre suas 265 obras, é possível encontrar uma diversidade de temas, conteúdos, modalidades e estilos. Esse é mais um dos fatores que valida a importância do estudo das obras deste poeta, que compõe sobre cangaço, política e seca, mas que também escreve romances, histórias fictícias e humorísticas, sem deixar de lado os relatos sobre os fatos e acontecimentos vivenciados. Diante dessa diversidade temática, torna-se legítima a fala do próprio Apolônio dos Santos, em entrevista ao professor Mark Curran, quando diz: “O poeta popular de cordel é considerado o mesmo artista como um autor ou escritor de romances e novelas, etc. Pois o poeta popular também não só escreve versos como cria história imaginária, ficção.” (2014, p. 331).

Realizar um estudo utilizando a literatura popular de folhetos de cordéis transpõe, inevitavelmente, o conceito de cultura popular, acerca do qual, neste trabalho, optamos por adotar as ideias de Roger Chartier. Apesar da multiplicidade de sentidos que o termo cultura popular pode oferecer e que, ao longo dos séculos,

foram mudando conforme seus contextos, Chartier apresenta, em seus estudos, um conceito que pode dialogar, de forma pertinente, com o objeto desta pesquisa. Para o teórico, a Cultura Popular não está no restrito, descrição e estudo dos objetos, no caso o folheto de cordel, mas sim nas “formas de apropriação” que a sociedade realiza dele. Afirma que “[...] o que importa, de fato, [...], é sua apropriação pelos grupos ou indivíduos”. E sem nenhuma supervalorização das hierarquias das camadas sociais, os diferentes modos de utilização do objeto e as relações obtidas através dele ocorrem de forma “circular na sociedade”, são as reciprocidades culturais entre as estruturas (CHARTIER, 1995, p. 184).

Ginzburg (2006) apresenta o conceito de Circularidade Cultural, compreendido na produção intelectual e cultural, que está despreendido das normas impostas pela sociedade ou instituição acadêmica. Neste sentido, a literatura popular de folhetos de cordéis é uma obra intelectual, constituída de discursos, e produto da cultura, devido à sua dinâmica, sua circularidade. A ideia de circularidade cultural propõe ainda que não existe uma homogeneidade entre as estruturas, pelo contrário, elas são entre si interativas, construtivas, permeáveis. A cultura da classe dominante apropria-se das práticas dos grupos subalternos, bem como os dominados se apropriam e recriam práticas discursivas dos dominantes.

Refletir sobre as relações sociais proporcionadas pelos objetos da cultura popular também é uma discussão proposta por Peter Burke. Referindo-se às camadas da sociedade, ele afirma que o pesquisador do popular deve “[...] concentrar-se na interação e não na divisão entre elas” (2010, p. 17). Assim como Gramsci, que propõe a “hegemonia cultural”, em que a cultura de elite e a cultura popular interagem. E os sujeitos sociais, que promovem essa interação, são os que Gramsci chama de “intelectuais” (GRAMSCI, 1979, p. 10).

Nenhuma atividade é puramente braçal, todas exigem a elaboração da técnica, logo o exercício mental. Assim “Todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então; mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais” (GRAMSCI, 1979, p. 7). O que causa distinção é a maneira com que cada um exerce a prática de sua intelectualidade na sociedade.

O estudo dos folhetos de cordéis deve, portanto, ser uma análise das suas formas de utilização como mecanismo de comunicação – sem nos restringirmos a pensá-los como uma comunicação popular, produzida apenas por e para as camadas subalternas; mas, pelo contrário, analisando que essa produção foi

utilizada politicamente para propagar discursos e reafirmar ideias. Por isso, entendemos que os usos e interpretações são apropriações para se construir práticas dentro dos processos históricos (CHARTIER, 1995, p. 184).

Classes subalternas, termo utilizado nesse trabalho, define-se de forma heterogênea, constituída por indivíduos não participantes dos grupos dominantes, mas que têm suas produções intelectuais exercidas em atividades que interferem de alguma maneira na sociedade, e que estabelecem de diversas maneiras relações sociais. São homens e mulheres, operários, domésticas, trabalhadores da construção civil, camponeses, grupos religiosos, étnicos, grupos que, muitas vezes, representam a minoria. Utilizando redefinição de Melo, subalternos pode-se entender também através da relação entre dominador-dominado, que na sociedade capitalista se aplica em diversos espaços (MELO, 1980, p.12).

O folheto de cordel, enquanto comunicação da classe subalterna, segundo Gramsci, é uma forma de expressão dos dominados, em resistência às ações dominantes, porém ele também pode se apresentar como meio para difusão de ideias da classe dominante no círculo dos dominados. Muitas vezes, essa segunda forma de apresentação do folheto se dá através de reafirmações de conceitos superados, genéricos e descontextualizados, como por exemplo, a concepção de um país dividido em dois grandes polos, o Nordeste miserável e o Sul desenvolvido. Outra reafirmação constante nos folhetos é que o migrante do Nordeste tem uma oportunidade de melhorar a vida trabalhando nas indústrias do sul – ideia que em muito beneficia os dominantes proprietários que buscam a mão de obra mais barata.

A pesquisa tem, portanto, como base de sustentação, as ideias gramscianas, compreendendo Apolônio dos Santos enquanto um intelectual orgânico que interfere na sociedade através da sua poesia. O exercício de emitir juízo de valor aos fatos e acontecimentos, atrair o público leitor pelas suas opiniões, o ato de recontar aquilo que já havia sido noticiado pelos meios de comunicação, são práticas que refletem a intervenção do poeta na sociedade através dos seus pensamentos. O intelectual orgânico é ainda um intermediador e organizador de ideias, e sua função é desempenhada quando este sujeito compartilha esses pensamentos com o mundo (GRAMSCI, 1979, p. 7).

Assim, este trabalho está organizado em três seções e, em todas, os folhetos de Apolônio dos Santos foram a principal fonte de pesquisa e análise. A primeira teve por objetivo reconstruir a trajetória de vida de Apolônio dos Santos, a vida

privada e pública que nos folhetos se entrelaçam, o caminho que o poeta trilhou no mundo da literatura popular, as ações políticas e o perfil de suas obras. Nessa seção, também foi evidenciada a trajetória da pesquisa e os caminhos percorridos para obter informações sobre esse poeta, que até então não havia sido estudado em profundidade. Analisamos a vida do poeta com a finalidade de compreender sua obra, a maneira como ele abordou temas, fatos e acontecimentos.

Na segunda seção, a discussão está voltada para a comunicação, analisando os folhetos classificados como de acontecimentos, em que Apolônio dos Santos noticia e informa sobre os fatos. Refletimos sobre os locais de venda do poeta, em especial a Feira de São Cristóvão, e seu público leitor. Discutimos as ambiguidades dos temas abordados e como o discurso do poeta é construído. Analisamos como outros meios de comunicação contribuíram como fontes para o poeta escrever sobre notícias contemporâneas.

Por fim, a terceira seção realizou uma análise direta dos folhetos classificados como políticos. Retomamos o período em que a liderança do país foi passada a Médici, quando a economia vivia seu aparente “milagre econômico”, já que nem todas as camadas foram beneficiadas nesse curto tempo de “sucesso”. Abordamos desde o início da crise na ditadura militar; sua transição “lenta e gradual”, como estratégia do governo de proporcionar a volta da democracia, mantendo o controle da situação; as Diretas Já; a eleição e morte de Tancredo Neves; o governo Sarney e suas táticas para ser aceito, o Plano Cruzado, Nova Constituinte e a primeira eleição direta presidencial; e concluímos com a posse e queda do governo Collor.

2 “OS NORDESTINOS NO RIO E O NORDESTE ABANDONADO” – APOLÔNIO DOS SANTOS EM TERRAS ALHEIAS

Sereno, introspectivo e observador. É assim que Apolônio Alves dos Santos é descrito pelos colegas cordelistas que vendiam folhetos de cordéis no Rio de Janeiro. Nasceu em 20 de setembro de 1926, em Serraria – PB, porém cresceu na cidade de Guarabira – PB, com seus pais Francisco Alves dos Santos e Antônia Maria da Conceição (O NORDESTE, [19--]). Muito jovem, começou a ajudar o pai no trabalho do campo, porém tinha um forte desejo de estudar. Apesar do desejo, cursou apenas até a segunda série do Ensino Primário, o que lhe possibilitou aprender a ler e escrever.

Guarabira és meu berço
do meu tempo de criança
tenho na minha lembrança
teu come e teu endereço
por tanto por qualquer preço
eu visito o meu rincão
venho com satisfação
rever o meu pé de serra
Guarabira minha terra
Te amo de coração. (SANTOS, *O encontro...*, [19--], p. Quarta capa).

Desde cedo, Apolônio dos Santos interessou-se pela arte de fazer rimas e contar histórias, dizia que seu pai tinha um pouco de talento com a poesia e por isso levava sempre folhetos para o filho ler para sua mãe e irmãs nas festas (SLATER, 1984, p. 128). Com dezoito anos, escrevia estrofes completas e rabiscava seus primeiros folhetos (SANTOS, 2009). Não demorou muito para concluir seu primeiro romance, com o título de *Maria Cara de Pau e o Príncipe Gregoriano*, que encontra-se disponível para consulta no acervo da FCRB (Fundação Casa de Ruy Barbosa) e na Biblioteca Atila Almeida – UEPB (Universidade Estadual da Paraíba). Como não tinha condições financeiras para editar e publicar o romance, vendeu-o a José Alves Pontes, em 1948, e no ano seguinte foi realizada a publicação do folheto (O NORDESTE, [19--]).

Aos vinte quatro anos e sem muita perspectiva em Guarabira, Apolônio dos Santos resolveu sair de seu município rumo à cidade do Rio de Janeiro. Assim como muitos nordestinos, experimentou a difícil vida de quem morava na região nordeste do país, sem muita esperança de futuro ou mesmo qualidade de vida. A cidade de

Guarabira, entretanto, nunca esteve entre as regiões do Nordeste mais sofridas em decorrência da seca, muito pelo contrário, era conhecida como *Rainha do Brejo*, por estar próxima da Microrregião do Brejo Paraibano. Também auferiu esse nome por ser uma referência econômica e política na região e pelo grande volume de chuva que sempre recebeu.

Embora Guarabira estivesse a apenas 98 km da capital do estado, João Pessoa, esta não foi uma opção para Apolônio dos Santos. Ele queria algo que pudesse lhe oferecer maiores e melhores perspectivas. A partir das leituras dos cordéis, percebe-se que as poucas condições de vida oferecidas pelos pais, as limitações políticas e econômicas de Guarabira e as prováveis oportunidades que o Sudeste poderia fornecer foram fatores que o impulsionaram a migrar para o Rio de Janeiro, em 1950.

Ao chegar à grande capital, logo começou a trabalhar, exercendo diversas profissões como pedreiro, ladrilheiro na construção civil e porteiro de edifício. Porém, não conseguiu desenvolver, de forma significativa, sua carreira como poeta, pois a vida nos canteiros de obra era difícil e fatigante.

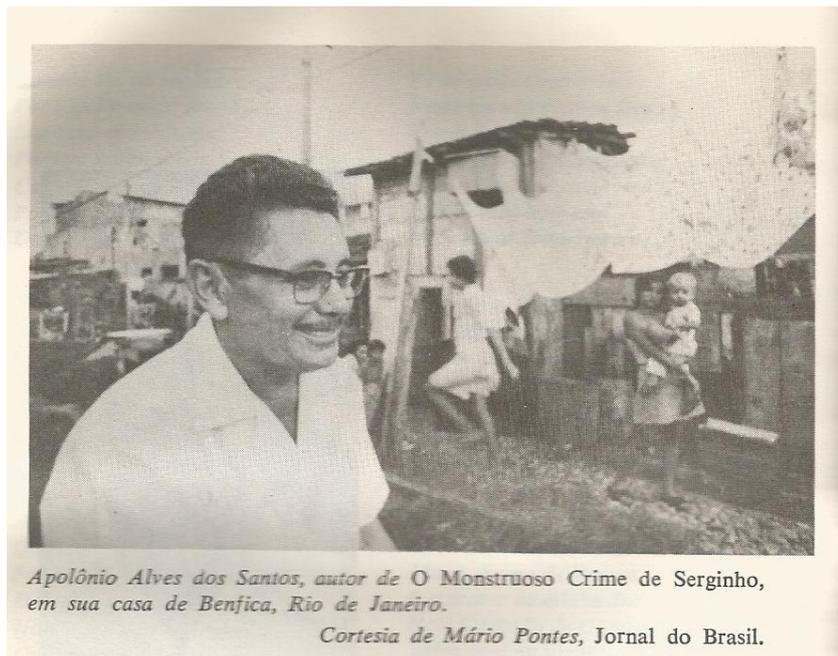
Apolônio dos Santos continuou alargando seus horizontes. Em 1959, seguiu para Brasília, onde estava sendo construída a nova capital do Brasil. Lá como pedreiro, o poeta aperfeiçoou seus versos e começou uma produção um pouco mais expressiva. Agora não apenas trabalhava nos canteiros de obra, mas também produzia e vendia seus folhetos de cordéis. Com o término da construção, em 21 de abril 1960, Brasília foi inaugurada e Apolônio dos Santos escreveu o folheto *A construção de Brasília e sua inauguração*, que esgotou rapidamente (BELIZARIO NETO, 2010)¹. Diferente da maioria dos trabalhadores, que fixou residência nas cidades-satélites do Distrito Federal, ele resolveu voltar para o Rio de Janeiro – contando então com uma estrutura financeira melhor para dar continuidade à sua carreira como poeta cordelista.

Na capital fluminense, conheceu Dona Enedina Silva Martins, que também havia migrado do Nordeste para o Rio de Janeiro com o intuito de trabalhar. Durante anos, ela foi funcionária da empresa Casa da Borracha, em que também se aposentou (SILVA, G. Entrevista a autora. Rio de Janeiro, 27/11/2014). Apolônio dos Santos casou-se com ela, oficialmente, em 1968, que se passou a chamar, Enedina

¹ Até o momento o folheto sobre a inauguração de Brasília não foi encontrado em nenhum dos principais acervos de cordéis.

Silva dos Santos. Viveram juntos até os últimos dias de vida do poeta (SILVA, M. Entrevista a autora. Campina Grande, 27/02/2015). Moraram durante anos no bairro Benfica, região próxima a sede do 16º Distrito Policial, onde as casas eram improvisadas, sem organização, asfalto, saneamento, e onde residiam outros nordestinos, trabalhadores, operários, pobres (SLATER, 1984, p. 127).

Figura 1 – Fotografia. Apolônio dos Santos em seu bairro Benfica.



Fonte: SLATER, 1984, p. 182.

Como o casal não teve filhos, encontrar informações a respeito da vida particular tornou-se um grande desafio para este trabalho de pesquisa; porque em geral, após a morte de um cordelista, os filhos cuidam de manter suas memórias, documentos, dados que podem ser disponibilizados ao pesquisador. Esse não foi o caso de Apolônio dos Santos; que, contudo, deixou informações biográficas em seus próprios escritos. No folheto *O divórcio no Brasil* um folheto, por exemplo, ele revela que, mesmo de maneira informal, havia passado por uma convivência conjugal antes de conhecer Dona Enedina. Ele diz “casei-me novamente” e nos versos anteriores conta que, antes de migrar para o Rio de Janeiro, vivera outro relacionamento e que não havia sido muito feliz. Após sua viagem ficou sabendo por carta de sua irmã que a mulher também teria ido embora para outras “bandas” (SANTOS, [1977?], p. 6).

De volta ao Rio de Janeiro, Apolônio dos Santos passou então a priorizar sua carreira, dedicando-se exclusivamente à produção de cordel. Aos 63 anos, o poeta e sua esposa Enedina dos Santos resolveram voltar para sua terra natal, Paraíba. Apesar de tantos anos no Rio de Janeiro, sempre foi seu desejo voltar para o Nordeste e viver mais tranquilamente.

Nos folhetos escritos por Apolônio dos Santos após seu retorno à Paraíba, encontramos o seguinte endereço nas quartas capas dos folhetos publicados a partir da década de 1990: Rua Dr. Eduardo Correia de Lima, nº 12, Quadra 95, Conjunto Álvaro Gaudêncio – Bodocongó, bairro mais conhecido como Malvinas. Em visita ao local, encontramos uma antiga casa e uma senhora, de nome Maria José da Silva, sobrinha do casal por parte de Dona Enedina dos Santos. Foi através da Sr.^a Maria José que obtivemos algumas informações pessoais sobre o cordelista.

Abaixo a fotografia do casal, único registro que ficou com a sobrinha a Sr.^a Maria José da Silva.

Figura 2- Retrato pintado. Apolônio dos Santos e Enedina dos Santos



Fonte: Acervo familiar da sobrinha Maria José da Silva.

Em 1989, a ida para Campina Grande foi definitiva. Na cidade, passaram a morar em um anexo da casa da sobrinha. O poeta continuou escrevendo e publicando seus folhetos, que eram enviados para revendedores no Rio de Janeiro, até o adoecimento que o levou a falecer, no dia 18 de novembro de 1998. Lutou

contra o diabetes por anos, mas foi um câncer no estômago a causa do seu falecimento. Chegou a realizar uma cirurgia, mas após um mês internado no Hospital Alcides Carneiro, não resistiu (SILVA, M. Entrevista a autora. Campina Grande, 27/02/2015). Segue Certificado de Óbito do poeta.

Figura 3 – Certidão de óbito de Apolônio Alves dos Santos.


REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DA PARAÍBA
Serviço Registral Figueirêdo Fernandes
Cartório do Registro Civil de Bodocongó

Roseane de Figueirêdo Castro Fernandes - Oficial do Registro Civil Vitor de Figueirêdo Castro Fernandes - Oficial

CERTIDÃO DE ÓBITO - INTEIRO TEOR

NOME:
APOLÔNIO ALVES DOS SANTOS

MATRICULA:
0724210155 1998 4 00006 025 0003274 39

Eu, Marcelle Regadas Moreira, Escrevente Compromissada, deste Serviço Registral Figueirêdo Fernandes, da Comarca de Campina Grande, Estado da Paraíba, tendo em vista a autorização judicial fundamentada, expedida pelo(a) , , na forma do § 2 do art. 6º da lei 8.560/92, etc.

CERTIFICO que às folhas 25-F, sob número 3274 do livro C-00006 de Registro de Óbito, consta o registro de teor seguinte:

"Em **dezenove de novembro de um mil novecentos e noventa e oito (19/11/1998)**, neste Serviço Registral Figueirêdo Fernandes, da Comarca de Campina Grande, Estado da Paraíba, compareceu a Sra. Maria José da Silva, brasileira, declarou que, **FALECEU APOLÔNIO ALVES DOS SANTOS**, do sexo masculino, brasileiro, com 78 anos de idade, nascido em vinte de setembro de um mil novecentos e vinte (20/09/1920), casado, aposentado, residente e domiciliado: rua: Eduardo Correia Lima, 12, Bodocongó, Campina Grande-PB, natural de Guarabira-PB. Filho de Francisco Alves dos Santos e Antonia Maria da Conceição. **FALECEU** em dezoito de novembro de um mil novecentos e noventa e oito (18/11/1998) às 15 horas e 45 minutos, no Hospital Universitario Alcides Carneiro, tendo como causa "mortis" Neoplasia gástrica, de acordo com atestado de óbito.
Sepultado no Cemitério do Araxá.
Lido e achado conforme pelo declarante.
Termo lavrado de acordo com a Lei Federal nº 6.015 de 31 de dezembro de 1973. Nada mais declarou. Eu, Roseane de Figueirêdo Castro Fernandes - Oficiala do Registro Civil que mandei digitar. Eu, Marcelle Regadas Moreira, Escrevente Compromissada, que o digitei e assino no final. Dou fé."

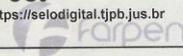
Obs: Nada mais continha o referido Termo.
O referido é verdade, dou fé.

Campina Grande-PB, 25 de agosto de 2015

Marcelle Regadas Moreira
Marcelle Regadas Moreira
Escrevente Compromissada



Selo Digital: **AAL79156-OG5**
Consulte a autenticidade em: <https://selodigital.tjpb.jus.br>

Av. Rio Branco nº1146 Prata, Campina Grande-PB-cartoriodebodocongo@gmail.com
VÁLIDO EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL. QUALQUER ADULTERAÇÃO OU RASURA INVALIDA ESTE DOCUMENTO

Nº 071070 B
ORIGINAL ORIGINAL ORIGINAL

Fonte: Acervo do Memorial José Camelo de Melo Resende. Documento é uma segunda via.

2.1 O TRABALHO QUE MOVE A VIDA: NORDESTE, SUDESTE E A NOVA CAPITAL FEDERAL.

O processo de migração, do Nordeste para o Sudeste (especialmente Rio de Janeiro e São Paulo), na metade do século XX, era intenso principalmente devido à instalação de novos polos industriais para o desenvolvimento da economia. É neste cenário que muitos nordestinos deixaram suas cidades para ocupar as vagas de operários e serventes nas grandes capitais. Nelas eram oferecidos registro na carteira de trabalho, salário fixo e outros direitos trabalhistas assegurados, como pode ser visto no folheto de Apolônio dos Santos:

Apesar do sacrifício
aqui no Rio de Janeiro
tem o salário família
e mais o décimo terceiro
o pobre vive empregado
e livre do fazendeiro

Pois aqui o operário
tem direito a garantia
tem seguro e instituto
de aposentadoria
ficando incapacitado
o instituto auxilia. (SANTOS, *Os Nordestinos...*, [19--], p. 4 e 5).

No entanto, é preciso pensar no processo migratório a partir da perspectiva “do sacrifício”, mencionado no primeiro verso da estrofe. O mesmo nordestino que comemora os benefícios trabalhistas encontrados no sudeste, sofre com a hostilidade dos habitantes locais. Os nordestinos são recebidos como indivíduos inferiores, de pouco estudo, sem nenhuma cultura, que vêm da região pobre e miserável, que não se desenvolve porque seus habitantes são preguiçosos. São estereótipos lançados aos nordestinos, sendo que muitos perduram até os dias atuais.

No folheto *Os Nordestinos no Rio e o Nordeste Abandonado*, Apolônio dos Santos descreve as dificuldades enfrentadas no cotidiano dos trabalhadores nordestinos – como as moradias em barracos nos morros e subúrbios, o trabalho pesado na construção civil, a má qualidade da alimentação e as condições precárias de repouso. Mesmo diante de tais dificuldades, ele reitera que:

[...] o Nordeste é
destemido e lutador
que luta pelo progresso
multiplicando o valor
pois toda riqueza nasce
da mão do trabalhador. (SANTOS, *Os Nordestinos...*, [19--], p. 7).

O poeta deposita na figura do sujeito nordestino a força que move o Sudeste, fazendo-o crescer e se desenvolver. Porém, Apolônio dos Santos deixa evidente seu total discernimento de que o êxito do Sudeste não trazia benefício direto para o crescimento do Nordeste. Ainda assim, caberia ao nordestino a “missão” de trabalhar, pois a luta é para tornar “... o nosso País / mais rico e elevado”. Esta é uma caricatura real de que a região Sudeste era a representação do Brasil, na mentalidade do poeta cordelista, dos nordestinos e do povo brasileiro em geral.

Na futura capital, Brasília, Apolônio dos Santos juntou-se a outros nordestinos e trabalhadores, oriundos de vários estados do Brasil, que ficaram conhecidos como *candangos*. Receberam este nome por serem trabalhadores imigrantes, modestos e malvestidos. De acordo com o Censo Experimental de Brasília de 1959 (BRASIL, C., 1959), 44% da população que ocupava a nova capital era oriunda da região Nordeste. Em 1958, o Nordeste viveu uma das suas piores secas da história, com isso o fluxo migratório aumentou de forma significativa, e um dos destinos mais escolhidos era Goiás, onde Brasília estava sendo construída.

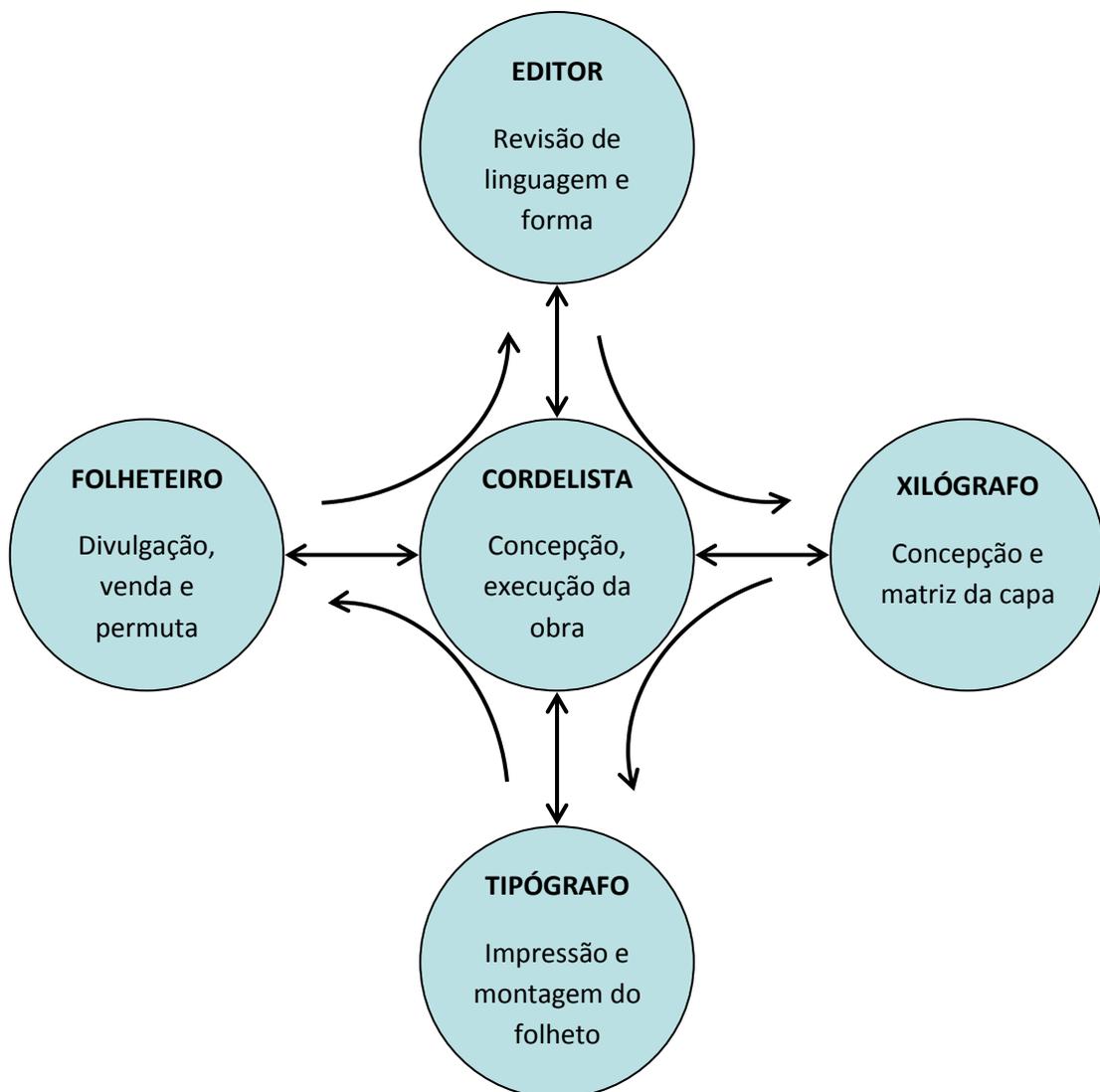
Os *candangos* nordestinos arriscavam suas vidas viajando para a nova capital em construção – o deslocamento era realizado em paus-de-arara, caminhões adaptados que não ofereciam nenhuma segurança. Esses sujeitos reconheciam o risco, mas tinham seus objetivos. A melhoria de vida era o desejo de todos, mas eles estavam cientes da vida dura que passariam a ter, trabalhando muito e sofrendo com o preconceito por serem nordestinos.

Junto com a coragem para levantaram fisicamente uma cidade, os operários deram a Brasília um pouco da cultura, da identidade, dos costumes e valores, dos quatro cantos do país. Ao término da construção, o dinheiro dos *candangos* era insuficiente para adquirir terras na nova capital, assim muitos ficaram nas atuais cidades-satélites.

2.2 CICLO PRODUTIVO E RELAÇÕES SOCIAIS MOBILIZADAS PELO CORDEL

O contato mais comum da população nordestina com o cordel ocorre, até os dias atuais, em feiras livres, em que os folhetos são expostos a seus possíveis compradores. A venda dos folhetos, entretanto, é apenas a última etapa de um longo processo de produção, que vemos representado a seguir:

Figura 4- Processo de produção do folheto de cordel.



Fonte: Elaborado pela autora.

A professora Rosilene Melo, escrevendo sobre a Tipografia São Francisco, discute sobre a articulação das atividades que existe durante todo processo de produção (MELO, 2010, p. 79). Não existem funções isoladas. Os sujeitos que participam da elaboração do folheto precisam estar conectados a todo tempo, cada um desempenha sua função, mas ao mesmo tempo participa e colabora na função do outro. O cordelista é a peça chave desse processo, que faz toda articulação das informações para que o produto final tenha coerência e seja apropriado ao tema proposto.

A tipografia é o local de produção, é onde o folheto de cordel passa por todo processo de impressão. O proprietário da tipografia pode ser chamado de tipógrafo, é ele quem coordena e fiscaliza todo trabalho de montagem das matrizes com os tipos, o procedimento de impressão e a montagem dos folhetos. O tipógrafo também poderia, nas décadas de 1960 a 1990, ser editor, como é o caso do proprietário da Tipografia Pontes, José Alves Pontes. Ele não apenas fazia a impressão de muitos dos cordéis de Apolônio dos Santos, como também trabalhava na edição, corrigindo a parte ortográfica e de composição poética, pois ele também atuava como poeta de folhetos de cordéis. A Tipografia Pontes localizava-se em Guarabira na Rua Prefeito Manoel Simões, foi inaugurada em 1960 quando o proprietário José Pontes comprou de Manoel Camilo peças e máquinas. Em entrevista ao professor Maurílio Sousa (2009, p. 153-154), Pontes afirmou que a tipografia funcionou até meados da década de 1980.

Um dos elementos mais importantes do folheto de cordel é a capa, porque ela é a primeira imagem com que o leitor tem contato. Na banca de cordel, os folhetos são expostos de forma que o cliente possa ver todas as capas. Elas, em geral, são compostas pelo título, nome do autor e imagem.

Até 1920, os folhetos de cordéis eram ilustrados através de clichês zincografados, com imagens de revistas e jornais. Eram gravados nas capas dos cordéis sem muita preocupação em harmonizar com o poema do folheto. A partir da segunda década do século XX, é que as tipografias começam a se preocupar em ilustrar a capa do folheto de acordo com o tema abordado. Os editores perceberam que a ilustração chama mais a atenção do leitor e por isso aumenta o número de vendas.

O professor Rodrigo Correia aponta alguns fatores que podem ter contribuído no processo de tornar a xilogravura uma tradição. O excesso de madeira nas

regiões do nordeste; o distanciamento com os novos recursos gráficos para criação de imagens; o baixo custo de produção; e a obra de Mestre Noza, “Via Sacra”, publicada em Paris, que proporcionou a técnica um caráter oficialmente artístico. Para ele, a xilogravura passou a integrar o espaço artístico popular brasileiro, quando ganhou características técnicas peculiares do nordeste. As ilustrações xilogravadas, que são criadas com base na leitura do folheto, quando prontas e impressas nas capas, transmitem em uma linguagem direta entre a mensagem do emissor (o cordelista) e o receptor (o leitor) (CORREIA, 2011).

É nesse contexto que a xilogravura passa a ser inserida nas capas de cordéis, por ser uma arte de confecção barata e passível de encomenda. A Xilogravura é uma arte que, assim como o cordel, tem origens europeias, apesar de a técnica ter surgido na China por volta de século VI. Chegou ao Brasil através dos jesuítas, que a utilizavam na divulgação das imagens dos santos, e foi, ao longo dos anos, se reformulando e ganhando novos significados. Atualmente, a xilogravura está totalmente incorporada ao universo da arte popular nordestina, tanto em parceria com o folheto de cordel como na condição de obra artística independente.

A publicação do cordel passa também pela criação dos meios de divulgação e marketing, que normalmente é feito na quarta capa do folheto. Nesse espaço, habitualmente são indicados os locais de impressão ou venda, informações sobre o autor, sugestões de outros títulos para leitura ou mesmo uma propaganda. Quando o poeta tem uma banca ou barraca fixa de venda dos folhetos de cordéis, ela é chamada de folhetaria e o proprietário da banca de folheteiro e/ou cordelista. Isso significa que nem todo folheteiro é um cordelista, podendo ser apenas proprietário e vendedor na banca; apesar de se constituir em exceções. Mark Curran (2014, p. 10) explica que existem agentes folheteiros com a função apenas de viajar vendendo os folhetos. Em geral, no período em estudo, a folhetaria pertencia ao próprio cordelista.

O cordelista/proprietário da banca cuida da divulgação do seu próprio material, mas também dos folhetos de outros autores, que são adquiridos por meio de permuta. A divulgação não está apenas no escrito da quarta capa, ela também é realizada pelo poeta quando este se comunica e interage com seu público. Por exemplo, existia uma associação entre ser *Nordestino* e a qualidade do cordel. O cordelista faz questão de falar ao leitor que a originalidade do seu cordel decorre de ser um *poeta nordestino*. Ele também destaca seu conhecimento, tenta mostrar, a

todo instante, a diversidade de assuntos em sua banca. Muitos cordelistas cantam seus versos como forma de atrair a atenção dos leitores.

O fato do cordelista não ser desenvolvido em versar seus poemas em voz alta não desvincula literatura de cordel da tradição oral. Referindo-se ao folheto de cordel Lemaria afirma que “Esse texto impresso é um suporte da voz, da memória”. A construção poética exige a rítmica, a memorização, o improviso, a cantoria, ainda que estes elementos ocorram em silêncio, mentalmente no momento da produção, sem uma *performance* pública, esses se encontram na passagem do texto oral para o impresso (LEMARIA, 2002). A declamação dos versos é uma estratégia utilizada pelos poetas, que memorizam e cantam em voz alta as primeiras estrofes do folheto, para atrair o leitor-ouvinte e ocultam o final para despertar o interesse e curiosidade. Essa é uma prática comum nas feiras livres da região Nordeste, mas também em centros urbanos, como a Feira de São Cristóvão no Rio de Janeiro, um dos principais locais para realização dessas *performances*.

2.3 O CORDELISTA APOLÔNIO DOS SANTOS

2.3.1 Produção literária

Apolônio dos Santos desenvolveu sua carreira poética no Rio de Janeiro, mas não limitou as abordagens de produção ao espaço geográfico em que se encontrava. Seus folhetos deixam evidentes três importantes aspectos. O primeiro é que ele não esqueceu em nenhum momento o seu local de origem; prova disso é que na maioria de seus cordéis, existe alguma referência à região Nordeste. O segundo é que ele não se restringia aos acontecimentos da capital. O terceiro é sua visão de mundo, exposta nos temas e abordagens tratados nos folhetos, que vão de problemáticas brasileiras a internacionais.

O deslocamento faz surgir no cordel de Apolônio dos Santos um encontro entre campo e cidade. Entre o novo – Rio de Janeiro – e o longínquo – Nordeste. O deslocamento não se torna um problema para o poeta e sim uma oportunidade de resignificação, que o inspira a uma nova escrita. Observemos os versos do folheto com o título *A Discussão do Carioca Com o Pau-de-Arara*:

Certo dia feriado
 sendo o primeiro do mez [sic]
 fui tomar uma cerveja
 no bar de um portuguez [sic]
 lá assisti uma cena
 agora pego na pena
 para contar pra vocês

Quando eu estava sentado
 chegou nessa ocasião
 um velho pernambucano
 daqueles lá do sertão
 com a maior ligeireza
 foi se sentando na mesa
 pediu uma refeição. (SANTOS, 1987, p. 1).

No título do folheto há um encontro, entre campo – representado pela figura do *Pau-de-Arara*, um meio de transporte muito utilizado no deslocamento do nordestino – e a cidade – representada pelo nome atribuído a quem é natural do Rio de Janeiro: *Carioca*. No enredo do folheto, o encontro, ou melhor, o desencontro entre os personagens fica ainda mais presente. O folheto conta o diálogo entre os dois sujeitos, um nordestino de Pernambuco, que havia migrado para o Rio de Janeiro e outro estrangeiro, que se apropriou da cidadania carioca, mas era de Portugal. Eles começam uma discussão por causa da qualidade da comida vendida no bar, a partir daí passam a trocar ofensas e acusações, não apenas da forma direta, pessoa para pessoa, como também às suas regiões.

Outros títulos de Apolônio dos Santos podem ser mencionados, pois é possível perceber esses encontros, que, na verdade, mais são confrontos e embates, um paralelo entre o campo e a cidade. Outros exemplos são: *Um Matuto do Sertão Chegando ao Rio de Janeiro*; *Briga de Zé do Norte com o Morro da Mangueira*; *Os Nordestinos no Rio e o Nordeste Abandonado*.

A utilização constante de temas que retratavam o Nordeste e o nordestino migrante evidencia o quanto Apolônio dos Santos, apesar dos muitos anos fora da Paraíba, permanecia ligado a sua terra natal. Essa conexão com o Nordeste foi uma das maiores inspirações para que ele perseverasse na carreira de poeta cordelista.

Além desse confronto, outros temas contemporâneos emergem de suas obras. O poeta, por exemplo, levava muito a sério seu matrimônio e mostrava ter bastante apreço pela sua senhora. Nos anos 1970, quando a sociedade estava envolvida com a discussão sobre o divórcio, Apolônio dos Santos escreveu dois

folhetos, *O Divórcio* e *O Divórcio no Brasil*, expressando sua opinião e utilizando sua vida pessoal como exemplo. Ele conta:

Eu no Rio de Janeiro
 casei-me de novamente
 com uma outra nortista
 compreensível e decente
 nosso viver é de pobre
 mas o proceder é nobre
 graças a Deus felizmente. (SANTOS, [1977?], p. 6).

Apolônio dos Santos escreve esses versos provavelmente em 1977, quando o assunto era debatido pela sociedade brasileira com a Lei nº 6.515 de 26 de dezembro de 1977, que aprova o término do casamento através da solicitação do divórcio por um dos cônjuges. O poeta, em *O Divórcio no Brasil*, apoiava a lei do divórcio, ainda que defendesse o casamento como um princípio instituído por Deus.

Figura 5- Ciro Fernandes. Xilogravura. O Divórcio No Brasil.



Fonte: Acervo particular da autora.

A capa mostra a ilustração feita pelo xilógrafo Ciro Fernandes para o tema carregado de polêmicas. O xilogravador, que também é oriundo da Paraíba, migrou para o Rio de Janeiro em 1942. Na capital, aprendeu e desenvolveu suas técnicas de desenho e entalhe, até que se tornou xilógrafo profissional (GRAVURAS, [19--]).

O artista retrata em seu desenho o tema do divórcio, representando, através de pequenos detalhes, as consequências que podem ser geradas por esse novo direito do cidadão, de acordo com o poema de Apolônio dos Santos. Observa-se na capa um homem e uma mulher, ambos com malas nas mãos, disputando um aparelho de televisão e uma criança. A cena representa as problemáticas que o divórcio suscita, como a disputa dos bens e da guarda dos filhos.

Em muitos dos folhetos, Apolônio dos Santos deixou marcada também sua religiosidade. A primeira estrofe quase sempre é um apelo para que Deus, os Santos ou os Deuses o ajudem a escrever. A oração “Peço a santa permissão / de Deus nosso Pai Eterno / para eu em poesia / escrever neste caderno” (SANTOS, *Nosso...*, [19--], p.01) ressalta o lado religioso do poeta, que assumia o cristianismo Católico como sua religião oficial, apesar de afirmar também que não era praticante.

Existe nos versos uma busca pela inspiração divina, evidenciando a dependência do homem por uma força espiritual maior. Em quase todos os folhetos, Apolônio dos Santos, quando oportuno, refere-se a Deus como ser superior para resolver as “causas” terrenas; bem como versa as *Cartas* escritas por políticos que morreram e que do céu enviam bons conselhos aos seus sucessores na terra.

A literatura de cordel, durante o século XX, passou a ser fonte de pesquisa para estudiosos em áreas do conhecimento diversas. Um dos objetivos de pesquisadores brasileiros foi de classificar os folhetos de cordéis de acordo com seus conteúdos. Para isso, estudiosos como Ariano Suassuna, Cavalcante Proença, Orígenes Lessa, Luís Câmara Cascudo, Roberto Câmara Benjamin, Carlos Alberto Azevedo, dentre outros, criaram diferentes categorias para a literatura popular de cordel. Porém, compreendemos que, como afirmou Gonçalo Ferreira da Silva, “[...] a classificação autêntica popular nasceu da boca dos próprios poetas.” (2014, p. 40). Assim utilizaremos a classificação feita por Apolônio dos Santos.

A classificação dos cordéis é realizada por Apolônio dos Santos em sua participação no catálogo *O Cordel no Grande Rio* (1985). Os folhetos estão organizados em: ABCs; Acontecimentos; Animais; Cangaco; Contos; Descrição; Pelejas e Discussões; Política; Religião; Romance; Sociedade. Dentro desses grandes grupos, o autor criou subgrupos com temas que se desdobram a partir da temática maior. Essa classificação nos permite visualizar o amplo repertório de cordéis publicados, em diferentes estilos poéticos e sobre temas variados. São cordéis para informação, mas também para diversão, que proporcionavam ao

público leitor conhecer e refletir sobre seu contexto social, assim como navegarem na imaginação em histórias ficcionais.

Do inventário que realizamos, registramos um total de 265 folhetos de cordéis de Apolônio dos Santos, o que contradiz informações de sites que disponibilizam a biografia do autor, afirmando que sua produção é de aproximadamente 120 folhetos. Essa, na verdade, é uma informação fornecida pelo próprio autor em alguns folhetos na década de 80; como ele escreveu até vésperas do falecimento, esses dados não abrangem todas as obras publicadas. Em uma catalogação realizada e assinada pelo poeta (anexo III) estão registrados 206 folhetos. Provavelmente ele tenha organizado essa lista entre os anos de 1992 a 1998, isso porque consta um título de cordel sobre o processo de impeachment do ex-presidente Collor. Alguns desses títulos não foram encontrados em nenhuma das instituições pesquisadas, é possível que nunca tenham sido publicados, ou mesmo, seus exemplares podem ter esgotados.

Apolônio dos Santos fazia questão de participar de todo processo de produção, publicação e divulgação de suas obras. Ele era perfeccionista na construção poética, em especial, na métrica. Sua sobrinha, Sr.^a Maria José, conta que os dicionários eram os grandes companheiros no momento da escrita. A composição, a revisão ortográfica e a métrica eram extremamente importantes para Apolônio dos Santos, sendo caracterizado por outros poetas como meticuloso. Esta é uma das características do poeta que escreve o folheto de cordel e que se difere do poeta cantador. A pesquisadora Rosilene Melo aponta essa distinção:

Na poesia de bancada não havia lugar para o improviso. Nenhuma palavra era colocada, como na cantoria, de repente. Tratava-se de um trabalho minucioso de escolhas das expressões que ocupariam, de maneira cuidadosa, o lugar permitido pela métrica. No entanto, o cuidado com as regras de metrificação não significava restrições à verve criativa do narrador. (2010, p. 80).

Ele escrevia predominantemente seus folhetos em sextilhas de heptassílabo ou octossílabo, com rimas de combinações variadas. Das sextilhas mais utilizadas por Apolônio dos Santos destacamos duas. A sextilha rimada de sete sílabas na forma ABCBDB; e o mourão dialogado com rimas em ABC BD DB. Encontramos entre os folhetos cordéis que foram escritos com décimas de heptassílabo, no estilo

do Martelo Agalopado, em que as rimas se combinam em AAABBCCB ou ABBAACCCDDC; e um folheto com estrofes de oitava ou oito pés, de heptassílabo.

Outra característica dos poetas tradicionais é o mote². Registramos a presença do mote em pelo menos três folhetos, sendo que, nesses folhetos, o mote criado por Apolônio dos Santos tem apenas um verso, desviando assim da forma mais tradicional.

Hoje o leite é congelado
num saco plastificado
já com água misturado
seu gosto ficou pra traz
só tem um que satisfaz
é o que vem enlatado
mas vem num preço danado
bom tempo não volta mais. (SANTOS, *Bom tempo...*, [19--], p. 01).

No início da sua carreira de poeta, Apolônio dos Santos não tinha máquina de datilografar, assim, escrevia seus versos em folhas de papel pautado. Somente na década de 1970 adquiriu sua máquina de datilografia. Os originais eram enviados para a gráfica, o editor fazia a correção e reenviava ao poeta, para as adequações. Nesse processo, o poeta contatava o xilógrafo e lhe entregava o poema completo para que lhe servisse de inspiração para criar a xilogravura que iria compor a capa.

Os principais locais de edição e impressão dos folhetos de Apolônio dos Santos foram a Gráfica e Editora Dantas Ltda., Luana Artes Gráficas e Editora Ltda. e a Tipografia Pontes. Desses locais, a Tipografia Pontes foi a que mais publicou folhetos do poeta, a partir da década de 1970. Ela pertencia a José Alves Pontes, que acompanhou Apolônio dos Santos desde o início de sua carreira. As outras duas gráficas citadas publicaram folhetos a partir da década de 1980, junto com a Tipografia Pontes (anexo I).

Em entrevista, Marcelo Alves Soares, filho de José Soares, O Poeta Repórter, explicou que o custo para publicar um folheto era muito alto. Poeta e xilógrafo, conheceu Apolônio dos Santos no Rio de Janeiro, na Feira de São Cristóvão. Natural de Pernambuco, aprendeu a arte da xilogravura para ilustrar os folhetos do seu pai, visto a dificuldade de encontrar gravador em sua região e também para reduzir os custos na produção do cordel (SOARES. Entrevista a autora. João

² Mote é a repetição de dois ou quatro versos no final de cada estrofe. Ver sobre características da composição poéticas em: ALMEIDA, Átila Augusto de. SOBRINHO, José Alves. *Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancadas*. João Pessoa: Editora Universitária, 1978.

Pessoa, 26/02/2015). Ele ilustrou algumas das capas de folhetos de Apolônio durante a década de 1980 e juntos vendiam folhetos em feiras e praças.

Segundo ele, apenas cordelistas que já tinham “nome na praça” poderiam custear sua produção. A Gráfica Luana Artes localizava-se no Rio de Janeiro, porém cobrava muito caro para editar e imprimir um folheto. Esse era um dos motivos por que Apolônio dos Santos preferia publicar com a Tipografia Pontes. Apesar de se localizar na Paraíba, gerando custos relativos ao envio pelos correios, no final ainda teria uma despesa mais baixa do que se publicasse no Rio de Janeiro. A única desvantagem de contratar uma tipografia do Nordeste era o tempo que levava para que os folhetos ficassem prontos e chegassem às bancas de venda, já que o serviço do correio poderia levar até 30 dias para realizar a entrega (SOARES. Entrevista a autora. João Pessoa, 26/02/2015).

Em entrevista à pesquisadora Slater em 1977, Apolônio dos Santos relata sua insatisfação com o longo tempo que os folhetos levavam para chegar em suas mãos, para então vender. Na entrevista o poeta se refere a sua relação com José Alves Pontes proprietário da Tipografia Pontes, localizada em Guarabira, e a qual mantinha relação comercial de anos. Exemplificando esta dificuldade, ele citou o folheto *O Monstruoso Sequestro de Serginho*:

Está claro que isso cria problemas. Continuo a fazer negócios com ele porque me dá crédito, mas levou tanto tempo para me mandar *Serginho* de volta para mim que o povo perdeu interesse pela estória, e só vendi mil exemplares. Ora, se eu tivesse uma impressora aqui, teria vendido pelo menos dez vezes mais! (SLATER, 1985, p. 128).

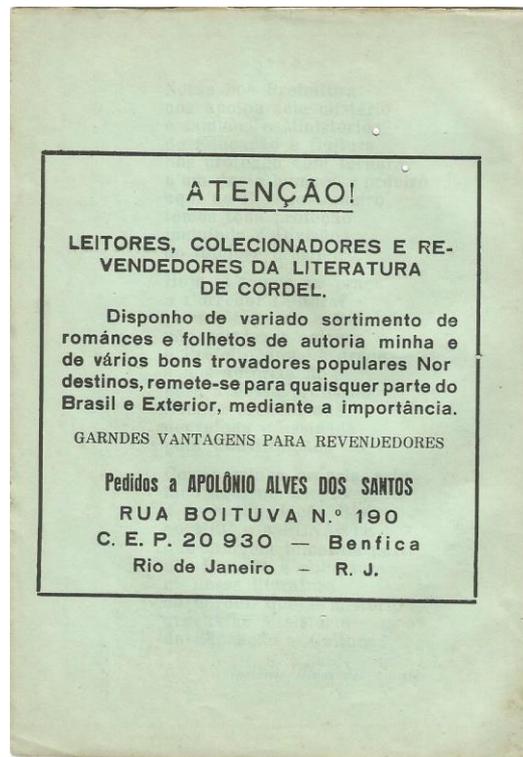
As capas de Apolônio dos Santos seguem a ordem título, nome do autor e imagem, utilizando quase sempre figuras produzidas a partir da xilogravura. Apenas alguns folhetos, os quais acredito serem da década de 1960, utilizam imagem a partir de clichês fotográficos.

Dos folhetos que foram catalogados e analisados, listamos os xilógrafos Marcelo Soares, J. Borges, Joel Borges, Erivaldo Silva, Ciro Fernandes e José Costa Leite. Em uma conversa informal, Ciro Fernandes afirmou que Apolônio dos Santos sempre levava o poema completo para inspirá-lo na criação do desenho. A relação entre cordelista e xilógrafo nem sempre é tão próxima, muitos poetas dão apenas o título do folheto e pedem que o artista faça uma capa. No pagamento, existiam acordos para além do pagamento em dinheiro – muitas vezes Apolônio dos Santos,

por falta do valor para pagar pela matriz, dava parte do pagamento em folhetos e fazia-se permuta.

Na quarta capa, alguns dos folhetos de Apolônio dos Santos indicam os locais de venda, mas em outros é possível encontrar os títulos de folhetos do autor como sugestão, sua autobiografia ou uma propaganda, como a transcrita abaixo, que se direciona tanto para o consumidor quanto para o revendedor. Essa é uma tendência dos folhetos produzidos a partir da década de 1960, como a pesquisadora Ana Maria Galvão mostrou que, até metade do século XX, a quarta capa foi utilizado para referenciar os direitos autorais, para propaganda de outros folhetos e impressos (GALVÃO, 2000, p. 111).

Figura 6- Quarta capa. *O ABC do feijão e os tumultos nas filas.*



Fonte: Acervo particular da autora

O folheto de Apolônio dos Santos tem características físicas que diferem de outros folhetos. O folheto era, em geral, grampeado para que as folhas ficassem juntas e ordenadas. No caso de Apolônio dos Santos, eram exigidas folhas coladas ou organizadas por dobras. A montagem feita por colagem gerava um custo maior. No entanto, o cordelista tinha essa preferência, pois acreditava que pelo fato de o

papel de impressão ser frágil e o grampo enferrujar, fazia com que o folheto se deteriorasse mais rápido.

Para ser um cordelista com “nome na praça” não bastava ser comunicativo. O principal requisito era fazer boas rimas, escrever bons poemas. Apolônio dos Santos tornou-se um cordelista referência no auge da sua carreira de poeta, nas décadas de 1970 e 1980, principalmente pela qualidade das suas rimas e a composição dos elementos da poética.

Na literatura de cordel de Apolônio dos Santos existe uma predominância dos tradicionais folhetos de 8 e 16 páginas. Porém, o poeta escreveu também romances, que é uma classificação atribuída a cordéis com 16, 24, 34, 48 e 64 páginas (LESSA, 1973, p. 16). Com base na catalogação realizada, o poeta escreveu 14 romances.

O Automóvel da Morte, com 40 páginas, é uma exceção, pois não se enquadra nem como folheto nem como romance. Possivelmente, esse tenha excedido o número de páginas padrão de Apolônio dos Santos, por ter sido publicado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro. Afinal, não se pode perder de vista que, quanto maior o folheto, maior também o custo de impressão; por isso o cordelista dizia fazer o possível para manter seus poemas em formato de folheto, que por ter menos páginas gerava um custo menor.

O Aventureiro do Norte, composto de 32 páginas, é um exemplo de romance escrito por Apolônio dos Santos. Esse romance provavelmente foi adquirido pela Tipografia Pontes, uma vez que na capa e na primeira folha constam “Editor Prop. – José Alves Pontes”. A compra dos direitos autorais do folheto era algo comum quando o poeta não tinha condições financeiras de publicá-lo, principalmente no caso de um romance. O que comprova a autoria do título referido é o acróstico na última estrofe:

Afinal já terminei
A história de Honorina
Leiam com muita atenção
Vendo a sorte o que se destina
Esses fatos de amores
Só Deus é quem determina. (SANTOS, *O aventureiro...*, [19--], p. 32).

O acróstico é utilizado pela maioria dos cordelista, pois é um mecanismo de identificação e autenticação da composição poética do autor. Na maioria dos folhetos de Apolônio dos Santos, encontra-se, na última estrofe, o acróstico

AALVES, normalmente acompanhando o assunto do poema. Sem perder a rima, o cordelista deixa o registro que considera fundamental para que seus folhetos não fossem plagiados. Outro recurso possível para evitar os plágios é o registro de direitos autorais, porém não foi utilizado por Apolônio dos Santos. Muitos poetas realizam a solicitação, que é feita no Departamento de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional. O poeta pode solicitar esse registro nos postos estaduais ou via correio, através do preenchimento da ficha com todas as características da obra, informações do autor, comprovante de pagamento da taxa e um exemplar da obra. Como Apolônio dos Santos já não se encontra em vida, esse processo pode automaticamente ser realizado pela sobrinha Sr^a Maria José ou por outro parente que comprove seu vínculo familiar com o poeta (DIREITOS..., [19--]).

A realização desse processo de autenticação torna-se imprescindível para publicação dos folhetos em acervos digitais, sem a qual nenhuma instituição pode disponibilizar os folhetos de Apolônio dos Santos em sites. Apenas para fins de pesquisa, como neste trabalho, o acervo disponibiliza ao pesquisador fotografar os folhetos (como ocorreu na Fundação Casa de Ruy Barbosa) ou é concedido o arquivo digital, (como no arquivo do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, que tem os folhetos digitalizados). Em ambos os casos, foram necessários solicitação formal e termo de responsabilidade sobre o material consultado. E mesmo se tratando de uma pesquisa de cunho acadêmico, sem o registro de direitos autorais, este não pode ser publicado como livro sem a prévia autorização da família do poeta.

Ser um poeta profissional, desejo de Apolônio dos Santos, significaria viver e sobreviver exclusivamente da poesia, ter seu sustento extraído das vendas de seus folhetos, ter um espaço no mundo poético em que sua poesia fosse reconhecida. Nem todos os sonhos se concretizaram; no entanto, um foi possível: ter um espaço físico e instituído, ao qual o poeta deu o nome de Folhetaria Santos.

Sua trajetória como poeta acompanhou o processo de profissionalização como cordelista. Em entrevista concedida à *Revista Brasileira de Folclore*, em 1974, Apolônio responde que sua profissão era *ladrilheiro*; já na entrevista realizada para o catálogo *O Cordel no Grande Rio*, em 1977, colocou-se como *poeta de cordel*. Essa apropriação profissional teve como considerável influência a instituição da *Folhetaria Santos*.

Na Feira de São Cristóvão, Apolônio dos Santos tinha uma banca muito organizada, com folhetos pendurados em cordões e presos com pregadores. A fotografia que segue mostra a descrição realizada por Marcelo Soares:

A barraca dele (Apolônio dos Santos) era um deslumbramento pros olhos, ele era extremamente cuidadoso, ele chegava montava a barracinha dele colocava os cordões, e ele já tinha os pregadores, e os cordões dele ficava face a face, fundo com fundo né, pra ganhar espaço e era tudo muito bem arrumadinho, tudo muito bonito, sabe, ele cuidadoso, extremamente cuidadoso, sabe! Quando alguém chegava e tirava um cordelzinho pra dar uma olhada, ele fazia questão de pedir de volta com todo carinho dizia: pode deixar que eu ponho no lugarzinho onde ele estava, era sabe, tinha essas coisas que alguns cordelistas tinham. (SOARES. Entrevista a autora. João Pessoa, 26/02/2015).

Figura 7- Fotografia. Apolônio Alves dos Santos na Feira de São Cristóvão, 1978.



Fonte: CURRAN, 2009, p. 257.

Embora vendesse em outros lugares, a Feira de São Cristóvão era seu principal ponto de venda. Na quarta capa da maioria dos folhetos consta a seguinte localização:

Figura 8- Quarta capa. *O Sacrifício do Pobre no Mundo da Carestia*.

— FOLHETARIA SANTOS —	
— DE —	
APOLÔNIO ALVES DOS SANTOS	
Bêco Expedicionário, 63 - C. 11 - B. do Vasco, ou nos Domingos na Feira Nordestina, Campo de São Cristóvão — Rio de Janeiro.	
Encontra-se a venda da Literatura de Cordel.	
Os seguintes romances, histórias e folhetos a seguir:	
O Automóvel da Morte	40
O Valente Daniel	32
Apolônio e Helena Entre os Laços do Amor	32
Olegário e Albertina Entre o Crime e o Amor	32
O Pistoleiro da Vila	32
As Proezas do Bandido Tranca Rua	32
O Noivo Falso Engenheiro	32
O Heroísmo de João Cangueú no Engenho Gameleira	32
As Façanhas de Lampião	32
Romance o Aventureiro do Norte	32
Romance de Epitácio e Marina	32
O Filho do Pau de Arara Valente	32
José Silverio e Lucinha ou Zé da Bomba	32
A Vitória do Amor, ou O Poder do Destino	32
As Bravuras de Ismael em Defesa do Amor	24
A Briga de Zé do Norte no Morro de Mangueira	16
O Encontro do Cangaceiro Vilela com o Negrão do Paraná	16
A Tremenda Luta de Lampião com Sabino	16
Nascimento, Vida e Morte do Padre Cícero Romão	16
As Proezas de Camões	16
O Vaqueiro Chico Bento	16
No Tempo de Lampião	16
O Poeta e a Gigana	8
O A B C da Cachaca	8
A Briga de Chico Torto com Salustrino Pancada	8
O Boi da Cara Preta que Falou em Minas Gerais	8
A Foice da Morte	8
O Menino do Pião	8
Gratos pela Preferência APOLÔNIO ALVES DOS SANTOS	

Fonte: Acervo particular da autora.

Apesar de ter retornado de Brasília “mais equilibrado, [pronto para] experimentar viver exclusivamente da Literatura de Cordel” (SANTOS, 1988, p. Quarta capa), o caminho até conquistar a folhetaria levou cerca de uma década. Apenas em alguns poucos cordéis do final da década de 1970 e em folhetos da década de 1980 em diante é possível encontrar referência à Folhetaria Santos.

Apolônio dos Santos, assim como a maioria dos cordelistas, tinha seus pontos de venda fixos, mesmo antes de ter a folhetaria. Na quarta capa do folheto *Novo pacote depois da eleição – Foi Traição!...*, por exemplo, o autor indica os lugares onde pode ser encontrado: o anexo a Feirarte, Praça XV de Novembro e a Feira Nordestina Campo de São Cristóvão. Slater (1984) indica ainda o Largo do Machado durante a década de 1970 como local de venda dos folhetos.

Segundo Marcelo Soares, às quintas e sextas a venda era feita na Praça XV e aos domingos na Feira de São Cristóvão. A Feirarte nem sempre era possível, porque essa era uma feira móvel que ocorria em períodos e locais diferentes, onde artesãos de diferentes categorias expunham seus produtos em estandes, que eram visitados pelo público em geral (SOARES. Entrevista a autora. João Pessoa, 26/02/2015).

Muitos cordelistas faziam apresentações com os desafios, discussões, peijas e ABC's que escreviam, no meio das feiras e praças do Rio de Janeiro. Nesse sentido, Apolônio dos Santos tornou-se exceção, porque, como era muito tímido e recatado, não costumava recitar seus versos em público. Ele não era poeta cantador, no entanto, esporadicamente cantava o folheto “só no início para chamar os fregueses, porque não dá para cantar e vender. Tenho que dar atenção ao freguês...” (FRADE, 1985, p. 135). Ou seja, ele dava preferência à conquista pessoal, um a um.

Apolônio dos Santos até o fim da vida, dedicou-se ao cordel. Nos últimos versos escritos pelo poeta e publicados *In Memoriam* pela Academia Brasileira de Literatura de Cordel, um clamor a Deus e aos Santos em dias difíceis:

Com tantas complicações
minha vida se declina
estou confiando em Deus
e na Santa Medicina
combatendo a diabetes
na base da insulina.

Peço a todos os Santos
que venham me socorrer
em nome de Jesus Cristo
com vosso imenso poder
venham salvar minha vida
me defendam de morrer. (SILVA, 1998, p. 8).

O poeta deixou uma extensa produção, que ficou sob a responsabilidade de sua esposa. Alguns meses depois do falecimento do poeta, Dona Enedina dos Santos vendeu parte dos folhetos ao cordelista Manuel Monteiro e outra parte foi doada para o acervo da ABLC (Academia Brasileira de Literatura de Cordel).

Meses depois, Dona Enedina dos Santos recebeu Manuela Fonseca dos Santos, à época doutoranda da Universidade Poitiers, na França, que realizou um trabalho de inventário e arquivamento de dados e materiais do cordelista Apolônio dos Santos. Todo material recolhido foi digitalizado e transformado em um DVD. A esposa de Apolônio dos Santos doou à pesquisadora todos os manuscritos, poemas datilografados, folhetos, óculos, máquina de datilografar, dicionários e outros itens pessoais do poeta. Atualmente esses materiais fazem parte do acervo da

universidade francesa (SILVA, M. Entrevista a autora. Campina Grande, 27/02/2015)³.

2.3.2 Atuação política

A consciência das próprias características, o desenvolvimento de uma forma peculiar e apurada de expressão e a determinação em encontrar meios de se dedicar à sua arte – aspectos que pudemos observar na produção particular – não fizeram de Apolônio dos Santos um cordelista isolado dos companheiros de produção literária. Ao contrário, a atuação em conjunto e a articulação com outros agentes sociais foram aspectos marcantes ao longo de sua vida.

Nas décadas de 1950 e 1960, em que Apolônio dos Santos viveu no Rio de Janeiro e em Brasília, houve uma pequena produção de folhetos, porém não tivemos acesso até o momento a nenhuma dessas obras, apesar de ter sido consultado os principais acervos de cordéis, como a FCRB, Biblioteca Nacional, CNFCP (Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular), ABLC, Biblioteca Atila Almeida da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba), Programa de Pesquisa de Literatura Popular da UFPB (Universidade Federal da Paraíba), a Fundação Cultural do Estado da Bahia - Núcleo de Referência Cultural e a Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos. Segundo os coordenadores desses acervos e os cordelistas consultados, nesse período ele ainda não era um poeta conhecido e possuía uma produção pouco expressiva. Seus cordéis eram publicados em pequenas tiragens e não havia preocupação em guardar seus folhetos.

Outros fatores podem ter colaborado para a não localização dos primeiros folhetos de Apolônio dos Santos. O primeiro seria o fato dele não ter deixado herdeiros ou algum outro parente que se responsabilizassem por suas obras. Outra questão é sobre o custo para editar e publicar um folheto: não era algo barato, e tendo em vista que Apolônio dos Santos não dispunha de recursos financeiros suficientes, isso provavelmente dificultava a publicação de uma quantidade maior das suas obras.

³ Apesar das tentativas, através de contatos realizados com a Université de Poitiers e com a orientadora Dr^a Ria Lemaire, o acesso à tese da Dr^a Manuela dos Santos não foi possível. O material coletado pela pesquisadora, que foi digitalizado e transformado em DVD, consta no site do grupo de pesquisa, porém o arquivo não está disponível para consulta.

Nas décadas de 1950 e 1960, no que se refere à venda dos folhetos, os cordelistas eram considerados ambulantes de rua, às vezes confundidos pelas autoridades políticas com vadios e vagabundos, que ocupavam os passeios das ruas com seus folhetos, causando desordem na cidade. Poucos eram os que compreendiam a prática do poeta popular enquanto arte; isso porque, ao invés de produzir poesia em gabinetes ou bibliotecas, esses sujeitos utilizavam as calçadas – espaço de realizava a venda e inspiração seus versos.

Segundo Marcelo Soares, um dos principais alvos da fiscalização realizada pela prefeitura era a Praça XV, onde ocorria uma feira de artesanato às quintas e sextas-feiras. Ele descreve o cotidiano nas ruas do Rio de Janeiro:

Ora, o Rio de Janeiro dos finais anos setenta e começo dos anos oitenta, era um ponto de convergência de tudo que acontecia no Brasil, eram anos difíceis, não tínhamos apoio de nada, inclusive éramos perseguidos, perseguidos mesmo. Só na Feira de São Cristóvão, nos tínhamos um pedacinho de aconchego. Éramos perseguidos pelos fiscais da Prefeitura do Rio de Janeiro. Nós tínhamos a Praça XV para vender, mas como nos éramos cordelistas, nos estávamos fora dos artesãos, não éramos enquadrados. Então nos ficávamos em um lugarzinho meio afastado junto ao Paço Imperial, [...] não ficávamos junto dos artesãos, era uma feira de artesanato. A feira era promovida pela Riotur, [...] mas lá na Riotur naquela época tinha uma professora que gostava muito de cordel, [...] a professora Cáscia do Nascimento Frade, [...]. Uma grande figura junto com outra professora que também trabalhava com ela, Delzimar Coutinho. Essas duas professoras eram assim um apoio muito forte pra gente, sempre que tinha um evento que elas podiam ir encaixar, inclusive de uma ajuda de custo que ela conseguia lá na secretária de educação, tá. Mas eram tempos difíceis. (SOARES. Entrevista a autora. João Pessoa, 26/02/2015).

Essa situação prolongou-se até 1979, quando a Prefeitura do Rio de Janeiro, em conjunto com a Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação Geral, criou o Projeto Corredor Cultural, que ficaria sob o gerenciamento da Fundação RIOARTE, segundo o Decreto n. 4.141, de 14 de julho de 1983 (RIO DE JANEIRO, 1983). O projeto tinha por objetivo a preservação e revitalização do patrimônio edificado, bem como “[...] revitalizar as funções culturais e recreativas do Centro da cidade, a Secretaria Municipal de Planejamento delimitou e denominou de Corredor Cultural uma grande área que vai da Lapa ao Campo de Santana.” (“CORREDOR CULTURAL”..., 1979, p. 14).

Apesar da Lei nº 506 de 17 de janeiro de 1984 apontar, com maior detalhamento, os limites e normas a serem cumpridos pelos diferentes grupos que

compõem o Corredor Cultural, nenhuma dessas leis e decretos faz referência direta aos poetas cordelistas. Eles se apropriaram oficialmente do espaço dentro da categoria de produção artística proposta pela Fundação RIOARTE, instituição que tem por objetivo, dentre outras atribuições, promover e organizar “[...] o calendário dos eventos culturais, sociais e turísticos do Corredor Cultural.” (RIO DE JANEIRO, 1984).

Apolônio dos Santos, sendo vendedor assíduo da Praça XV, que faz parte do projeto Corredor Cultural, não deixou de se pronunciar a respeito. Registrou nas duas últimas páginas do folheto *ABC do feijão e os tumultos nas filas*, sua gratidão pela iniciativa municipal. Esse é um dos muitos folhetos de Apolônio que não foram datados, no entanto, como ele registra o nome do prefeito Júlio Coutinho, é possível inferir que fora escrito entre 1980 a 1983. E o poeta versa:

Excelentíssimo Prefeito
amável Júlio Coutinho
lhe retribuo com carinho
o vosso honrado conceito
agradeço satisfeito
a sua digna bondade
toda sua humanidade
com poesia se abraça
por ter nos concedido a praça
para a nossa atividade.

(...)

Hoje já temos na praça
o Corredor Cultural
para o rapa ou o fiscal
não nos fazer ameaça
o Prefeito deu a graça
a nós autorização
para a nossa profissão
licença credenciada
decretada e assinada
pela Constituição. (SANTOS, [1980?], p. 7 e 8).

A professora Cáscia Frade, mencionada na entrevista de Marcelo Soares, colaborou de forma significativa para que os poetas cordelistas tivessem um espaço para venda dos folhetos com a permissão da Prefeitura. Ela coordenou a publicação do catálogo *O Cordel no Grande Rio*, em 1985, como resultado de projeto desenvolvido desde a década de 1970, desenvolvido pela Divisão de Folclore do Departamento de Cultura da SECC-RJ.

O catálogo consistia em reunir os principais cordelistas, nordestinos e fluminenses, que residissem no Rio de Janeiro. Ao total são 21 artistas, incluindo Apolônio dos Santos. Os cordelistas listaram os títulos dos folhetos publicados e os classificaram. Alguns poetas também concederam entrevistas aos pesquisadores, que escreveram um resumo biográfico de cada cordelista.

Segundo Marcelo Soares, a relação entre Apolônio dos Santos e a professora Cáscia Frade era bastante afetiva, até se tornaram compadres. O folheto *A Descrição da Cidade e o Progresso do Rio de Janeiro*, escrito em 1988, foi dedicado à professora Cáscia Frade, na época diretora da Divisão de Folclore do Rio de Janeiro. A dedicatória encontra-se na quarta capa do folheto, junto com a biografia do autor e seu endereço. (SOARES. Entrevista a autora. João Pessoa, 26/02/2015).

Apolônio dos Santos concedeu, em 1977, a entrevista para o catálogo. Nela encontramos informações pessoais do poeta e, principalmente, seu posicionamento sobre alguns aspectos da produção de cordel. Um exemplo é quando ele justifica a utilização da xilogravura nas capas do seu folheto: “porque para ser folheto mesmo tem que ter xilogravura. Com outro tipo de desenho ou fotografia de artista americano não tem muita saída, não cai bem para o público comprar. O povo prefere xilogravura porque é mais autêntico.” (FRADE, 1985, p. 134).

A partir da década de 1970, encontramos uma expressiva produção de folhetos escritos por Apolônio dos Santos, que se intensificou durante a década de 80. Isto de acordo com a catalogação que realizamos para essa pesquisa, levando em consideração os folhetos datados e os em que identificamos um período aproximado através do contexto da poesia. Essa década foi aquela em que mais localizamos folhetos publicados. Isso pode ser observado através da tabela de cordéis consultados para esse trabalho (anexo II).

Sua produção cresceu devido a seu amadurecimento enquanto cordelista, pois já tinha conquistado uma visão mais ampla do Brasil. Suas experiências de vida ajudaram no aperfeiçoamento da escrita dos seus versos. Outro fator importante é o contexto histórico, marcado por turbulências econômicas, mudanças políticas e mobilizações sociais. Tudo isso servia de muita inspiração aos poetas cordelistas, inclusive para Apolônio dos Santos.

Em entrevista a professora Frade (1985) o poeta afirmou que as notícias dos jornais, revista, rádio e televisão colaboravam para a criação de histórias e personagens, e a narração de acontecimentos. Apolônio dos Santos, apesar da

pouca instrução, era um homem bem informado sobre os acontecimentos do Brasil e do mundo.

Por sua militância em defesa da literatura de cordel e por sua participação ativa na formação da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, o poeta era procurado por pesquisadores universitários e por instituições ligadas a cultura, como demonstra a entrevista na *Revista Brasileira de Folclore*, em um artigo sobre a Feira de São Cristóvão e na participação da pesquisa de Candace Slater (FRADE, 1985, p. 135).

A institucionalização da poesia popular, através da ABLC, surgiu das necessidades vivenciadas pelos poetas, na busca por espaços públicos para venda e apoio financeiro de patrocinadores para publicação dos folhetos. Os poetas também tinham a preocupação em salvaguardar a tradição e a cultura dos folhetos de cordéis, que se via ameaçadas. Nas décadas de 1970 e 1980, a literatura de cordel acompanhou a crise econômica, sofrendo com a retirada dos subsídios estatais. Segundo Melo, esses subsídios custeavam aproximadamente cinquenta por cento do valor pago pelas tipografias na compra da do material base para produção do folheto, o papel (MELO, 2010, p. 147). A publicação de folheto tornou-se algo ainda mais caro para os poetas, que também sofreram com a retração nas vendas.

A publicação tornou-se um grande desafio para Apolônio dos Santos e tantos outros poetas, devido ao alto custo de publicação. Em 1974, Apolônio dos Santos, quando participou da entrevista para a *Revista Brasileira de Folclore*, afirmou que não havia publicado todas as suas obras devido ao alto custo. Para publicar um folheto com tiragem de mil, custava Cr\$ 200,00 (duzentos cruzeiros). O cordelista disse ainda que vendia os folhetos no atacado para outros vendedores por Cr\$ 0,50 (cinquenta centavos) (LODY, 1974, p. 48).

No folheto *O Divorcio no Brasil*, escrito provavelmente em 1977, Apolônio dos Santos, na última estrofe do poema, faz seu apelo para que o público compre seus folhetos. No quarto verso, informa que o valor do folheto é de Cr\$ 10,00 (dez cruzeiros). Considerando que os folhetos nem sempre eram vendidos em um período breve e que os temas sobre acontecimentos desatualizavam rapidamente, viver exclusivamente das vendas de cordéis tornava-se algo difícil. Apolônio dos Santos era aposentado e a venda dos folhetos completava a renda familiar, além do prazer da produção poética e do folheto.

A Academia Brasileira de Literatura de Cordel foi criada em 7 de setembro de 1988. A primeira diretoria era composta por: Gonçalo Ferreira da Silva como Presidente, Apolônio Alves dos Santos como Vice-Presidente e Hélio Dutra como Diretor Cultural. A ideia da academia surgiu nos corredores da Feira de São Cristóvão, quando os poetas se reuniam e discutiam sobre a necessidade de ter uma instituição que os representasse e guardasse suas memórias (HISTÓRIA..., [19--]). Para os poetas, a institucionalização dos seus saberes e fazeres iria trazer-lhes seriedade e reconhecimento oficial diante da sociedade.

A Casa de Cultura São Saruê, fundada em 1974 por Umberto Peregrino, antecede a ABLC. Esse centro cultural popular abrigava uma Biblioteca, um Museu de Artesanato e de Arte Popular, um Arquivo Histórico, uma Escolinha de Arte Maninha e um Centro de Estudos e Editoras de Literatura de Cordel. Ao tomar conhecimento do desejo dos artistas em formar uma Academia de cordel, o proprietário doou todo acervo de folhetos de cordéis da Casa (HISTÓRIA..., [19--]). A Casa de Cultura São Saruê continuou funcionando por mais alguns anos como a Editora. Apolônio dos Santos realizou a publicação de alguns dos seus folhetos com o apoio da Casa São Saruê (CASA..., [197-?]).

Na Academia Brasileira de Literatura de Cordel, Apolônio dos Santos ocupava a Cadeira nº 4, do poeta Pacífico Pacato Cordeiro Manso. Após sua morte, a cadeira passou a levar seu nome e foi, posteriormente, ocupada por Moreira de Acopiara, poeta cearense. Essa foi a maneira que a Academia encontrou para homenagear Apolônio dos Santos pela sua contribuição em vida e pela doação de folhetos realizada por Dona Enedina dos Santos após seu falecimento.

Apolônio dos Santos atuou na academia como Vice-Presidente até 1996. Quando retornou para Paraíba, percebeu que não poderia mais dar a assistência de que a academia necessitava, então deixou o cargo que ocupava. No período em que esteve presente, ele participou da formação da academia, desde as primeiras especulações até a concretização; colaborou na elaboração do estatuto, nas reuniões e eventos promovidos pela Academia Brasileira de Literatura de Cordel. (SILVA, G. Entrevista a autora. Rio de Janeiro, 26/11/2014).

A Academia continua ativa, realizando eventos, colaborando em congressos e promovendo atividades para divulgação e preservação da cultura popular. Mensalmente, seus membros reúnem-se para realização da plenária, em que empossam novos acadêmicos, aceitam membros, anunciam os eventos que a

academia esteja promovendo ou apenas apoiando, e têm o momento de compartilhamento em que todos os presentes têm a oportunidade de declamar seus versos.

A ABLC, em 2009, através do presidente Gonçalo da Silva, teve a iniciativa de escrever um projeto solicitando ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) o registro da Literatura de Cordel como Patrimônio Imaterial, no Livro de Registro das Formas de Expressões e no Livro de Registro dos Saberes. Com o objetivo de salvaguardar o Patrimônio Imaterial definido pela Organização das Nações Unidas UNESCO como “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural” (UNESCO, 2003, p. 5), o IPHAN criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), que tem a atribuição de realizar projetos para identificar, reconhecer e salvaguardar o patrimônio cultural imaterial (PROGRAMA..., [19--]).

O projeto da ABLC tem a parceria do PNPI e de Universidades Federais e Estaduais do Brasil. Em conjunto, tem sido realizada uma busca, por região, dos poetas que atuam na composição de cordel, bem como informações daqueles que já faleceram. O objetivo é registrar os folhetos publicados e identificar os autores poetas. O projeto que foi entregue ao IPHAN começa com estrofes em décimas escritas pelos principais poetas do Brasil, com base no título “Queremos para o cordel Se registro e tombamento”. O projeto proposto pela ABLC contém o histórico da instituição, a justificativa, as principais referências de pesquisas, livros, teses e dissertações sobre o cordel e o último capítulo sobre os poetas falecidos e atuantes que se destacaram na produção do cordel brasileiro (PROJETO..., 2009).

Portanto, a pesquisa que ora se concretiza contribui para que o registro do cordel como patrimônio cultural se torne real, e o poeta de Apolônio Alves dos Santos – primeiro vice-presidente da ABLC, poeta de produção múltipla, que testemunhou e registrou em seus folhetos fatos e acontecimentos da história do Brasil – faça parte desse processo que reúne os principais cordelistas brasileiros.

Ao fim desta sessão, constatamos que a literatura de cordel produzida por Apolônio dos Santos tem uma abrangência que discute a vida rural, e principalmente, a vida urbana. O poeta, que morava na grande cidade do Rio de Janeiro e convivia diariamente com todas as controvérsias do centro urbano, via-se

também atado à realidade da sua região natal, o Nordeste. Diante de tais interesses identificamos em Santos um fio condutor da informação, utilizado como interlocução entre diferentes grupos da sociedade. A seção III trata do poeta e seus folhetos como forma de comunicação.

3 O FOLHETO DE CORDEL COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO

Refletir sobre o folheto de cordel como forma de comunicação, conduz-nos a uma automática correlação a outros meios de interlocução, tais como os livros de literatura “erudita”, os jornais, revistas, rádio, televisão, dentre outros. Porém, esses mecanismos que são convencionalmente produzidos pelos intelectuais e pelas classes dominantes, são facilmente dissolvidos quando comparados aos folhetos em termos de número de publicação e exemplares, conseqüentemente, quanto à dinâmica e abrangência que a literatura de cordel pode alcançar.

Orígenes Lessa, um dos pioneiros nos estudos do cordel como meio jornalístico, desde a década de 1950, comparou a quantidade de impressões de um livro literário como infinitamente menor do que um folheto (1973, p. 16). Isso evidencia que o cordel é um eficaz meio de comunicação, que não é produzido por intelectuais e nem pelas camadas dominantes – é uma produção de cunho popular, que circula em diferentes estruturas sociais, produzido normalmente pelas classes subalternas, retratando os vários cotidianos da sociedade. Apesar de não fazer parte da classe dominante e intelectual, os poetas cordelistas alcançam um status de produtores poéticos, de escritores e autores de romances ficcionais, de poeta-reporter e intermediadores da notícia.

O Brasil não foi o único a fazer a poesia oral transitar para o mundo da escrita; em outros países, os versos sobre os acontecimentos, reportagens e temas tradicionais deixaram de ser cantados para serem impressos, embora não haja uma integridade total nessa transposição. Roberto Benjamin esclarece que, em geral, poetas de bancadas não eram necessariamente cantadores, bem como houve muitos cantadores que não tiveram seus repentes impressos. Por isso, não é totalmente adequado afirmar que a poesia da literatura de cordel adveio das cantorias e sim que foi inspirada por elas (1980, p. 106).

Márcia Abreu (2006, p. 91) afirma que, no Brasil, a transição ocorrida nos folhetos, que passaram da composição oral dos poemas para a edição na forma escrita, ocorreu nos finais do século XIX e início do século XX, quando a poesia nordestina ganhou um suporte impresso no papel. Ria Lemarie (2010) e Márcia Abreu (2006) problematizam a atribuição dada e repetida pelos pesquisadores, de que a origem do folheto de cordel está ligada ao contexto da literatura europeia, mais especificamente a lusitana. Compreendem que o verso/folheto nordestino

sempre teve características peculiares na sua composição poética “bastante decodificada”, em que se distingue da literatura portuguesa em prosa, “que não possui uniformidade” (LEMARIE, 2010, p. 68).

O que essas pesquisadoras analisam também são os mecanismos de dominação, quando se designou o verso/folheto nordestino como literatura popular e, posteriormente, literatura de cordel (década de 1960). Foi uma forma de dizer que um povo inculto, rude, analfabeto, não seria capaz de criar gênero literário próprio e ser reconhecido como literatura canônica. Nesse mesmo contexto, a produção nordestina até então versada e cantada passou a ser impressa, como forma de se legitimar, e como se essa forma de linguagem fosse a única a deter e transmitir o conhecimento (LEMARIE, 2010).

Para Maurílio Sousa, o formato impresso da poesia nordestina impõe não apenas uma nova nomenclatura, primeiro de “folheto” e, posteriormente, de “cordel”, como também uma nova dinâmica de narrativa, pois agora o público leitor não apenas ouve, mas pode ver e comprar o folheto. O autor salienta que esse novo suporte impresso pode ser analisado como difusor de ideias que estabelece novas relações com o receptor (2010, p. 167-168) – relações que não são mais temporárias, acontecendo apenas no momento em que o público ouvia e memorizava os versos cantados pelos poetas, mas que se tornam contínuas a partir do momento em que o receptor adquire o folheto, leva-o consigo e pode ler quando e quantas vezes lhe forem convenientes. É inegável, também, o fato de que a nova forma impressa do folheto abriu portas de divulgação: o suporte, que era o corpo, agora é o papel e pode ser levado para qualquer lugar; ainda que o poeta não esteja fisicamente, a sua poesia vai estar. Esse novo suporte, o folheto, tem também uma forma específica no que diz respeito à composição literária e gráfica, já que se apresenta com uma série de padrões métricos, com versos e estrofes, e formatado com capa, ilustração, tamanho, papel.

Nos finais do século XIX e início do século XX, os folhetos estiveram ligados aos jornais por alguns aspectos. O primeiro deles era o fato de compartilharem das mesmas tipografias, pois, nesse período que o folheto se materializava através do suporte de papel impresso, ainda não contava com tipografias exclusivas para sua impressão. Segundo, é que os jornais tinham um espaço para publicação de poemas que divulgavam os versos nordestinos. E, por fim, os folhetos eram chamados de “jornais do sertão”, por veicular acontecimento, mortes, informações

sobre política e economia (MENDES, 2011, p. 125). É importante ressaltar que o folheto antes e durante seu processo de materialização no suporte impresso, já exercia a função de informar, comunicar, divulgar informações.

Edilene Matos, em seu livro sobre Cuíca de Santo Amaro, ressaltava que, nas décadas de 1940 e 1950:

A literatura de cordel funcionava como o grande jornal do povo, era o veículo de comunicação por excelência, pois refletia o eco das vozes dos poetas populares, transmissores de notícias sem reticências, sem manobras, sem censura, com uma linguagem que lhe era mais próxima. (2004, p. 76).

É indiscutível que o jornal e o folheto são veículos de comunicação distintos, desde seu formato gráfico ao textual. No entanto, Matos chama atenção ao fato do cunho comunicativo que o folheto exerce tanto quanto o jornal, tendo sempre como objetivo levar informação. Porém, os folhetos de cordéis precisam estar em uma ótica específica, que não é uma produção tosca, mal acabada, escrita por e para analfabetos; muito pelo contrário, o cordel é “dinâmico, inventivo e engenhoso” (MATOS, 2004, p. 54). Se observado através das suas peculiaridades, poder-se-á compreendê-lo e, por fim, valorizá-lo como uma literatura rica, eloquente e de grande poder de discurso.

Ana Maria Galvão realiza um paralelo sobre uma notícia publicada no folheto: *O bárbaro crime das mattas da Varzea*; e no *Jornal do Commercio*, em Recife. Enquanto o folheto apresenta a notícia com início, meio e fim; o jornal publica os acontecimentos de modo simultâneo e paulatinamente. No cordel, o poeta “reinterpreta o caso narrado” para sintetizar a história e para que ela se enquadre nas limitações em termos de páginas; ao passo que o jornal dá a entender que o fato foi narrado na íntegra. O folheto e o jornal enfatizam os diferentes personagens (GALVÃO, 2010, p. 123-124).

As diferenças entre o jornal e o folheto de cordel também se desdobram nos aspectos gráficos. O folheto tem 16 cm X 11,5 cm em média, impresso em papel de pouca qualidade, composto por capa, ilustração, 8 ou 16 páginas e escrito, em geral, por um autor. O jornal, ao contrário, apresenta-se em tamanho muito maior, composto por vários textos de diferentes autores, sem capa ou quarta capa, impresso também em papel de qualidade inferior e com um número maior de páginas.

Apesar de Joseph Luyten (1992) diferenciar o folheto jornalístico do folheto noticioso, neste trabalho opto por utilizar os termos de forma equivalente, entendendo os folhetos como de acontecimentos, cujo objetivo é levar a informação, comunicar as notícias, transmitir o conhecimento sobre eventos, fatos ou acontecimentos. Esses folhetos distinguem-se parcialmente dos folhetos jornalísticos, que analisaremos na próxima seção do trabalho, pois, apesar de narrarem e, muitas vezes, descreverem acontecimentos políticos do país, também estão envoltos no discurso ideológico e político do poeta. Por outro lado, os folhetos jornalísticos/noticiosos/acontecimentos utilizados para reflexão desta seção são descritivos e têm uma narração direta; não que estejam isentos da voz do poeta, mas isso ocorre de forma velada, muitas vezes com o ocultamento de uma informação ou mesmo com a exaltação de um sujeito que o poeta julgou ser “bom” ou “mau”. Sendo assim, seja no folheto noticioso e/ou no folheto político, o poeta sempre emitirá suas ideias, podendo variar de maneira direta ou indireta.

O folheto de cordel é uma das manifestações populares apresentadas da forma escrita, que possibilita, de forma direta, a comunicação. Esta maneira de interação foi designada por Luiz Beltrão como *folkcomunicação*, que Luyten define como “[...] conjunto de sistemas de comunicação popular em que os veículos são as próprias manifestações folclóricas.” (1988, p. 58). Tendo em vista o conceito de Câmara Cascudo de que o folclore é a manifestação da cultura popular, *folkcomunicação* está definida como comunicação através da cultura popular. O cordel como comunicador é uma forma de expressão das classes populares, uma maneira de expor suas opiniões diante de um contexto. Essa comunicação, entretanto, não está limitada, o que ocorre é uma interlocução na sociedade, onde a mensagem é transmitida e circula em diferentes conjunturas.

3. 1 CORDEL: INFORMAÇÃO E ENTRETENIMENTO

A informação proporciona poder. Essa constatação pode ser aplicada à ideia de que o poeta cordelista, no momento em que é um sujeito informado sobre as atualidades, política e assuntos diversos, passa a ocupar uma posição diferente dentro do seu grupo, passando a ter certo status social. Apolônio dos Santos, bem como outros cordelistas, sujeitos migrantes nordestinos associados à ignorância,

falta de letramento e cultura, parte da classe subalterna, ocupa um lugar elevado na sociedade, sendo referência de atualidades, notícias e informações. Esse tipo de poeta “imprime na narrativa a marca do narrador” (BENJAMIN, 1993, p. 205), seja através de um título, como José Soares, o Poeta-repórter; ou um apelido como João José dos Santos, o Mestre Azulão; ou ainda o nome da cidade natal como é o caso de José Gomes, o Cuíca de Santo Amaro. E, principalmente, eles se promoviam através de suas poesias, não com o objetivo de se eternizarem na história, ou conscientes de que se tornariam fontes históricas – em seu contexto, o poeta tinha apenas a finalidade de escrever suas poesias, fazê-las conhecidas e lucrar a partir delas.

Com minha lira poética
quero dar um passo adiante
e com estes simples versos
quero seguir triunfante. (SANTOS, [1987?], p. 1).

Uma das formas em que a informação aparece, de maneira direta, nos cordéis, é através dos folhetos de acontecimentos. Eles são de interesse passageiro, despertam a atenção do público leitor/ouvinte enquanto o assunto é recente e são rapidamente substituídos diante de um novo fato. Benjamin afirmou “A informação só tem valor no momento em que é nova.” (1993, p. 204). Para ele, o que permanece são as narrativas, pois ganham “força” com o passar do tempo, e é o que acontece com os romances e as histórias ficcionais escritas pelos cordelistas.

Os folhetos noticiosos precisam ser publicados com agilidade para serem colocados nas bancas enquanto o assunto ainda está “fresco”. Os conteúdos desses folhetos geralmente são tragédias, crimes, fatos que mostram a desgraça humana, e são facilmente esquecidos quando surge um novo acontecimento. Luyten explica que os folhetos “[...] de cunho jornalístico, o que se pode dizer é que vendem muito logo em seguida à publicação e depois deixam de ser adquiridos para dar lugar a outros, com informações mais novas.” (1992, p. 64). Assim, o folheto de acontecimento proporciona um benefício financeiro ao cordelista, pois quando o fato é de grande repercussão e o poeta já tem credibilidade no mercado, há garantia de bons lucros, sendo muitas vezes o valor dobrado ou triplicado do que costuma capitalizar.

Apolônio dos Santos, relatando à Slater sobre suas experiências na publicação de folhetos de acontecimento, narra como exemplo o que ocorreu com o

folheto *O monstruoso crime de Serginho, em Bom Jesus de Itabapoana, estado do Rio de Janeiro*, que descreve o crime de uma criança que fora sequestrada e assassinada. O poeta explica que, quando o folheto de cordel é produzido rápido e a primeira tiragem é toda vendida, o ideal seria que a tipografia fosse da mesma cidade do poeta para que o mesmo fizesse uma nova encomenda para impressão de mais folhetos, já que houve tanto sucesso na venda. Ele lamentava o fato de não ter uma impressora, para garantir a impressão rápida, sem custo de deslocamento, e com isso maior venda dos cordéis (SLATER, 1984, p. 128).

O tempo de vida dos folhetos de acontecimentos e dos folhetos de entretenimento é diferente. No primeiro, há uma urgência de compor, publicar e vender o que se passa no tempo presente. Já no segundo, exige-se uma qualidade na narrativa para tornar a história mais interessante, geralmente inspirada em casos da vida cotidiana e casos inusitados contados pelos idosos. Em ambos os tipos de folhetos, existe uma capa com ilustração e título atrativos para encantar o público logo à primeira vista. Os folhetos de entretenimento normalmente são romances e podem estar na banca por longo tempo ou mesmo ser republicados após anos.

Segundo Mark Curran (2014, p. 12) e Renato Campos (1959, p. 9), tanto o operário das indústrias nos centros urbanos, quanto os trabalhadores dos engenhos nas cidades rurais buscam uma literatura informativa e um romance para entretenimento. O folheto de cordel, nesse caso, exerce dupla função. Mas o que Curran e Campos ressaltam é que o leitor/ouvinte quer ler a notícia de uma forma mais leve, por isso opta por ler os cordéis de acontecimentos, porque a notícia é apresentada de forma versada e ritmada.

O folheto de acontecimento transcende os objetivos da informação, pois mesmo sabendo do fato através de meios de comunicação mais imediatos e convencionais, como jornal e televisão, o público leitor sente a necessidade de ter a mesma informação narrada pelos versos do folheto. Segundo Ana Maria Galvão, “[...] o que parecia interessar ao suposto leitor/ouvinte era, além de uma opinião/interpretação do poeta sobre o caso, uma ‘revisão’. Uma ‘recapitulação’ daquilo que já sabia no formato – literário – da literatura de cordel.” (2010, p. 125). O público é atraído pelas percepções que a história vai lhe passar e pelo prazer que os versos proporcionam. Ele tem interesse na notícia versada, pois, segundo Slater, existe uma incidência de finais justos ou mesmo felizes quando se trata da narrativa

de um crime, por exemplo. O poeta não se atém apenas à descrição do acontecimento, ele realiza em conjunto uma “reflexão moral” (SLATER, 1984, p. 148 e 149). No folheto *A guerra das Malvinas, por exemplo*, Apolônio dos Santos deixa evidente seu envolvimento com o acontecimento e a moral que traz ao clamar para que a guerra não ocorra no Brasil:

Leitores o mundo está
n’uma má situação
é guerra em cima de guerra
barbarismo e confusão
e agora nas Malvinas
só há choro e aflição.

Deus não permita que sobre
para o nosso Brasil
sinão [sic] os nossos irmãos
o militar e civil
terão de enfrentar a luta
abraçados no fuzil. (SANTOS, 1982, p. 1).

Em *O pavoroso incêndio do Edifício Andorinha no Rio de Janeiro*, o poeta mostra que o fato já havia sido noticiado pelo jornal *O Dia* e apresenta sua “reflexão moral”, conjecturando os motivos de o incêndio ter ocorrido não por um acidente, mas porque os sujeitos que moravam no local possivelmente mereciam um castigo.

Foi um inferno de fogo
Como trouxe no jornal
O DIA de terça-feira
Bem na página principal
Contando a grande tragédia
Ou o castigo infernal. (SANTOS; MOREIRA, 1986, p. 4).

Ria Lemarie salienta que as produções dos poetas – apesar de serem reproduções extraídas dos jornais em prosa que, diga-se de passagem, sempre conseguem ser publicados primeiro do que os folhetos – buscam estar sempre atualizados nas notícias e exercem outras funções que a autora cita: “[...] o divertimento, comentários, instrução, moral.” (2010, p. 81). Nessa próxima estrofe, o poeta conclui seu folheto, que narra o falecimento do ex-presidente Juscelino Kubitschek, enaltecendo seus versos como orientador dos negligentes, e colocando a si e ao seu folheto no status de instrutor que tem lições a ensinar.

Aqui findei de versar
 A morte de Juscelino
 Leve um livrinho deste
 Vendo o cruel destino
 Ensinando os descuidados
 Saírem do mau ensino. FIM. (SANTOS, [1976?], p. 8).

Mas, o duplo sentido do folheto, de trazer informação e moral, não é proporcionado apenas nos folhetos de acontecimentos. Ruth Terra salienta que “Os folhetos contariam com maior audiência no campo onde seria uma das poucas formas de lazer e fonte de informação.” (1983, p. 36). A forma poética em que os autores escrevem os folhetos já se faz um entretenimento, já que deixa a notícia mais leve através das rimas e da maneira sarcástica com que muitas vezes o assunto é apresentado. Quando, em 1977, foi implantada no Brasil a Lei do Divórcio, Apolônio dos Santos escreve um folheto, associando a suas próprias experiências, dando lições de moral sobre relacionamento amoroso, tudo isso com leveza e uma dose de humor.

Agora invés de desquite
 veio o divórcio assumir
 é lei da sociedade
 ninguém pode repelir
 quem casar e não gostar
 pode se divorciar
 que nada vem a lhe ferir.

Portanto agora não faz
 medo ninguém se casar
 vamos jogar com a sorte
 para ver que bicho dar
 se o negócio não der certo
 cada um banque o esperto
 trate em se divorciar. (SANTOS, [1977?], p. 2 e 3).

Refletindo ainda sobre a dupla, tripla ou a infinidade de suas funções, a literatura de cordel proporcionava aos migrantes nordestinos, uma referência cultural da região, lembrando os ambientes comuns de feiras e mercados, rodas de amigos em que um cantava os versos dos cordéis enquanto o grupo ouvia atentamente a narração. Esses nordestinos deslocados buscavam informações sobre o Nordeste, embora quisessem também se atualizar dos fatos das cidades onde viviam. Em sua maioria, eram trabalhadores pobres e que não tinham condições de adquirir os jornais ou ter em suas residências aparelhos de televisão e rádio. O folheto, por ter

um custo menor e uma linguagem mais acessível, tornava-se a melhor das opções para os migrantes.

A maioria dos pesquisadores que tentam traçar o perfil do público leitor/ouvinte do folheto de cordel, apesar de reconhecerem sua heterogeneidade, não negam que os nordestinos migrantes sempre fizeram e continuam a fazer parte desse grupo. É inegável que boa parte dos sujeitos que procuram os cordelistas nas feiras e praças dos centros urbanos sejam migrantes nordestinos, que temporária ou permanentemente encontram-se fora da sua região. No folheto *Os retirantes das secas “Não chove mais do Sertão”*, o poeta Santos traz múltiplas expressões nordestinas, como uma maneira de recordar e reviver o cotidiano da sua região.

O gado urra com sede
morre no pé da parede
saí procurar remissão
arruma seu matuão
[...]

A seca acabou com tudo
deixou o tempo sizudo
apareceu o bicudo
na planta de algodão
[...]

Os pássaros no arvoredado
cantam pela manhã cedo
anunciando o segredo
da imensa sequeidão
[...]

Seca todo marmeleiro
a macambira, o faxeiro,
e no pé de umbuzeiro
[...]

Não tem água na cacimba
No pote nem na marimba
Ninguém pesca mais cambinba
[...]

Seca até a macambira
as folhas da paquivira
a abelha jandaíra
[...]

Pelas secas cruciantes
As levas de retirantes
Seguem como viandantes
Em péssima situação
Bota a carga no gangão
[...] (SANTOS, 1993).

A partir de notícias prévias de determinados acontecimentos muitos cordelistas, se antecipavam na escrita do folheto, narrando o que já estava acontecendo, e deixavam apenas a última página para escrever quando o acontecimento fosse dado por finalizado. Assim, o folheto podia ser publicado de imediato e ir para as bancas. Marcelo Soares (Entrevista a autora. João Pessoa, 26/02/2015), relatando suas experiências com o poeta Apolônio dos Santos, conta que, em 1986, o cordelista Santos chegou a deixar pronto o folheto que narrava a suposta vitória do Brasil. No entanto, a Seleção Brasileira foi eliminada nas quartas de final para decepção do poeta, que não hesitou em descartar totalmente o folheto e se recusou a escrever outro relatando a vitória da maior rival brasileira, a Seleção Argentina.

3.1.1 O público leitor de Apolônio Alves dos Santos

O consumidor/leitor/ouvinte da literatura de cordel, no decorrer do século XX, foi deixando seu formato homogêneo e assumindo as mais distintas formas. Esse público não se restringe às regiões rurais, passou a ocupar também os centros urbanos, como Rio de Janeiro e São Paulo.

Mas afinal quem são esses que consomem o folheto de Apolônio dos Santos? Primeiro, é preciso pensar no contexto espacial em que o cordelista vendia seus folhetos. O Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador, abrigaram polos de produção gráfica e distribuição do cordel. Na própria cidade do Rio de Janeiro, desde a década de 1960, existiam locais fixos para vender folhetos de cordéis; isso não limitava a venda, já que muitos cordelistas registravam na quarta capa seus endereços residenciais para negociação com revendedores e interessados nos folhetos. O poeta Santos acreditava que viver da poesia no Rio de Janeiro era mais fácil do que no Nordeste (SLATER, 1984, p. 130), por proporcionar mais pontos de venda e ter um público maior e mais diversificado.

Apolônio dos Santos, nos folhetos impressos no Rio de Janeiro, utiliza como referência o seu próprio endereço particular e/ou da tipografia. No entanto, quando se tratava da tipografia Pontes, da Paraíba, o cordelista registrava na quarta capa o seu endereço residencial, e na capa o endereço da tipografia. Quando retornou para a Paraíba, todos os folhetos publicados nos seus últimos anos de vida têm seu endereço privado. As outras referências locais de venda do poeta Santos são a

Praça XV, a Feira de São Cristóvão e, ocasionalmente, a Feirarte. Candace Slater, que realizou entrevista com Santos, em 1978, diz que “Ele próprio normalmente vende de cinquenta a cem livretos em noites de fim-de-semana no Largo do Machado e quase dobra esse número na Feira de São Cristóvão aos domingos.” (SLATER, 1984, p.130).

Em sua pesquisa de campo, Slater observou o trabalho de Apolônio dos Santos em dois locais de venda, constatando que o público do Largo do Machado era diferente da Feira de São Cristóvão. No primeiro local, foram identificadas pessoas mais jovens, trabalhadores e estudantes. Na feira, a autora verificou que havia um público mais maduro, em geral migrantes de Pernambuco, Paraíba e Ceará (SLATER, 1984, p. 131). De uma maneira mais generalizada, Slater afirma que o público “Compradores de folhetos no Rio de Janeiro tendem a ser operários da construção civil, vigias noturnos, zeladores e porteiros, garçons, domésticas ou operários de fábricas.” (SLATER, 1984, p. 41).

A Feira de São Cristóvão – popularmente mais conhecida como Feira dos Nordestinos, atualmente renomeada como Centro Municipal Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas – começou a ser organizada no período de grande migração de nordestinos para o Rio de Janeiro, entre 1940 e 1950. Inicialmente ocupando o campo de São Cristóvão e hoje o Pavilhão inaugurado em 2003, ganhou novos espaços físicos, mas também socioculturais. Em 1981, Apolônio dos Santos escreve o folheto *A Feira dos Nordestinos no Campo de São Cristóvão – R.J.*

Desde de quarenta e cinco
em março do mesmo ano
que João Batista da Costa
um forte Paraibano
por apelido “João Gordo”
era dali veterano.

Debaixo de uma árvore
ainda hoje existente
João Gordo instalou ali
uma banca permanente
vendendo fumo de rolo
carne seca e aguardente.

Naquele tempo era ali
o final rodoviário
dos páus de arara [sic] do Norte
até ganharem o salário
João Gordo lhes fornecia
os seus sustentos diários. (SANTOS, 1981, p. 4 e 5).

Sylvia Nemer descreve que o Campo de São Cristóvão era a última parada dos paus-de-arara antes de voltarem para o Nordeste, sendo também o local de desembarque dos nordestinos que, ao chegar, se deparavam com a realidade do grande centro urbano, as dificuldades para conseguir moradia, alimento e trabalho. Muito deles acabaram por montar nesse mesmo espaço barracas para venda de produtos do Nordeste, formando a feira do Campo de São Cristóvão (NEMER, 2012, p. 14 e 15).

A feira tornou-se referência por reunir, acolher e promover reencontros entre os nordestinos.

É aonde os nordestinos
encontram seus conhecidos
avistando alguns parentes
que não serão esquecidos
e também sabem notícias
de todos entes queridos.

Muitos trabalham a semana
em obras de construção
nos domingos vão a feira
com grande satisfação
comer as coisas gostosa
pra recordar o sertão. (SANTOS, 1981, p. 1).

Tornou-se lugar de memória, onde os sujeitos encontram referências a sua região de origem, onde eles recordam os cheiros, os sabores, músicas, cantorias, viola e poesia.

Quem viajar do Nordeste
para o Rio de Janeiro
no Campo de São Cristovão [sic]
ficará bem prazenteiro
pois avistará um quadro
do nordeste brasileiro.

[...]

Tem poeta violeiros
cada qual bom menestrel
e vários revendedores
de folheto de cordel
e boas comidas típicas
buchada e sarapatel. (SANTOS, 1981, p. 1).

Com tantas peculiaridades, a Feira dos Nordestinos passou a ser um território demarcado dentro da capital, Rio de Janeiro. Era alvo de críticas por parte da

sociedade, que via a feira como um mercado clandestino, onde se compravam livremente armas, facas e realizavam jogos ilegalmente (NEMER, 2012, p. 16 e 17).

O Governo do Estado
com o Prefeito combina
e fizeram uma opressão
contra a feira nordestina
tencionando acabá-la
porque era clandestina.

Logo contra nossa feira
um grande complô se fez
por não se legalizada
paralisou quase um mês
mas por forte intervenção
voltou a feira outra vez. (SANTOS, 1981, p. 6).

Em meados da década de 1950, as ações de repressão dos órgãos de fiscalização da prefeitura intensificaram-se contra a feira, que por sua vez começou a levantar sujeitos com o objetivo de defender a permanência da feira em São Cristóvão. No folheto, o poeta Apolônio dos Santos menciona nomes que foram importantes nesses momentos de conflito, como Manoel Alexandre Alves, Ivan Figueiredo e Agra Esperidião. Mas as tensões não existiam apenas entre o órgão público e os feirantes; nesse grupo citado pelo poeta havia interesses diferentes.

E depois apareceu
Agra Esperidião
e criou uma entidade
chamada Associação
Protetora dos Nordestinos
e teve repercussão.

A feira se dividiu
para duas direções
Manoel Alexandrino alves [sic]
com as suas pretensões [sic]
e Esperidião Agra
com outra parte em ação. (SANTOS, 1981, p. 7).

Se, por um lado, a feira foi um espaço de exclusão, pois os olhares lançados sobre ela eram preconceituosos; por outro, desenvolveu-se como espaço de resistência diante da classe dominante que residia nas proximidades, da sociedade carioca e das imposições governamentais. Os folhetos de cordéis contribuíram nessas disputas com as várias produções em defesa da feira – os poetas, que eram muitos, vendiam e a utilizavam como palco para performances. Os poetas eram

beneficiados por não pagar taxas para vender seus folhetos, afinal eles atraíam o público através das suas apresentações e faziam divulgação quando escreviam folhetos em que a Feira dos Nordestinos era o conteúdo e/ou referência de localização.

Para todos cordelistas
ou poetas folheteiros
ele mandou dispensar
de pagar os taboleiros [sic]
dando mais valor a arte
dos poetas brasileiros. (SANTOS, 1981, p. 8).

Observando os espaços urbanos (feiras e praças) e rurais (mercados e feiras), em que a literatura de cordel circula, Luyten afirma que este é um fenômeno que ocorre nas classes subalternas (1992, p. 32). Mark Curran também definiu o público leitor do folheto de cordel como “[...] geralmente o indivíduo pobre de pouca ou nenhuma educação formal que compra o folheto, porque simplesmente gosta da história que o autor narra, e, em parte, porque só tem dinheiro para comprar este tipo de literatura.” (2014, p.13). Outros pesquisadores também pensam o mesmo; no entanto, essa classificação do público, muitas vezes, é generalizada e acaba tendo uma conotação pejorativa e depreciativa do folheto de cordel. Para estabelecer um contraponto de reflexão a esse perfil, instituído muitas vezes pelos pesquisadores, Bruna Lucena faz a seguinte observação:

A marginalização de seus produtores deve-se muito ao mito do “poeta popular” como um homem pobre, analfabeto ou semiescolarizado, que escreve versos simples, em um suporte material simples, destinados a gente simples. A simplicidade, como o avesso da complexidade – característica da literatura –, é, de um modo geral, a palavra e o pensamento que traduz a posição de marginalização do cordel no campo literário. A valoração, na maioria das vezes pejorativa ou condescendente, atribuída à materialidade (o suporte folheto, entendido como simples), à poética (o cordel, como uma poética da oralidade, entendida como simples), aos autores (poetas simples) e ao público (gente simples) forma a concepção que a crítica literária tem a respeito do cordel. (LUCENA, 2010, p. 56).

E essa é uma concepção limitada, já que o folheto de cordel é um gênero de composição complexa, que desperta o interesse de um público heterogêneo e aborda uma infinidade de temas, cujos produtores são sujeitos dotados do poder da informação e do conhecimento. O conflito entre utilizar uma visão limitada ou ampla

para compreender o folheto de cordel está nos padrões construídos e impostos pela intelectualidade para determinar o que pode ser considerado de valor.

Desde a década de 1970, Candace Slater constatou que o público do folheto de cordel era desigual e de difícil classificação. Mesmo mantendo forte vínculo com as regiões interioranas, esse público, fosse da capital ou do interior, era bastante diversificado em termos de “educação, família, idade, ocupação, renda”. Um novo público, na década de 1970, aproxima-se mais intensamente da literatura de cordel, são artistas, escritores, estudantes e pesquisadores, em maioria da classe média (1984, p. 38 e 45). Essa década destaca-se também pelo aumento de pesquisas sobre os folhetos de cordéis, despertando o interesse de pesquisadores estrangeiros como os americanos Candace Slater e Mack Curran, o holandês Joseph Luyten e o francês Raymond Cantel – pioneiros nos estudos sobre a literatura de cordel no Brasil.

Ainda existe o turista que visita as feiras de artesanatos ou feiras regionais, como a de São Cristóvão, procurando uma banca de folhetos para apreciar as cantorias, pelepas e comprar cordéis. Durante a pesquisa de campo, nas várias visitas realizadas à Academia Brasileira de Literatura de Cordel, localizada em um bairro do Rio de Janeiro, Santa Tereza, observamos a constante visita de turistas que buscavam exatamente conhecer o espaço e comprar a literatura. Esse não é um público novo, Apolônio dos Santos, na década de 1970, já mencionava os turistas e pesquisadores ingleses e franceses que se interessavam pelo seu trabalho.

3. 2 APOLÔNIO DOS SANTOS: O POETA-REPÓRTER E SEUS FOLHETOS JORNALÍSTICOS

Nessa seção serão analisados os folhetos de cordéis de Apolônio dos Santos classificados pelo poeta como Folhetos de Acontecimentos, que incluem tragédias, fatos, eventos. Discutimos o cordel como um veículo de comunicação distinto dos considerados meios de comunicação formal como o jornal, a televisão e o rádio, mas que tem por objetivo levar a informação e as notícias ao seu público; bem como refletimos sobre os mecanismos utilizados pelo poeta na seleção dos fatos a serem transmitidos, tendo em vista que toda escolha é intencional e tendenciosa.

Segundo Curran, o folheto de cordel e “[...] seus poemas de acontecimentos são realmente memória, documento e registro [...] da história brasileira, recordados e reportados pelo cordelista, que além de poeta é jornalista, conselheiro do povo e historiador popular, criando uma crônica de sua época.” (2009, p. 19). Analisamos o papel exercido por Apolônio dos Santos enquanto um poeta-repórter que registrou fatos políticos do Brasil, narrando através dos seus poemas os acontecimentos e fatos sociais.

Ao observar a lista dos títulos escritos por Apolônio dos Santos, é possível identificar, de forma notória, a quantidade significativa de folhetos escritos sobre acontecimentos políticos, históricos e sociais. Isso evidencia o papel por ele desempenhado como poeta-repórter, termo utilizado por José Soares e Azulão.

Definindo o narrador, Benjamin afirma que ele “[...] retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros.” (1993, p. 201). Nesse sentido, classificamos os folhetos de cordéis de Apolônio dos Santos como narrativas construídas com base em suas experiências e nos relatos vividos por outras pessoas. Daí surgem folhetos sobre as experiências dos nordestinos ao chegarem aos grandes centros urbanos, o cotidiano vivido nas filas dos supermercados, as dificuldades enfrentadas com as altas taxas de inflação, as histórias e romances ficcionais e a própria trajetória de vida do poeta, que deixam vestígios da sua história nos folhetos.

Alguns termos são utilizados por pesquisadores para designar os folhetos narrativos: cordel noticioso; cordel de ocasião; cordel de acontecimento; folheto de época. Mark Curran (2009) utiliza o de *crônica popular*, pelo fato de se tratar de narrativas de raízes nordestinas que relatam, em linguagem popular, as informações. Slater adota o termo *folheto noticioso*, definindo-o “[...] não somente um relato das novidades com uma mesura aqui e acolá para a tradição, porém uma incorporação total de uma ampla gama de fatos dentro de uma dada estrutura.” (1984, p. 151). Já para os folhetos de acontecimentos e folhetos de época que contam fatos passageiros, ela denomina de *folhetos jornalísticos* (1984, p. 145). Por fim, Gilmar de Carvalho, em sua obra *Publicidade em Cordel*, chama atenção para o ritmo de produção dos que ele chama de *folhetos circunstanciais ou jornalísticos* (1994, p. 75).

Em *A notícia na literatura de cordel*, Joseph M. Luyten (1992) apresentou três grupos de comunicação: a grande imprensa, que engloba os jornais de grande

circulação, as tevês e as rádios; a pequena imprensa, que corresponde a jornais regionais ou dirigidos; e o jornalismo popular, que são “[...] periódicos que têm em sua linha editorial uma preocupação de defesa dos interesses das classes trabalhadoras.” (LUYTEN, 1992, p. 33). Assim, ele coloca os folhetos noticiosos como jornais, que têm um público específico, as classes subalternas, como ideologia voltada para o interesse do grupo.

Essa definição apresentada levanta algumas problemáticas se confrontada com os temas abordados por Apolônio dos Santos. É verdade que, em muitos dos seus folhetos, há uma busca por justiça, o que é característico dos folhetos jornalísticos, segundo Slater (1984, p. 149). No entanto, fazer ou buscar justiça para os subalternos não é o único interesse do poeta. Ao escolher um conteúdo noticioso, o cordelista pondera a repercussão para uma venda, em grande quantidade e de forma rápida, para seu público habitual ou eventual.

Luyten acredita que os folhetos jornalísticos, de alguma maneira, têm características comuns quando objetivam noticiar os fatos, tais como: 1. interesse próprio; 2. dinheiro; 3. sexo; 4. conflito; 5. o incomum; 6. culto do herói e da fama; 7. expectativa; 8. interesse humano; 9. acontecimentos que afetam grandes grupos organizados; 10. disputa; 11. descoberta e invenção; 12. crime (LUYTEN, 1992, p. 38). Relacionando os folhetos do poeta Santos a essas características, é possível notar que muitas delas são pertinentes, porém não todas e nem simultaneamente. No folheto de acontecimento de Apolônio dos Santos, encontramos temas atrelados aos interesses do poeta, preocupado com temáticas de maior repercussão. Há conflitos de ideias, a busca pela fama, a disputa entre outros cordelistas, o desejo de escrever algo inédito e inusitado, e o constante interesse em escrever sobre crimes e morte, por ser um conteúdo que proporciona boa vendagem.

No folheto *O monstruoso crime de Serginho em Bom Jesus de Itabapoama* (SANTOS, 1977), é possível identificar algumas dessas características, como o interesse próprio, o desejo de lucro, os conflitos da história, o fato de ser um crime que repercutiu e a busca pela justiça.

Com a alma transpassada
de tristeza e emoção
vou descrever a tragédia
que fez cortar coração
o crime mais tenebroso
que houve em nossa nação

[...]

Todo povo revoltou-se
com a monstruosidade
toda multidão gritava
pedindo a divindade
justiça para o monstro
daquela barbaridade. (1977 apud SLATER, 1984, p. 153 e 156).

Após a publicação desse folheto, Apolônio dos Santos fala que, nas semanas seguintes ao crime, houve grande repercussão e, por isso, ele vendeu toda tiragem de 1.000 folhetos, afirmando que seu desejo era fazer mais cópias de imediato, porque fatos como esses logo caem no esquecimento. Não é que o lucro seja o único objetivo do poeta, porém esse é um dos principais motivadores.

As primeiras estrofes do cordel de acontecimento são destinadas a introduzir o leitor/ouvinte ao tema. Essa é uma das características apontada por Benjamin, “Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir.” (1993, p. 205). Quando o folheto trata de catástrofes ou mortes, eles são repletos de detalhes e informações minuciosas para tentar trazer a imagem do real – a princípio, informando o local, a data, caracterizando o ambiente, os principais ou o principal personagem envolvido no fato. Apolônio dos Santos escreveu a maior parte dos seus folhetos jornalísticos sobre tragédias e mortes. Um deles foi sobre o incêndio no Edifício Andorinha, no Rio de Janeiro; importante observar que o poeta utiliza o próprio fato para dar título ao cordel, acrescentando sempre o local e um adjetivo ou um substantivo indicativo, *O pavoroso incêndio do Edifício Andorinha no Rio de Janeiro*.

Com inspiração divina
Do nosso deus verdadeiro,
Vou versar uma tragédia,
De terror e desespero,
Que abalou profundamente,
Nosso Rio de Janeiro.

Já findando fevereiro
A 17 do mês
Um grande incêndio fatal
Grande mortandade fez
A mais tremenda tragédia
Do ano oitenta e seis.

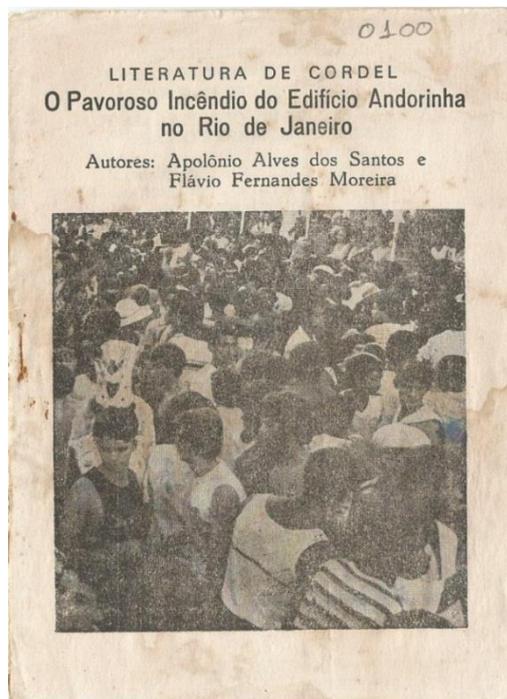
Depois do carnaval findo
Tudo em normalidade

No Edifício Andorinha
Bem no centro da cidade
Às duas horas e trinta
Deu-se a fatalidade. (SANTOS; FLAVIO, 1986, p. 01).

Assim, “Antes de começar a ler ou a ouvir o poema, certamente o leitor já é capaz de inferir, a partir do título e da ilustração, sobre o seu tema e, possivelmente, antever, em grandes linhas, o enredo da história.” (GALVÃO, 2010, p. 111). Apolônio dos Santos, percebendo a influência da capa, utiliza o título e a ilustração como estratégias de venda. Com título bastante enfático, o poeta compõe a capa com uma imagem realista para atrair o público.

Normalmente, seus folhetos são ilustrados com xilogravuras, com algumas exceções, como é o caso deste cordel. Ele utiliza uma fotografia, que, muito provavelmente, não está relacionada com o ocorrido. Observando as expressões, a quantidade de pessoas, é possível inferir que a imagem não corresponde ao texto. Muitas vezes pela própria pressa de que o folheto seja publicado e impresso, o poeta ilustra com outra imagem, pois o processo de encomendar uma xilogravura requer tempo e dinheiro, itens nem sempre disponíveis.

Figura 9 – Clichê de fotografia. O pavoroso incêndio do Edifício Andorinha no Rio de Janeiro.



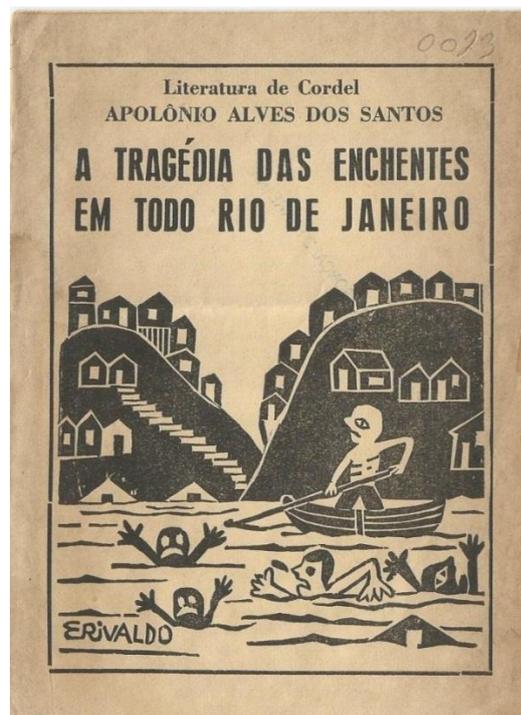
Fonte: Acervo particular da autora.

A prática de colocar uma imagem que não correspondia ao tema do folheto foi explicada por Mark Curran, na década de 1970, como:

Um fenômeno importante foi a reprodução das fotografias das revistas de cinema, em forma de clichê, a qual devido ao preço mais barato, isso, e os poetas pedirem as originais dos jornais que as usaram como propaganda nas folhas dos diários na página de diversões. Também o preço alto limitava o uso da gravura somente aos poetas que tinham mais sucesso econômico. A escassez de artesãos que sabiam fazer as gravuras contribuía bastante à situação. (CURRAN, 2014, p. 5 e 6).

O folheto sobre as enchentes que ocorreram no Rio de Janeiro, em 1988, é ilustrado com uma xilogravura bastante expressiva. Observando o desenho criado pelo artista Erivaldo Silva, percebemos a expressão desesperadora das pessoas, uma em busca de socorro, outras nadando e outras já submersas. O cenário ao fundo da imagem mostra a zona urbana e as favelas formadas nos morros, caracterizando a cidade do Rio de Janeiro. Também é mostrada a intenção incessante e, ao mesmo tempo, desanimadora de um homem no barco, tentando ajudar outros moradores. A água é representada em um nível tão alto que cobre as casas, deixando apenas os telhados à mostra.

Figura 10 – Erivaldo Silva. Xilogravura. *A tragédia das enchentes em todo Rio de Janeiro.*



Fonte: Acervo particular da autora.

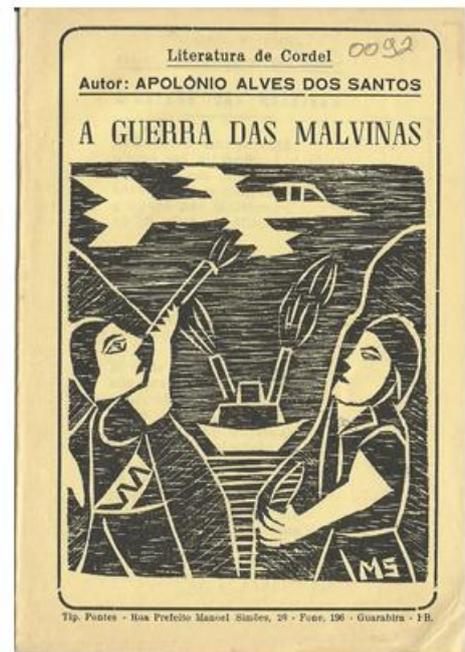
Na maior parte dos folhetos jornalísticos e noticiosos, os poetas destinam a última estrofe a uma “[...] moral associada a um clamor por justiça.” (SLATER, 1984, p. 149). Nas duas últimas estrofes do folheto *A guerra das Malvinas*, sangrento conflito ocorrido entre a Argentina e o Reino Unido em 1984, o cordelista faz um apelo à justiça religiosa, clamando ao Divino – um apelo para suscitar no público leitor/ouvinte a justiça e a indignação humana. Nos últimos versos, o poeta, como na maior parte dos seus folhetos, também apela para que seu público adquira a obra.

Na capa, o poeta e o xilógrafo apresentaram a informação de forma direta. O título anuncia o conteúdo do folheto, indicando o local do conflito, as Ilhas Malvinas. A xilogravura retrata o conflito, soldados que passam uma expressão de indiferença e, ao mesmo tempo, temor diante das armas, avião e navio de combates.

Figura 11 – Marcelo Soares. Xilogravura. *A guerra das Malvinas*.

Vou findar pedindo a Deus
com suas graças divinas
que olhe para os irmãos
que estão sobre as ruínas
pedindo que acabe logo
com a guerra das Malvinas

Aqui ou [sic] faço um apelo
A meus constantes leitores
Ler o caso das Malvinas
Vejam que tantos horrores
Esperamos de Deus Pai
Seus poderosos favores.
(SANTOS, 1982, p. 6).



Fonte: Acervo particular da autora.

As narrativas detalhadas, os relatos e descrições de fatos e acontecimentos que são “decodificações” retiradas dos meios de comunicações e transformadas em versos, certamente não são obtidos pela presença física do poeta em cada ocorrido (GALVÃO, 2010, p. 108). Em entrevista a Slater (1984, p. 147), Apolônio dos Santos afirmou: “O jornal e o rádio auxiliam o poeta dando-lhe os fatos de que carece. A televisão dá-lhe ideia para estórias novas.” Para ele e outros poetas, a televisão, o rádio, revistas e jornais eram fontes imprescindíveis de informação.

O poeta também evidencia seu método para estar sempre informado em seus próprios folhetos. Em três estrofes de folhetos diferentes, ele mostra a importância da televisão, que o inspirou para escrever folhetos. A primeira estrofe faz parte do cordel sobre a AIDS, em que o poeta escreve as informações que obteve através de uma entrevista que assistiu.

Assisti uma entrevista
com um médico especial
que esta doença pega
no ato sexual
assim a contradição
e mais horrenda e fatal. (SANTOS, 1987, p. 2).

Na segunda estrofe, ele mostra a repercussão dos conflitos que estavam ocorrendo entre iraquianos e muçulmanos, e como a televisão contribuiu na propagação do fato.

A nossa televisão
da cidade a capital
mostrou em via satélite
aquele ataque fatal
o qual já era esperado
e foi então registrado
no mundo todo em geral. (SANTOS, [1982?] p. 1).

Na terceira, que compõe o folheto *Nosso mundo moderno*, comparações são feitas entre seu tempo de infância e o mundo no seu tempo atual, reconhecendo a televisão como um importante meio de comunicação mundial.

Hoje em dia a gente ver
em nossa televisão
um fato que acontece
longe da nossa nação
como bem no estrangeiro
se recebe a transmissão. (SANTOS, [19--], p. 5).

Outro aspecto importante a ser analisado nos folhetos noticiosos é a busca da veracidade. Esse é um ponto questionável: até que ponto essa preocupação com a verdade existe, mesmo em se tratando de folhetos noticiosos? Para Benjamin, a narrativa, e aqui estamos tratando os cordéis como tal, “[...] não está interessada em transmitir o “puro em-si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório.” (1993, p. 205), na verdade, a finalidade maior da narrativa é o compartilhar de experiências.

O cordel é um gênero intencionado a agradar seu público leitor, que utiliza estratégias para endossar a história, e dar destaque a um personagem ou mesmo inibir algum detalhe. O poeta, ao contrário do jornalista, não tem compromisso com a verdade, já que sua produção trata-se de um gênero literário; porém, existe sim uma preocupação e uma aspiração por descrever com integridade os fatos e acontecimentos, mas com exigências diferentes das esperadas de um texto jornalístico. Luyten já alertou que “[...] os seres humanos precisam de pessoas como eles que lhe comuniquem, junto com a realidade, um determinado grau de confiabilidade.” (1992, p. 159). Apolônio dos Santos mostra-se preocupado em convencer o público leitor da veracidade dos fatos narrados, porque no folheto noticioso existe sempre algo em jogo: a credibilidade do poeta. Ter credibilidade significava a confiança dos leitores e garantia de venda dos folhetos.

Aqui para de versar
 A grande calamidade
 Lendo este meu folheto
 Verão a realidade
 Escrevi fatos reais
 Sem me afastar da verdade. (SANTOS, 1985, p. 8).

Mencionar as fontes de informações é uma das maneiras que o poeta tem de mostrar a credibilidade da sua poesia. Mas esse não é o único objetivo do poeta-repórter, ele também almeja escrever folhetos de acontecimento imparciais e objetivos. Segundo Roberto Benjamin (1980), esses dois objetivos quase nunca são alcançados. Na maioria dos folhetos, mesmo tentando fazer uma descrição objetiva do fato, o poeta acaba por incrementar um enredo narrativo; ainda quando afirma que irá apenas “versar a tragédia”, em algum momento, acaba exercendo juízo de valor sobre o fato.

Peço a Santa Poesia
 que de mim não se esconda
 pra mim versar a tragédia
 cruel, brutal, hedionda
 “as morte dos operários
 na greve de Volta Redonda”. (SANTOS, 1988, p. 1).

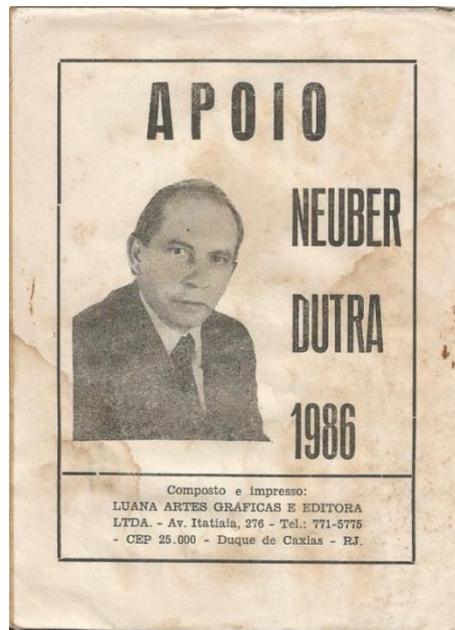
No que tange aos conteúdos abordados nos folhetos jornalísticos de Apolônio dos Santos, podemos destacar como principais as mortes de personalidades, tragédias naturais e as causadas pelo homem, como guerras, crimes, eventos e acontecimentos raros. Luyten (1992) analisa que, como na imprensa convencional,

os folhetos tendem também a retratar fatos extraordinários relacionando à “miséria humana”. São fatos que causam horror e indignação à sociedade os que mais têm repercussão; o que causa uma contradição, as pessoas repudiam o episódio, mas de alguma forma tem “prazer” em ler e falar sobre o que aconteceu.

Os folhetos por encomenda foram aderidos no decorrer dos anos por muitos cordelistas, que, em tempos de crise financeira, precisavam garantir o sustento. A partir da década de 1970, passou a ser uma prática comum, os folhetos com propagandas políticas e conteúdos que faziam parte da campanha eleitoral, principalmente quando as eleições se aproximavam; os próprios candidatos costumavam fazer suas encomendas (SLATER, 1984). Quando o poeta recebe o pedido de um folheto, ele tende a escrever aquilo que seu cliente deseja ouvir/ler a partir da informação solicitada.

Candace Slater observa que “Encontram-se não apenas os costumeiros panfletos encomendados por candidatos políticos, mas também outros pagos por organizações religiosas [...], programas de saúde pública [...], departamentos de turismo [...] e várias atividades comerciais, como bancos [...]” (1984, p. 63). Dentre os folhetos que inicialmente selecionamos para este trabalho, não encontramos muitos com características que indiquem que foram feitos por encomenda. No entanto, com o surgimento de uma nova fonte (anexo III), a catalogação realizada pelo autor, verificamos títulos de folhetos que aparentam serem encomendados, alguns políticos. Encontramos entre os folhetos consultados um com propaganda eleitoral na quarta capa. Em outros folhetos, percebemos a campanha realizada pelo poeta, em vésperas eleitorais, a favor de um político – apesar de não haver nenhuma propaganda explícita, ela aparece no conteúdo da literatura.

Figura 12 – Quarta capa. *O pavoroso incêndio do Edifício Andorinha no Rio de Janeiro.*



Fonte: Acervo particular da autora.

Seja por pensamentos próprios, seja por encomenda, “[...] o sujeito do folheto constrói a sua legitimidade para enunciar, deslizando, cindindo-se, clivando-se, assumindo inúmeras máscaras nesse teatro de sombras que é o discurso político.” (GRANGEIRO, 2013, p. 146). Essas diferentes faces ficam evidentes nos folhetos escritos por Apolônio dos Santos no período do governo do Presidente José Sarney, em que, em alguns momentos, enaltecia a figura de Sarney e, em outros, a repudiava.

O folheto *Vida e morte de Tenório o homem da Capa Preta* é um exemplo, pois nele o poeta mostra sua face política, simpatizando com a figura do deputado. Provavelmente, o folheto fora encomendado pela família de Tenório Cavalcante como forma de homenageá-lo após seu falecimento; apesar de não haver registro na quarta capa de que foi uma encomenda, a última estrofe, que cito abaixo, deixa indicações. O homem da Capa Preta era um político de origem nordestina que residia no Rio de Janeiro; no cordel, os versos narram a história de vida política de Tenório Cavalcante, seus feitos até a morte. Certamente, houve uma identificação entre o poeta e o homenageado, já que ambos originaram do Nordeste e passaram a residir no Rio de Janeiro.

Tenório foi um político
 que teve boas idéias
 três vezes foi deputado
 com bons projetos legais
 natural de Alagoas
 a terra dos marechais

[...]

O homem da capa preta
 como era conhecido
 por ser um homem valente
 positivo e destemido
 não dava colher de chá
 nem chance para bandido

[...]

A família de Tenório
 me desculpem por favor
 Maria do Carmo e Sandra
 esposa do Senador
 Hideckel Freitas de Lima
 ficarei ao seu dispor. (SANTOS, [1987?], p. 1, 2 e 8).

Qualquer que for a tipologia do folheto de Apolônio dos Santos, existe algo que é fatídico: o poeta assinou os versos, assumindo assim a autoria do que foi dito. Isso não diz respeito simplesmente aos direitos autorais do cordel, mas significa principalmente que ele é responsável pelos discursos que realiza e pelas ideologias que são impressas em sua produção poética. Mesmo quando se trata de um folheto de acontecimento, em que o maior objetivo é veicular uma informação, há uma responsabilidade do poeta sobre o que está narrando a respeito do fato e a maneira como estes estão sendo expostos.

3. 3 A DINÂMICA DE COMUNICAÇÃO DO FOLHETO DE CORDEL

O folheto de cordel nasceu da oralidade do povo nordestino e foi difundido pelo Brasil junto com os movimentos migratórios a partir de 1950, devido ao desenvolvimento industrial. Com isso, o Rio de Janeiro na região Centro Sul passa a ser um dos grandes centros produtores de folhetos de cordéis, por conta das tipografias instaladas na cidade (LUYTEN, 1992, p. 83).

Alias, “a Literatura de Cordel sempre foi urbana, isto é, sempre foi impressa em cidades.” (LUYTEN, 1992, p. 83). Pode então se pensar que o conteúdo desses folhetos, em grande escala, era de conteúdos urbanos? Na verdade, não. Os poetas e cantadores que escreviam nos centros urbanos, como Apolônio dos Santos, não perderam de vista suas origens nordestinas. O cordel tornou-se um elo com o Nordeste, não apenas para quem produzia os versos, mas também para os inúmeros trabalhadores que se encontravam distantes da sua terra e tinham um prazer saudosista em ouvir/ler história com uma linguagem e conteúdos de sua região.

Para esses sujeitos, o folheto era uma forma de reviver o passado em sua terra natal; o saudosismo muito presente nos versos, muitas vezes, era romantizado, tornando o que era uma vida sofrida em bonança. No cordel *Bom tempo que não volta mais*, o cordelista faz comparações da sua vida em Guarabira, onde foi criado, com as dificuldades econômicas enfrentadas no Rio de Janeiro. O poeta saudosista exalta sua vida através dos versos, nesse folheto:

Eu ainda estou lembrando
do lugar que fui criado
vivia bem descansado
junto com meus velhos pais
tinha gado nos currais
e qualhada com fartura
pra comer com rapadura
bom tempo não volta mais. (SANTOS, *Bom...*, [19--], p. 1).

No entanto, no cordel *Nosso mundo moderno*, ele retrata a vida no Nordeste de forma conturbada e difícil. Vejamos uma estrofe de cada folheto mencionado, ambos escritos no Rio de Janeiro:

Me criei n’um pé de serra
no interior do Estado
um lugar meio deserto
e pouco civilizado [sic]
só conheci no sertão
a roça e a plantação
e a criação de gado.

Não tive tempo sequer [sic]
de estudar a leitura
fui criado na enxada
cultivando a terrar dura
trabalhava confiante
que o ano fosse abundante
para a nossa agricultura. (SANTOS, *Nosso...*, [19--], p. 1).

Assim, os conteúdos tratados pelos cordelistas migrantes não se restringiam a temas cotidianos, dos fatos e acontecimentos da vida nos centros urbanos; até porque esses folhetos eram vendidos, em grande escala, na região Nordeste. Nas décadas de 1960 e 1970, a televisão ainda não estava disponível para todos, então os folhetos levavam informações, notícias e atualidades para as pequenas cidades do Nordeste.

Os assuntos ligados à região Nordeste não desapareceram em nenhum momento das bancas de cordéis dos centros urbanos, muito pelo contrário. Um exemplo é o folheto *As grandes enchentes do Nordeste – 1985* quando as chuvas e as águas dos rios inundaram algumas cidades nos estados do Nordeste, como Ceará, Piauí, Maranhão, Paraíba, Sergipe e Pernambuco. Apesar de estar no Rio de Janeiro, Apolônio dos Santos descreve cada uma das catástrofes, a situação em que se encontravam os moradores e as providências adotadas.

As águas do rio Potí
 Jaguaribe e Mearim
 deixou para os Maranhenses
 a situação ruim
 na cidade de Pedreiras
 quase tudo levou fim

[...]

A mesma coisa acontece
 na Capital Terezina
 as grandes cheias fizeram
 a mais completa ruína
 deixando seus habitantes
 lamentando a triste sina

[...]

Nossa Defesa Civil
 já tomou as providências
 a todos desabrigados
 atenderam com urgência
 com roupas e alimentos
 e frente de emergência. (SANTOS, 1985, p. 1-3).

No folheto *O homem que mandou comprar a São Pedro, cinco cruzeiros de chuva*, o cordelista trata, através da história de um pai que vê seu filho morrer, as dificuldades causadas pela seca. O folheto, escrito em 1981, expressa um dos dramas do Nordeste, um dos principais temas retratados nos cordéis, por poetas

como o Apolônio dos Santos que, apesar de não residir na região, conhecia as dificuldades enfrentadas e acompanhava os fatos através do rádio e da televisão.

O Nordeste Brasileiro
tem sido muito sofrido
aonde dois ou três anos
a chuva não tem caído
o drama deixa no povo
um pranto bem dolorido

Um nordestino sofrido
da grande calamidade
das secas do Ceará
por sua infelicidade
perdeu seu único filhinho
com três aninhos de idades.

Ficou muito revoltado
por ter perdido o filhinho
que morreu de fome e sede
ainda pequenininho
uma perda irreparável
do fruto do seu carinho. (SANTOS, 1985, p. 1).

A partir dessa relação de produção urbana e venda nas cidades rurais do Nordeste, refletimos que o folheto de cordel não está e nunca esteve limitado ao universo nordestino. O fato de sua origem estar na oralidade dos cantadores e poetas nordestinos, não pode aprisioná-lo a essa dimensão. O folheto de cordel deve ser compreendido como uma literatura da tradição brasileira, porque se difundiu, se modificou, se adaptou, aos diferentes espaços do território nacional. Essa flexibilidade dá-se porque, como disse Lemarie, o cordel é “[...] uma arte viva, em movência permanente [...]” (2010, p. 75). Não se pode perder de vista que os sujeitos que produzem essa literatura também são sujeitos em constante processo de adaptação, com relação aos seus espaços de venda, produção, contexto e aos novos mecanismos de comunicação.

Diante do perfil comunicador que identificamos na obra de Apolônio dos Santos, optamos, na IV Seção deste trabalho, refletir e analisar, de forma minuciosa, os folhetos de cordéis que compõe os grupos de classificação realizados pelo cordelista: Política e Sociedade. Assim teremos uma compreensão de como o poeta cordelista, percebia o cotidiano social em que estava inserido e as movimentações políticas que ocorreram durante sua estadia no Rio de Janeiro, e como tudo isso refletia no Nordeste.

4 ENTRE OS TUBARÕES E A CARESTIA: POLÍTICA E SOCIEDADE NO BRASIL DA DÉCADA DE 1970 A 1990

Esta parte da dissertação tem como objetivo analisar as narrativas de Apolônio Alves dos Santos, observando os momentos políticos, econômicos e sociais por ele vivenciados durante as décadas de 1970, 1980 e 1990. Assim como refletir sobre as suas experiências relatadas nos folhetos de cordéis, que mostram em seu discurso, as influências referentes à sua origem nordestina e ao grupo social o qual pertencia.

Serão tomados como base os folhetos sobre Política e Sociedade, selecionados a partir da classificação do poeta. São cordéis que retratam momentos entre o ano de 1976 – quando o Brasil se encontrava sob um regime autoritário, controlado pelas forças militares e com uma sociedade civil que reivindicava a redemocratização intensamente – até o ano de 1994, quando no Brasil ocorreram eleições presidenciais e a implantação de um novo projeto econômico, o Plano Real.

Nas últimas décadas, de modo intenso, historiadores debruçaram-se sobre o período do Brasil República. Nomes como Boris Fausto, Lucília Delgado, Plínio Arruda, Rui Falcão, Werner Bear, dentre outros, serviram de referência para o diálogo com a produção de Apolônio Alves dos Santos.

O recurso a esses autores não tem como intuito legitimar os eventos narrados nos folhetos de Apolônio dos Santos, mas levar o texto para o contexto das conjunturas apresentadas. O folheto de cordel é “[...] memória, documento e registro de cem anos da história brasileira” (CURRAN, 2009, p. 19). Com olhar peculiar sobre os fatos e acontecimentos, o poeta faz uso de fontes diversas e da poética para criar crônicas, em um misto de ficção e realidade, que tornaram-se testemunhas da história, fontes históricas e narrativas legítimas.

O que então os poetas populares teriam de novo ou de fantástico a apresentar sobre a História do Brasil que os acadêmicos não o tenham feito? Orígenes Lessa responde a esse questionamento a partir de suas experiências com cordelistas quando desenvolveu a pesquisa que resultou no livro *Getúlio Vargas na Literatura de Cordel* (1973).

Para Lessa, não é necessariamente “o que eles escrevem” e sim “como eles escrevem” que importa. Em termos de conteúdo, os poetas tentam, dentro das suas limitações, escrever suas percepções sobre o acontecimento, descrevendo com

riqueza de detalhes o que acreditam ser mais importante para informar à sociedade. Para ele, a literatura popular chega a alcançar maior repercussão do que os livros acadêmicos; isso porque os poetas escrevem para uma camada da sociedade humilde e inculta, utilizando uma linguagem acessível à mesma. Outra justificativa apresentada pelo autor é que o amplo público das camadas subalternas é numericamente maior, com isso o consumo dos folhetos supera facilmente a venda dos livros⁴. Por fim, sobre o público leitor de cordel, Orígenes Lessa analisa que “A questão é oferecer-lhe leituras que fale a sua linguagem, que reflita os sonhos, os seus problemas, os seus interesses.” (1973, p. 16).

4.1 DO “MILAGRE” ECONÔMICO A ABERTURA POLÍTICA

A década de 1970 inaugurou-se com a festividade nacional da vitória do Brasil na Copa do Mundo, mas também, no plano político, com as mudanças de governos no país. Costa e Silva, apesar de doente, ainda estava vivo; mesmo assim foi deposto do seu cargo de presidente pelos militares, bem como o vice-presidente Pedro Aleixo. Dessa forma foi instituído o golpe na própria constituição militar, que com a morte do presidente atribuía o poder ao vice. O Alto Comando das Forças Armadas escolhe para ocupar os cargos, Emílio Garrastazu Médici, como presidente, e como vice-presidente Augusto Rademaker.

Nesse período, o Brasil encontrava-se envolvido em uma política autoritária, dominado por um governo marcado pela repressão. A censura e a coibição faziam parte das ações de controle para manutenção da ordem. Esse mesmo governo controlador investiu veementemente na cultura e na comunicação, pois esses mecanismos serviam para disseminar as ideologias governamentais. Nesse sentido, considera-se que a década de 1970 fez florescer a indústria dos meios de comunicação de massa, uma vez que, com o apoio do governo, a iniciativa privada passou a investir na indústria de comunicação, ampliando a produção televisiva, a fonografia, as editoras de livros, revistas e jornais, e agências de publicidade (RIDENTI, 2003).

Com o Golpe de 1964, a sociedade brasileira entrou em um novo modelo econômico capitalista, em que as instalações industriais aumentaram, fazendo assim

⁴ Essa estatística é apresentada dentro do contexto em que Orígenes Lessa escreveu o livro, em 1973.

com que a população urbana crescesse em número e contribuindo, por consequência, para que as tradições populares antes concentradas em suas próprias regiões agora se dispersassem pelo território nacional (ORTIZ, 2006, p. 80 e 81). A criação da Fundação Nacional de Artes (FUNARTE), a reorganização da Embrafilme, a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro e o Conselho Federal de Cultura são exemplos de ações governamentais após o Golpe de 64 que demonstram a preocupação intencional do Estado com a organização e produção da cultura no Brasil (MENDES, 2011, p. 67).

O governo, que precisava manter o controle da sociedade, optou por agir em cada segmento de acordo com suas demandas. Para os esquerdistas radicais, a intensificação da repressão foi a mais dura de todo regime civil-militar, com corredores da morte, torturas extremas, prisões e desaparecimentos. Os militares conseguiram derrubar os grupos armados que lutavam contra o sistema autoritário. Para o restante da população, o governo utilizou dos seus investimentos nas redes de comunicações, criando propagandas de rádio e televisão, para difundir uma imagem de prosperidade e esperança financeira (FAUSTO, 2008, p. 484).

Sobre a economia brasileira nos primeiros anos da década de 1970, pode-se apontar fatores positivos e negativos; no entanto, é imprescindível pensar que esses aspectos atingiram grupos distintos da sociedade. Outra observação importante é que o período do “milagre econômico” foi relativamente curto, mas gerou danos duradouros à economia brasileira.

Boris Fausto relaciona o que se chama de sucesso econômico, nesse período, aos investimentos estrangeiros que proporcionaram a ampliação do crédito ao consumidor, a instalação das indústrias automobilísticas e o crescimento das exportações de produtos diversos, como a soja, deixando de lado a dependência do comércio do café. Os investidores estrangeiros, a indústria, a agricultura e os setores de serviços foram largamente beneficiados pelo Estado, inclusive com a isenção de impostos (FAUSTO, 2008, p. 485).

Fica evidente que esses benefícios não abrangeram toda população brasileira, eles se restringiram às classes média e alta. Quanto aos demais da população, segundo Fausto, era composta por 52,5% de pessoas que sobreviviam com menos de um salário mínimo, que na década de 1970 baixou ainda mais, afetando a renda familiar e levando cada vez mais cedo os membros da família ao trabalho. As classes populares ainda tinham que viver com a precariedade dos

serviços públicos (como saúde, educação e moradia) que não recebiam nenhum investimento por parte do Estado (FAUSTO, 2008, p. 487).

O Estado evitava a todo custo que a parte da população que não estava sendo beneficiada pelo “milagre econômico” tivesse voz e distorcesse a imagem progressista que era divulgada nas propagandas de televisão e rádio. A censura era aplicada na imprensa nacional e nos meios de comunicação, porém não havia uma ação direta contra o folheto de cordel. Segundo Curran “[...] o governo nem pensava em interferir no cordel, que por sua humildade, não merecia tal cuidado.” (2009, p. 194). No entanto, percebe-se uma diminuição na produção de folhetos políticos na década de 70. Os cordelistas escreviam sobre outros temas e até descreviam acontecimentos, mas se sentiam coagidos, optando assim por não escrever sobre as ações militares. Alguns até se arriscavam a falar sobre o governo, mas seus versos eram elaborados de tal forma que o teor político só aparecia de forma subtendida, fazendo vaga menção ao momento conturbado que viviam.

Na década de 1960, não tivemos notícias oficiais de folhetos escritos por Apolônio dos Santos, apenas cordéis com indícios de que foram publicados no período. Em 1970, não é diferente: até mais da metade da década, a produção é baixíssima e os poucos folhetos escritos são narrativas de acontecimentos, relatos e fatos. Apenas no final da década de 1970 é que se identifica um crescimento no número de cordéis com temáticas políticas.

Em um contexto geral, a produção de cordel sofreu um considerável abalo desde a década de 1960, o qual se estendeu até finais da década de 1970. Para Mark Curran, a modernização das cidades, o desenvolvimento dos meios de comunicação e a inflação, que atingiu os valores de venda e produção do folheto, foram responsáveis pelo enfraquecimento da literatura popular. No entanto, esse fenômeno só gerou queda na produção, não ocasionou o desaparecimento, justamente porque os cordelistas locais, mesmo de forma mais tímida, continuaram criando seus versos (CURRAN, 2009, p. 182-183).

Alguns cordelistas, mais ousados, atreviam-se a escrever sobre a situação das classes populares e as dificuldades que afligiam seu cotidiano. Curran faz referência aos poetas Minelvino Francisco Silva, Antônio Lucena de Mossoró e Rodolfo Coelho Cavalcante, que, mesmo vivendo anos de repressão, não se omitiram em registrar os atos do governo militar contra todos que fossem de encontro a sua ideologia. Não percebemos o mesmo ímpeto em Apolônio dos

Santos, que pouco produziu nesse período, contando apenas os problemas que enfrentou em tempos de “milagre” econômico.

Apolônio dos Santos, escreveu um folheto mostrando sua indignação diante do péssimo atendimento que recebeu ao recorrer ao serviço do INAMPS:

Oh, Santa musa Apolonia
que o poeta inaltece [sic]
dá-me rimas pra versar
o quanto o pobre padece
inclusive os segurados
que pagam o INPS.

Eu também vivo pagando
essa contribuição
mas acontece que um dia
tive certa precisão
do INAMPS, mas achei
foi terrível humilhação.

Vi muita gente nas filas
pessoas enfraquecidas
até senhoras de idade
doentes, desfalecidas
darem desmaio e morrerem
antes de serem atendidas. (SANTOS, [197-], p. 1).

Um dos setores mais atingidos pela crise na década de 1970 é a saúde pública. O Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS) era a instituição responsável por atender os trabalhadores de carteira assinada que contribuíam mensalmente com o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), como o próprio poeta.

Um segundo folheto, que pode ser contextualizado nos primeiros anos da década de 1970, é *Os nordestinos no Rio e o Nordeste abandonado*. Nesse cordel, o poeta faz uma narrativa da vida do trabalhador nordestino, fazendo comparações entre o período em que ele trabalhava nas fazendas e a relação trabalhista nas usinas. O cordelista justifica a migração para o Rio de Janeiro devido às condições de trabalho no Nordeste.

Não vou falar do Nordeste
pois o seu clima é sadio
mas o motivo ou razão
eu quero contar a fio
porque é que os nordestinos
se acham todos no Rio. (SANTOS, [19--], p. 1).

Sobre as novas usinas, Apolônio dos Santos relata as condições de trabalho a que os usineiros submetiam os trabalhadores, com contratos baseados em relações de produção pré-capitalistas:

E o malvado usineiro
vive batendo de peia
obrigando os moradores
a trabalhar de “meia”
e se algum vacilar
ainda vai pra cadeia. (SANTOS, [19--], p. 2).

Ainda nesse folheto, o poeta traça um paralelo entre o trabalhador rural e o operário urbano. Ele relata a difícil vida dos trabalhadores nas fazendas e usinas, que além de não terem seus direitos assistidos, são explorados para produzir mais, gerando alto lucro para o proprietário:

Daqueles pobres sujeitos
o sofrimento é precário
porque vive escravizado [sic]
pelo latifundiário
que não fornece ao pobre
nem terreno nem salário. (SANTOS, [19--], p. 2).

Em 1973, uma crise internacional do petróleo afetou intensamente o Brasil, o aumento de preço do produto fez com que o país tivesse dificuldades em manter os 80% de importação. É nesse contexto de crise que o governo desenvolveu um plano alternativo, criando em 1975 o Programa Nacional de Álcool (PNA ou Proálcool), entre os objetivos do programa estavam o desenvolvimento de pesquisas sobre o petróleo, construções de hidrelétricas, a utilização do álcool como combustível e outros mecanismos para obter energia. Esse período proporcionou um aumento significativo na produção do álcool no país, levando a construção e modernização de muitas usinas.

Sobre o cotidiano de trabalho nas indústrias e construções, Apolônio dos Santos conclui que não é tão melhor quanto o dos trabalhadores rurais. Apesar de ter os direitos trabalhistas assegurados, o operário também é explorado e enfrenta diariamente as dificuldades da vida urbana, como o deslocamento em trens lotados, o morar em áreas afastadas (morros e subúrbios, que não ofereciam infraestrutura nem saneamento básico) e o alto custo de vida em relação aos baixos salários recebidos nas fábricas. Mas o poeta diz:

Apesar do sacrifício
 aqui no Rio de Janeiro
 tem o salário família
 e mais o décimo terceiro
 o pobre vive empregado
 e livre do fazendeiro

Pois aqui o operário
 tem direito a garantia
 tem seguro e instituto
 de aposentadoria
 ficando incapacitado
 o instituto auxilia. (SANTOS, [197-], p. 4 e 5).

Esse folheto como um todo tem ambiguidades a serem observadas. Ao mesmo tempo em que o poeta utiliza uma linguagem saudosista do Nordeste, ele aponta fatores referentes à relação trabalhista que justificam a ida para o Rio de Janeiro. Adiante ele referencia a grande capital como o local onde os direitos trabalhistas são assistidos, porém é uma vida de sacrifícios. Se recordarmos o folheto mencionado parágrafos acima *Os sofrimentos dos pobres que pagam o INPS*, será possível observar as duras críticas ao instituto que fornece o benefício.

Para Mario Grynzpan, a década de 1970 não foi intensa com relação às ações de sindicatos de operários e de trabalhadores rurais, que acabaram se restringindo a pequenos atos em localidades específicas. Vale destacar que os trabalhadores rurais, mesmo de forma pontual, tentaram fazer com que seus direitos fossem respeitados. Benefícios como a previdência social rural, aposentadoria, pensão, auxílio-funeral, serviços de saúde e serviço social que já contavam no Estatuto do Trabalhador Rural de 1963, ganharam o aparato do Pro-Rural em 1972, com o objetivo de garantir o cumprimento da lei. Já os sindicatos dos operários só retomaram suas lutas e reivindicações com maior força no final da década de 1970 (2003, p. 326 e 327).

O crédito foi outro assunto apresentado no folheto *Os nordestinos no Rio e o Nordeste abandonado*, que era uma das estratégias utilizadas no período do “milagre” econômico no governo de Médici. O poeta aponta que o crédito era uma das facilidades que se destacava no centro urbano, principalmente para os migrantes, que, na sua maioria, chegavam sem estrutura e precisavam de financiamento para organizar a vida na capital:

Finalmente aqui no Rio
 tem toda facilidade
 se compra no crediário
 pagando a mensalidade
 tendo cuidado e capricho
 terá a prosperidade

Tem as lojas na cidade
 Para qualquer operário
 Mesmo sem ter fiador
 Não obstante [sic] a salário
 Comprar o que precisa
 Na base do crediário. (SANTOS, [19--], p. 05).

O poeta versa que o Brasil é o “país rico e mais elevado”. Apesar de fazer parte das classes subalternas, de ser um migrante nordestino, de ser operário e viver todas as demandas que desses grupos subjugados emergem, Apolônio dos Santos reproduz a imagem produzida pela propaganda governamental.

4. 1. 1 Morte do ex-presidente Juscelino Kubistchek

Lancei a mão a caneta
 com a ordem do divino
 para versar a tragédia
 que fez o cruel destino
 o qual ocasionou
 a morte de Juscelino

Todo o Brasil se envolveu
 em grande lamentação
 pranteando a morte trágica
 de um vulto de posição
 JK, o nosso ex,
 Presidente da Nação. (SANTOS, [1976?], p. 1).

Em 1976, um acontecimento vira manchete das rádios, jornais e da televisão, a morte do ex-presidente Juscelino Kubitschek, no dia 22 de agosto. A causa da morte foi noticiada pelos principais meios de comunicações, mas também pelos folhetos de cordéis. Para Apolônio dos Santos, esse era um fato que não poderia passar despercebido, já que no mandato presidencial de Juscelino Kubitschek o cordelista presenciou e participou da execução dos projetos desenvolvimentistas, como a construção de Brasília. Ele escreve dois cordéis, sendo um sobre a morte do ex-presidente, intitulado *A morte do ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira*, em que é relatado com riqueza de detalhes o acidente. O segundo folheto, *Biografia*

e morte de Juscelino Kubitschek, descreve a vida pessoal e política, o mandato presidencial até sua morte.

No folheto biográfico sobre o ex-presidente, um cordel de 16 páginas, ele apresenta toda trajetória de vida, sua carreira profissional antes da política, os cargos ocupados na política brasileira, e principalmente a sua atuação quando presidente do Brasil.

Nesse cordel, Apolônio dos Santos também se refere à sua experiência em Brasília quando esta estava sendo construída. Nesses versos, pode-se observar a comparação que o poeta faz com o passado em Brasília e o presente no Rio de Janeiro. No primeiro verso da segunda estrofe refere-se a “perseguição”, certamente fazendo referência ao “rapa”, às fiscalizações da prefeitura para os vendedores de rua e à censura, pois não se pode perder de vista que o poeta estava sob um governo militar autoritário.

Passei um ano em Brasília
no tempo da construção
ganhei bastante dinheiro
com minha especulação
vendia livros na feira
junto com Cícero Vieira
colega de profissão

Não tinha perseguição
Todo mundo trabalhava
Muita gente dava duro
E também negociava
Foi quatro anos de gosto
Que sem se pagar imposto
Muita gente se virava. (SANTOS, [1976?], p. 9).

Nenhum dos dois folhetos tem data de publicação, mas provavelmente foram escritos nos dias subsequentes ao acidente e publicados no mês seguinte, já que à época Apolônio dos Santos morava no Rio de Janeiro e a Tipografia Pontes, onde os cordéis foram publicados, localizava-se na Paraíba.

Para Mark Curran, a difusão da televisão e do rádio na década de 1960 interferiu, em certa medida, na produção da literatura de cordel. Esses veículos de comunicação passaram a transmitir os acontecimentos e fatos quase que simultaneamente. Por outro lado, os próprios cordelistas começaram a utilizar das informações disponibilizadas nesses meios de comunicação para enriquecer o conteúdo dos seus folhetos (2009, p. 185).

E assim Apolônio dos Santos descreve a morte de Juscelino Kubitschek:

Ele vinha de São Paulo
para o Rio de Janeiro
tranquilo saudavelmente
tão alegre e prazenteiro
junto com seu motorista
senhor Geraldo Ribeiro.

No 165
Kilômetros da rodovia
Chamada de via Dutra
Quando o sol já se escondia
As dezoito e quarenta
O acidente ocorria

O seu Opala de número
noventa e três vinte seis
numa curva sem talvez
sofreu uma derrapagem
logo capotou de vez. (SANTOS, [1976?], p. 02).

Assim prossegue o folheto, narrando o acidente, o choque com a carreta, informações sobre o motorista que conduzia o Opala, os momentos em que a notícia chegou à esposa de Kubitschek, o sepultamento, o cortejo e o enterro.

Na década de 1980, observa-se uma mudança nos cordéis de Apolônio dos Santos, agora o poeta dedicava sua atenção ao cotidiano da população carioca. O Rio de Janeiro sofreu com a falta de abastecimento de feijão durante todo o primeiro ano do decênio. O *Jornal do Brasil* noticiou em capa o desespero dos cariocas pela falta do feijão preto, que desapareceu devido às fortes chuvas no final do ano anterior, que destruíram a safra do Paraná que seria vendida para o Rio. A solução encontrada pelo governo foi a importação de feijão da Argentina, o que só ocorreu no segundo semestre do ano. Enquanto o carregamento não chegava, a população disputava, a altos preços, o quilo de feijão. O jornal descreve o tumulto, filas, senhas e os limites de compra quando as toneladas do grão chegaram às prateleiras dos supermercados (BOLSA..., 1980, p. 21; VENDA..., 1980, p. 15; TUMULTO..., 1980, p. 7).

Sobre o assunto Apolônio dos Santos, escreveu o folheto *O ABC do feijão e os tumultos nas filas*.

A princípio, um elogio ao governo:

O governo está mostrando
a sua boa vontade

querendo ajudar o povo
na sua necessidade
comprando no estrangeiro
alguns produtos caseiros
para a popularidade (SANTOS, [1980?], p.4).

Em outro momento, a crítica:

Ganância de tubarão
é quem faz a tirania
para explorar o povo
esconde a mercadoria
pra vender por alto preço
com isto é que entristeço
em ver tanta carestia (SANTOS, [1980?], p.2).

A crítica do poeta Santos surge depois de descrever sua própria experiência nas filas. Ele relata que, ao chegar sua vez de comprar, o vendedor informou que o feijão havia acabado. O feijão argentino foi vendido a vinte e cinco cruzeiros, no entanto era preciso enfrentar filas e tumultos; para quem não estava disposto, o preço chegou a cento e trinta cruzeiros. Na compreensão do poeta, tanto a escassez quanto a variação dos preços eram estratégias do governo para lucrar diante das circunstâncias. O senso crítico do poeta também estava direcionado aos empresários do setor de importados e aos comerciantes, chamados de tubarões, que tem como única finalidade se aproveitar das circunstâncias para lucrar.

Durante toda década de 1980, Apolônio dos Santos utiliza a metáfora de *Tubarão* para se referir aos aproveitadores, os ladrões, os poderosos, os políticos corruptos, empresários, proprietários das indústrias e ao próprio governo; a classe dominante da sociedade, como uma representação das fraudes, das ilegalidades e mesmo do desinteresse em trabalhar para beneficiar a população de baixa renda. Curran compreende que “[...] os tubarões do comércio [...] sempre representaram o Mal.” (CURRAN, 2009, p. 230). No folheto *Uma carta que veio do céu para o Presidente Figueiredo falando à favor do pobre* o poeta clama: “Peço a sua excelência / que não deixe o tubarão / inflator [sic] da carestia / sugar a nossa nação [...]” (SANTOS, 1981, p. 2). O *tubarão* é a representação do mal que vai roubar a nação brasileira. Essa é uma das preocupações que Apolônio dos Santos expressa nesse cordel, onde o *tubarão* é a classe dominante e a *nação* são as camadas subalternas, que na representação vitimista do poeta estão sempre sendo extorquidos. A narrativa partiu de um sonho, em que um anjo lhe entrega uma carta

para que esta chegasse às mãos do presidente; antes, porém, o poeta vê que a carta foi escrita por Juscelino Kubitschek, do céu.

Esse folheto de 1981 é um dos poucos datados pelo cordelista Apolônio dos Santos nesse período. Em apenas oito páginas, abrange várias questões: a inflação, os preços altos de alimentos, a violência, as drogas, a aposentadoria, o salário, os nordestinos, a agricultura, as questões trabalhistas, a moradia, o desemprego, o petróleo, entre outras. Pela quantidade de assuntos, é perceptível a idealização do poeta com relação à presidência; também por acreditar que Juscelino Kubitschek foi tão exemplar em seu mandato que não só ocupa um lugar no céu como pode fazer críticas ao atual governo de João Figueiredo. Quando o poeta aponta os problemas, ele está fazendo uma crítica ao governo por não resolver as demandas sociais, sendo muitas delas recorrentes. O desejo de Apolônio dos Santos torna-se um sonho utópico de um país perfeito, dentro dos seus próprios padrões.

Em 1974, com a eleição de Ernesto Geisel pelo Colégio Eleitoral, o Brasil começa lentamente a viver novos tempos políticos. Geisel, que fazia parte dos castelistas, foi escolhido pela “sua capacidade de comando e suas qualidades administrativas. [... e por ser] irmão do ministro do Exército Orlando Geisel”. Por não compactuar com os militares da linha-dura, sofreu muitas pressões, ainda mais por ter em sua proposta a abertura política, a retomada da democracia, ainda que fosse relativa (FAUSTO, 2008, p. 488).

Apolônio dos Santos descreve a implantação do Plano Nacional de Desenvolvimento II (PND II), do governo Geisel, que realizou investimentos nas empresas estatais como a Petrobrás, e que trouxe como consequência a diminuição das importações do petróleo, através de um pedido do ex-presidente Juscelino Kubitschek:

E fazer a petrobrás [sic]
convocar seu conselheiro
a procurar mais petróleo
sobre o solo brasileiro
para não precisar vir
petróleo do estrangeiro. (SANTOS, 1981, p. 7).

Apesar desse não ser o tema principal do folheto, é um assunto que o poeta discutiu, mesmo sem fazer diretamente parte do cotidiano da estrutura social a qual ele pertencia. O petróleo e a Petrobrás eram problemas que afetavam os grandes

investidores e o governo. Essa é uma fala que mostra a circularidade da informação através de folheto, pois são as demandas dos grupos dominantes tornando-se assuntos lidos pelos grupos dominados. Também é notório o discurso nacionalista em defesa do “bem precioso”, o petróleo, uma ideologia que acreditava na autonomia da econômica nacional através do domínio do petróleo.

Em 1978, o congresso revogou o AI-5, mas esta medida só entrou em vigor em janeiro de 1979. Essa revogação reconstituiu a liberdade de expressão e direitos políticos da sociedade civil, o que impactou diretamente a produção de cordel. Curran sinaliza que de 1979 a 1985 foi o segundo melhor momento na produção de folhetos, só não superou a Época de Ouro nas décadas de 1950 e 1960. Fazendo uso de temas como “[...] campanha por eleições diretas e a vitória de Tancredo Neves, o “Mártir da Nova República”, sem dúvida constituíram eventos dos mais vibrantes de todo o século da história brasileira registrado pelo cordel.” (CURRAN, 2009, p. 203). Esse é o período de maior produção também para Apolônio dos Santos, já que se tornou um poeta mais experiente, com uma situação financeira melhor e que lhe permitia dedica-se a escrever, exclusiva e intensamente, folhetos de cordéis sobre os acontecimentos políticos e econômicos do país e sobre fatos relevantes que ocorriam na sociedade.

Se na legislação havia mudanças positivas, ainda que limitadas, no setor econômico não se pode dizer o mesmo, durante a passagem do mandato de Geisel e início da presidência de João Figueiredo. Os muitos empréstimos estrangeiros que foram realizados durante o “milagre” econômico começaram a ser cobrados a juros altos e pesaram no orçamento brasileiro.

O poeta mostra que a produção agrícola foi duramente afetada por secas no Nordeste e pelas enchentes no Sul, o que afetaram diretamente o cultivo de produtos alimentícios. Esse problema trouxe prejuízo aos agricultores e latifundiários, mas afetou as camadas subalternas que sofreram pela falta de produtos alimentícios básicos:

Lavradores não existe
 acabou-se agricultura
 como havia antigamente
 não há mais grande fartura
 porisso [sic] falta o feijão
 resta somente amargura.

[...]

Paraná já prometeu
 boa safra do produto
 se o inverno for bom
 terá lucro absoluto
 muito feijão se aproveito
 se no tempo da colheita
 for favorável e enxuto. (SANTOS, [1980?], p. 4 e 5).

4. 2 DIRETAS JÁ E A REDEMOCRATIZAÇÃO

Dia 15 de novembro
 de 82, chegando
 estejam bem preparados
 a sua vez esperando
 com sua chapa na mão
 da urna se aproximando.

Votando no PTB
 a votação é certa
 para Sandra Cavalcante
 ou então o Miro Teixeira
 que para governador
 ninguém lhe corta a carreira (SANTOS, 1982, p.2).

O anúncio do poeta é para as eleições de 1982, que elegeram vereadores e governadores pelo voto direto, abrindo caminho para a campanha eleitoral que se fortaleceu em 1984. Nesse folheto, Apolônio dos Santos expressa o valor do voto como ato da democracia e mostra seu apoio aos candidatos do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Nessa obra e em outras, é possível perceber que o poeta demarcava seus posicionamentos políticos, que aliados às suas ideias nacionalistas em defesa do petróleo, evidenciam uma tendência ao socialismo esquerdista ligado ao getulismo.

Nas três estrofes o poeta Apolônio dos Santos conta o envolvimento da sociedade e a expectativa para que as próximas eleições presidenciais já fossem com o voto direto. Contudo, como relata o cordelista, a Câmara não aceita a proposta de Dante de Oliveira. A população, que já estava motivada, não vê a negação da emenda como desestímulo. Nas duas últimas estrofes, as palavras *perseverança*, *esperança* e *solução* são representações do sonho ou da utopia de que as eleições diretas iriam colocar no poder quem resolveria todos os problemas do Brasil.

Conto a meus caros leitores
desta pátria brasileira
uma tragédia que fez
desfraldar nossa bandeira
disvirtuando [sic] a legenda
e derrotando a emenda
do DANTES DE OLIVEIRA.

Da quarta pra quinta-feira
Em 25 de abril
Se reuniu o congresso
Para a votação hostil
Com grande perseverança
Visando nova esperança
Para o Brasil.

Esta foi uma derrota
Que jamais se esquecerá
Nosso País tá quebrado
E jamais se emendará
Está sofrendo a nação
E a nossa solução
Seria as diretas já. (SANTOS, 1984, p. 1).

Os partidos, Partido dos Trabalhadores (PT), Partido Democrático Trabalhista (PDT) e Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), apesar das divergências ideológicas, uniram-se para impulsionar a campanha, começando por pequenos comícios até as passeatas no Rio de Janeiro e São Paulo que reuniram milhões de pessoas. Juntaram-se também organizações como a União Nacional dos Estudantes (UNE), a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), a Conferência Nacional da Classe Trabalhadora (CONCLAT), a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a Comissão de Justiça e Paz de São Paulo. E os brasileiros civis, que estavam, havia vinte anos, silenciados pelo regime militar, foram às ruas para gritar pela liberdade e democracia, com bandeiras, faixas e, acima de tudo, a esperança de que o dia 25 de abril de 1984 ficasse marcado pela volta da democracia (DELGADO, 2007).

O historiador Boris Fausto resume as campanhas pelas Diretas Já com a seguinte análise:

A campanha das “diretas já” expressava ao mesmo tempo a vitalidade da manifestação popular e a dificuldade dos partidos para exprimir reivindicações. A população punha todas as suas esperanças nas diretas: a expectativa de uma representação autêntica, mas também a resolução de muitos problemas (salários baixos, segurança, inflação) que apenas a eleição direta de um presidente da República não poderia solucionar. (FAUSTO: 2008, p. 509).

A crítica do historiador Fausto é pertinente, já que os problemas do Brasil atingiam várias áreas e dificilmente poderiam ser resolvidos; muitas questões como as econômicas dependiam também de fatores externos, além do que, muitas decisões passavam pela votação da Câmara e do Senado. Mas as eleições diretas representariam a volta do poder às mãos do povo brasileiro. A emenda apresentada pelo deputado Dante Oliveira solicitando a implantação das diretas já foi derrotada na noite do dia 26, deixando os brasileiros indignados.

Lucília Delgado também concorda que a derrota da emenda não pode ser vista como uma perda total:

[...] apesar da derrota da emenda das diretas já a imagem das multidões lotando os espaços públicos, passou a integrar, de forma inequívoca, as páginas de nossa história e se constituiu como marca expressiva de uma trajetória sem retorno pela reconquista da democracia política, na década de 1980. (DELGADO, 2007, p. 2).

No folheto *Eleições Diretas Já Para um Novo Presidente*, Apolônio dos Santos traça um paralelo das injustiças no Brasil. Ele tematiza o poder, a riqueza, a mordomia e os privilégios que os governadores e políticos têm; enquanto o trabalhador, operário e pai de família vivem na pobreza, desemprego, fome, privações e uma vida regrada pela carestia. Na visão do poeta, o Brasil é um país que funciona na base do “interesse e esperteza” e por isso há tantas “injustiças”. Santos mostra que o Brasil precisava mudar, não apenas pela situação política e econômica que a sociedade vivia, mas também pelos princípios morais que o país estava cultivando.

Porém esta mordomia
já está pra se findar
daqui pra 85
vamos ver quem vai ficar
ninguém sabe é um segredo
Paulo Maluf ou Tancredo
Vem aí para mudar (SANTOS, 1984, p. 8).

Nem tudo ocorreu como a sociedade desejava. Os partidos se organizaram, lançaram seus candidatos, o Partido Democrático Social (PDS) representado por Paulo Maluf e o PMDB por Tancredo Neves. No entanto, não foi pelo voto direto que um deles chegou à presidência. A eleição de 1985 foi realizada pelo Colégio Eleitoral, que deu vitória à oposição. Tancredo Neves venceu com 480 votos.

4. 3 NOVA REPÚBLICA

4. 3. 1 Ascensão e morte de Tancredo Neves

O apoio popular à candidatura de Tancredo Neves não estava ligado apenas aos seus discursos e propostas, ou mesmo ao sonho do povo de que ele poderia resolver os problemas do país, era principalmente uma expressão de rejeição ao PDS e ao regime militar. A sociedade brasileira não aceitava mais a política repressiva e autoritária que estava no poder desde 1964, que executou planos econômicos cujo objetivo estava distante de beneficiar as classes subalternas, que fez o país tornar-se um dependente financeiro dos estrangeiros e a inflação fugir do controle, aumentando o custo de vida. Declaradamente, a sociedade brasileira não queria mais viver no militarismo.

Queremos um presidente
dinâmico e de otimismo
que seja bem *democrático*
dentro do *socialismo*
que ofereça vantagem
comenas [sic] politicagem
chega de *militarismo*. (SANTOS, 1984, p. 2, grifo nosso).

Destacamos algumas terminologias nessa estrofe, pois estas demonstram o conhecimento político que Apolônio dos Santos detinha. Ao contrário do que se poderia concluir (de o poeta ser um sujeito sem posicionamento político ou mesmo que escrevia se deixando levar pelas circunstâncias que lhe convinham), a utilização desses termos, o apoio político depositado em alguns representantes políticos, e as opiniões emitidas sobre as políticas públicas aplicadas pelos governos vigentes evidenciam que o cordelista Santos era um sujeito político e era conhecedor das ideologias partidárias. E quanto às constantes mudanças de opinião, quando ora ele apoiava o presidente, ora repudiava suas ações, o poeta o faz com consciência e com objetivos claros de defender seus interesses de venda, enquanto parte das classes subalternas. Considerar a utilização desses termos, ora grifados, apenas uma mera reprodução de discurso, seria atestar a incapacidade do poeta em ser um sujeito político e produtor de discursos e ideologias próprias, pelo fato dele ser um indivíduo de baixa escolaridade.

Em outro folheto, o poeta também discursa:

Tem que acabar mais cedo
 Está coisa prepotente
 Deixando o militarismo
 Viver as custas da gente
 Assim o nosso país
 Não pode ir para frente. (SANTOS, [1985?] p. 6).

Com a vitória de Tancredo Neves, inúmeros folhetos foram escritos, sobre as eleições, a vitória, as expectativas de futuro com o mais novo presidente. Apolônio dos Santos escreveu, logo depois da eleição, o cordel *A despedida de João e a posse de Tancredo*. Agora com maior liberdade, após o fim do AI-5, ele se inspira e versa suas opiniões políticas:

O poeta popular
 Sempre escreve sem segredo
 Pra desabafar as maguas [sic]
 Poriso [sic] escrevo sem medo
 A despedida de João
 E a eleição de Tancredo (SANTOS, [1985?], p. 1).

No cordel, Apolônio dos Santos utiliza a primeira pessoa, na voz de Tancredo Neves, para escrever os compromissos firmados durante a campanha do recém-eleito presidente:

Eu venho para libertar
 O país do atoleiro
 E trabalhar a favor
 Do meu povo brasileiro
 E saldar a nossa dívida
 Do Brasil com o estrangeiro [sic] (SANTOS, [1985?], p. 6).

O cordelista Apolônio dos Santos foi o único a prever, com base nas experiências que presenciou de outros presidentes, que Tancredo não permaneceria vivo por muito tempo e não chegaria a cumprir os compromissos firmados com a sociedade. Na pesquisa realizada por Veríssimo de Melo (1986), este foi o único poeta a registrar tal “premunição”:

Quando vem um presidente
 Pra proteger a nação
 Esse é pressionado
 Quando não perde a razão
 Logo sofre um acidente
 De carro ou de avião

E logo de prontidão
 A morte vem faz um rapa
 É simulado um desastre
 E a vítima não escapa
 Logo aquele protetor
 Desaparece do mapa. (SANTOS, [1985?], p. 4).

É verdade que Tancredo Neves não se suicidou, nem sofreu nenhum acidente, mas morreu antes de tomar posse da presidência do Brasil. Depois de sete intervenções cirúrgicas, o então eleito presidente Tancredo Neves faleceu, no dia 21 de abril de 1985. A posse, que estava prevista para o dia 15 de março do mesmo ano, foi interrompida às vésperas por um súbito mal-estar com fortes dores abdominais, que levaram a 38 dias de angústia e expectativa para a sociedade. Ainda se esperava pela melhora daquele que “representava o sonho do retorno de um civil ao poder”, segundo Nair Prata (2006, p. 2).

O vice-presidente José Sarney assumiu interinamente o cargo de presidente, no dia 15 de março, e permaneceu nele após o falecimento de Tancredo Neves.

Foi convocado o Senado
 para estabelecer
 a posse da presidência
 quem deveria receber
 coube a José Sarney
 em exercício exercer (SANTOS, [1985?], p. 3).

Para a literatura de cordel, o evento provocou um misto de melancolia e inspiração. Veríssimo de Melo, em um ensaio intitulado *Tancredo Neves na literatura de cordel* (1986), afirma que mais de 100 folhetos de cordéis foram produzidos sobre “o fato histórico da ascensão e morte de Tancredo Neves”. Mark Curran afirma que o cordel não estava em suas melhores épocas, em termos de produção, mas “ressuscitou” diante da doença e morte de Tancredo Neves:

Embora não disponha de estatísticas, avaliamos que a quantidade de folhetos publicados de janeiro a março de 1985 em vários pontos do país faz desse evento o segundo maior em toda a história do gênero, perdendo somente para a morte de Getúlio, que ocorreu na idade de ouro do cordel. (CURRAN, 2009, p. 217).

O ensaio escrito por Melo (1986) classifica os mais de 100 folhetos de cordéis produzidos no período. O autor seleciona os textos sobre a ascensão e morte de Tancredo Neves e os classifica em três grupos: 1º Tancredo nas diretas e vitória no

colégio eleitoral; 2º Traços biográficos de Tancredo; e 3º Tancredo na posteridade. Os folhetos escritos por Apolônio dos Santos sobre a temática foram também utilizados pelo autor do livro.

Nesses momentos de muita inspiração para os cordelistas, foi inevitável a associação das mortes de Tancredo Neves e Tiradentes, ambas no mesmo dia 21 de abril. Os poetas passaram a se referir a Tancredo Neves como “O Novo Mártir da Democracia do Brasil” e “O Mártir da Nova República”. Apolônio dos Santos foi um dos poetas que fez a associação com as datas de falecimento, atribuindo à figura pública de Tancredo Neves o *status* de “mártir”. Criou-se uma imagem utópica na presidência não exercida de Tancredo Neves, baseada nas exposições de suas ideias de oposição ao regime militar e, principalmente, do retorno à democracia, realizadas durante a campanha para a eleição. Veríssimo de Melo afirma que essa coincidência entre Tancredo e Tiradentes “Era o mito da redenção (frustrado) se confundindo com o mito histórico da Independência.” (1986, p.12).

Apolônio dos Santos escreveu sobre o assunto dois folhetos: *A morte do Presidente Tancredo de Almeida Neves* e *A carta de Tancredo endereçada a Sarney*. No primeiro, o poeta faz uma narração desde a internação, descrevendo as sete cirurgias realizadas, a posse interina de José Sarney, o falecimento, a reação da população durante os 38 dias e após o falecimento, o funeral em Brasília e o sepultamento em Minas Gerais.

Apolônio dos Santos inicia o folheto anunciando:

O BRASIL inteiro chora
em dolorosa aflição
vendo a pátria de luto
e a terrível emoção
devido a morte do novo
Presidente da Nação. (SANTOS, [1985?], p. 1).

Relata as providências políticas:

Mas como a sua saúde
caiu em deficiência
e foi submetido a uma
intervenção com urgência
o Vice José Sarney
assumiu a Presidência (SANTOS, [1985?], p. 3).

Sobre o envolvimento da sociedade brasileira, o poeta conclui:

Jamais se viu neste mundo
tanta solidariedade
o Brasil todo rezava
cheio de fraternidade
esperando de Tancredo
paz pra toda humanidade (SANTOS, [1985?], p. 5).

O anúncio da morte de Tancredo de Almeida Neves:

Dia vinte e um de abril
deixou a sua existência
na mesma data lembrada
do mártir da Independência
o famoso Tiradentes
um marco da Inconfidência (SANTOS, [1985?], p. 6).

Depois de presenciar a tragédia de o presidente eleito falecer sem mesmo tomar posse do seu cargo, a sociedade brasileira viu-se diante do sentimento de desesperança, com a morte da figura pública que se acreditava que iria consolidar a democracia ao país, e o sentimento de expectativa, de que José Sarney daria continuidade aos planos de Tancredo Neves – o que não ocorreu.

O segundo folheto, escrito por Apolônio dos Santos com a parceria do cordelista Flavio Poeta Fernandes, tem o título *A carta de Tancredo endereçada a Sarney*, cujo enredo é baseado em uma carta que Tancredo Neves teria escrito orientando José Sarney, destacando as prioridades a serem desenvolvidas pelo governo. Os poetas falam dos mais diversos problemas que assolam a sociedade brasileira nas suas diferentes camadas, como reforma agrária, dívida externa, educação, saúde, trabalhismo, dentre outros. As orientações são narradas na primeira pessoa: Tancredo Neves lamenta o fato de não poder cumprir seu mandato e convoca seu sucessor não apenas para cumprir as promessas realizadas durante a campanha, mas também a proceder como se fosse o próprio Tancredo Neves:

Mas como não tive o gosto
de isto realizar
portanto meu sucessor
a você quero lembrar
cumpra o que prometeu
de mim a tudo imitar. (SANTOS, 1985, p. 5).

Destacam-se ainda nesse folheto o medo e a expectativa quanto ao mandato que José Sarney iria cumprir. Na estrofe que se segue, o poeta deixa transparecer a

insegurança que existia na figura do já empossado presidente, quando, usando a voz de Tancredo Neves, ele pede “em nome da lei”:

Confio em sua excelência
amigo José Sarney
como o meu sucessor
lhe peço em nome da lei
honrar com patriotismo
o legado que o deixei. (SANTOS, 1985, p. 3).

4.3.2 Transição e Plano Cruzado: Governo Sarney

Foi no dia 22
de julho, que o Presidente
da República Brasileira
com sua voz reverente
falou pra todo Brasil
lúcido, espontaneamente

Desde que ele assumiu
o comando da nação
ainda não tinha feito
nenhuma declaração
fez pela primeira vez
sua pronúncia. (SANTOS, 1985, p. 1).

Em julho de 1985, José Sarney realizou seu primeiro pronunciamento em cadeia nacional, através do rádio e da televisão. Apolônio dos Santos acompanhou o discurso e se inspirou para escrever o folheto *A nova Constituição e a voz do Presidente*, que tem como capa uma foto clichê do Presidente José Sarney. Lendo o pronunciamento oficial (BRASIL, 1985) do presidente e o folheto escrito por Apolônio dos Santos, é possível identificar frases na íntegra que foram adaptadas para acompanhar os versos do poeta. Um exemplo é a passagem em que o presidente diz em seu discurso: “Não me cobrem, nem me pressionem para fazer o que não posso fazer. Não me exijam milagres.” O poeta ironiza na primeira pessoa, representando a voz do então presidente Sarney: “[...] não prometo nem garanto / nem peçam pra mim fazer / milagres, que não sou santo.” (SANTOS, 1985, p. 2).

Em outros trechos, o discurso é utilizado com fidelidade “O destino não me trouxe / de tão longe para ser / síndico de uma catástrofe [...]” (SANTOS, 1985, p. 2). Nas demais estrofes do folheto, o poeta, fazendo uso do discurso, versa em primeira pessoa os planos que o presidente se comprometeu a cumprir. Temas como democracia, desigualdade social, distribuição de renda, legalização das associações

e organização de greves e sindicatos, reforma agrária, custo de vida, habitação, educação e dívida externa apresentaram maior destaque no discurso. No cordel não foi diferente, mesmo porque esses já eram temas recorrentes nos folhetos escritos por Apolônio dos Santos.

Em linhas gerais, o discurso do presidente José Sarney a princípio teve como objetivo conquistar as “massas”, gerar otimismo, esperança e confiança. Porém, a sociedade brasileira ainda olhava o atual presidente com desconfiança, lembrando que anteriormente ele integrava o PDS (Partido Democrático Social), ligado ao militarismo, palavra a que a sociedade civil brasileira tinha aversão.

No início do mandato de José Sarney na presidência, a economia brasileira estava relativamente estável, se comparada aos anos anteriores; houve melhorias na situação social e nos níveis de empregos e salários. As importações haviam diminuído, enquanto as exportações aumentaram, gerando lucro ao país. A dívida externa ainda existia, mas os juros haviam sido pagos. Apesar de começar com a sombra de Tancredo Neves e as cobranças para que fosse feito conforme o presidente falecido havia firmado, Sarney iniciou bem seu governo. Mas esses bons tempos não duraram muito. A economia não demorou a apresentar problemas, a inflação mostrou-se novamente instável, o que, no caso do Brasil, afeta diretamente os preços de produtos e serviços (ARRUDA; AFONSO, 1986).

A maneira como a instabilidade da inflação atingia o consumidor pode ser compreendida com a descrição que Apolônio dos Santos faz para o período que antecede o Plano Cruzado:

Pois quando a gente chegava
num grande supermercado
na entrada via um preço
em um produto marcado
na volta o mesmo produto
já tinha o preço alterado. (SANTOS, [1986?], p. 6).

A solução encontrada pelo governo de José Sarney foi a implantação de uma nova moeda, o Plano Cruzado. O anúncio do Plano Cruzado e o seu funcionamento foi realizado em rede nacional, pelo rádio e televisão – o poeta Apolônio dos Santos relata:

E no dia 28
já no fim de fevereiro
decretou o feriado
em nosso Brasil inteiro
admitindo o cruzado
eliminando o cruzeiro

Na véspera quando liguei
a minha Televisão
o RJ-TV
fazia anúncio
que os Bancos não abririam
por causa da conversão. (SANTOS, [1986?], p. 2).

A princípio, a ideia foi buscar uma estabilidade e assim reestruturar a economia. Para isso, congelou os preços e taxas de câmbio por tempo indeterminado e estipulou para os valores de aluguéis o prazo de congelamento por um ano. Os salários foram reajustados e receberam um abono percentual. Com os salários mais altos e os preços congelados, as pessoas passaram a consumir mais produtos. Os comerciantes, por sua vez, recusaram-se a reabastecer seus estoques e vender com os mesmos preços, além do que havia uma expectativa de que a qualquer momento o governo autorizasse os reajustes. Houve correria e disputa em supermercados, porque passou a faltar alimentos como carne e leite (FAUSTO, 2008, p. 522).

Esse período é descrito no folheto *A sonegação da carne difama o Plano Cruzado*:

O presidente Sarney
dentro da democracia
decretou nova reforma
da nossa economia
para defender o povo
da tremenda carestia.

Vendo que o povo sofria
nas garras dos tubarões
porque os gananciosos
sugavam toda nação
criou o plano cruzado
combatendo a inflação.

Mandou remarcar os preços
em todos supermercados
dos gêneros essenciais
para os necessitados
os quais exploravam o povo
com preços exagerados.

Aquilo foi bom demais
para o pobre operário
por outro lado foi ruim
para o grande usurário
porque viu diminuir
seu lucro extraordinário.

[...]

A carne já está faltando
quase em todas capitais
ovos, frangos, açúcar e leite
produtos essenciais
pra nossa alimentação
são estes os principais. (SANTOS, [1986?], p. 2 e 7).

Mesmo estando no perímetro urbano, Apolônio dos Santos utiliza suas referências nordestinas e religiosas para resumir, com inteireza, essa ocasião através das previsões do Frade:

No meu tempo de menino
ouvi um Frade dizer
que ia chegar um tempo
que o povo ia morrer
com dinheiro no bolso
sem achar o que comer. (SANTOS, [1986?], p. 7).

Esse primeiro momento do governo de José Sarney foi de aceitação e otimismo por parte das classes subalternas. A literatura de cordel registra a satisfação do povo com as primeiras iniciativas do presidente, o Plano Cruzado. Nesse período, o povo realmente confiava que José Sarney estava empenhado em melhorar a qualidade de vida dos pobres e “salvar” o Brasil das mãos dos “tubarões”.

O presidente Sarney
vendo o brasil fracassado
e para poder dar jeito
no povo necessitado
decretou a conversão
de cruzeiro pra cruzado. (SANTOS, [1986?], p. 1).

[...]

Com toda força que temos
vamos dar viva a Sarney
herdeiro daquele mártir
filho de São João Del-rei
que deixou-o por sucessor
para cumprir sua lei. (SANTOS, [1986?], p. 8).

Para dinamizar ainda mais o momento, o presidente deu voz ao povo, que foi calado pelo regime militar por mais de vinte anos. Em seu pronunciamento, quando anunciou o Plano Cruzado, o presidente pediu ajuda à sociedade para que fiscalizasse junto com o órgão do governo, a Superintendência Nacional do Abastecimento (SUNAB), os preços dos supermercados, que deveriam seguir o tabelamento. A estratégia de dar “poder” ao povo funcionou:

Aí então começou
A guerra da economia
Em todos supermercados
O consumidor agia
Fiscalizando os preços
De toda mercadoria. (SANTOS, [1986?], p. 3).

A Reforma Agrária é um assunto que não passa despercebido nas produções de Apolônio dos Santos. Em 1986, ele escreveu o folheto *A violência e a Reforma Agrária*, fazendo um paralelo entre a violência rural e a urbana que ele convivia em seu cotidiano. Nesse contexto, estava em evidência a discussão sobre a reforma agrária naquele cenário político. No entanto, o poeta testemunha e registra em forma de denúncia os conflitos nas regiões urbanas, onde assaltos, sequestros e mortes ocorrem diariamente.

A violência no mundo
está causando terrores
tanto por questões de terras
como por outros fatores
assaltos, mortes, sequestros
aumenta mais os horrores. (SANTOS, [1986?], p. 3).

Nesse folheto, o poeta expõe as reivindicações pela terra e evidencia o apoio e participação da Igreja Católica na luta pela Reforma Agrária. Em maio de 1986, o presidente Sarney realizou uma visita de Estado à Itália e ao Vaticano, para reuniões com o Presidente Cossiga e o Papa João Paulo II, com o objetivo de obter o apoio do clero brasileiro na nova administração política (CÔRTEZ, 2010, p. 151). No entanto essa viagem foi vislumbrada pelo cordelista como se o objetivo fosse tratar a questão agrária do Brasil, diz:

O presidente Sarney
Com seu coração humano
Viajou para Itália
Com um excelente plano
De trazer aprovação
Do Papa Vaticano

E João Paulo Segundo
 Foi unanime em afirmar
 Disse para os jornalistas
 Pra todo mundo escutar
 Que a reforma agrária
 Não podia fracassar. (SANTOS, [1986?], p. 4).

Mário Grynszpan destaca a “fundamental” participação da Igreja Católica, através de padres e missionários, criando e consolidando sindicatos rurais e associações, denunciando e trabalhando em defesa das terras indígenas e de posseiros, desde a década de 1970. Apolônio dos Santos menciona, em seu folheto, a morte do padre Zózimo em uma região que ficava entre Goiás e Maranhão, por estar defendendo terras indígenas. A partir de 1984, com a criação do Movimento dos Sem Terra (MST) e as ocupações de terras, os conflitos entre trabalhadores rurais e latifundiários ganharam maior destaque na sociedade. Quando, em 1987, houve a Assembleia Nacional Constituinte, as pressões das organizações se intensificaram, em especial o MST, o que acabou “[...] forçando o governo a realizar desapropriações e promover assentamentos, por meio das ocupações.” (GRYNSZPAN, 2003, p. 333-338).

No folheto de Apolônio dos Santos, existem denúncias contra o governo e contra os latifundiários, que queriam continuar no poder das terras improdutivas e utilizar de violência com os trabalhadores rurais. Foi um período de violentos conflitos, onde muitos desses trabalhadores morreram. Quando o poeta afirma “O Governo Federal / não quer fazer opressão [...]”, mostra a atitude do presidente Sarney em agregar a reforma agrária no “pacto social da transição democrática” (GONÇALVES, 2006, p.1). O governo recebia ao mesmo tempo, as cobranças por providencias feitas pelos trabalhadores rurais e suas organizações, e era pressionado pelos proprietários, que também tinham suas organizações e representações atuantes no governo.

Basta os conflitos de terras
 lá nos confins dos estados
 quantos irmãos brasileiros
 expulsos e massacrados
 pelos incompreensíveis
 latifundiários desalmados

o Governo Federal
 não que fazer opressão
 apenas desapropria

as terras sem produção
para dar a quem trabalha
através da concessão. (SANTOS, [1986?], p. 5).

Logo após as eleições de 1986, a inflação volta a subir, para decepção das classes subalternas da sociedade, que acreditaram no sucesso do Plano Cruzado. Por consequência, a popularidade do presidente Sarney entra em queda. Porém, com o insucesso, depois das eleições, o governo dá continuidade ao seu projeto: o “Plano Cruzado II” ou, como Apolônio dos Santos intitulou em seu folheto sobre o assunto, o “Novo Pacote”. O cordelista transmite o sentimento do povo: “traição”. Em seu folheto *Novo pacote depois da eleição – Foi traição!...*, o poeta expõe nos versos o sentimento de falsidade e decepção que sentia por ter confiado nos projetos do presidente José Sarney, principalmente no Plano Cruzado. O golpe para o poeta foi quando a sociedade percebeu que os bons tempos foram apenas até as eleições, em que a população elegeu candidatos que faziam parte da plataforma do presidente. O povo acreditou que se os candidatos pertenciam ao mesmo partido que Sarney, logo tinham as mesmas intenções sociais.

Apolônio dos Santos critica:

Porque o povo vivia
Naquela grande ilusão
Até que o elegeram
Sem pensar na traição
Mas Sarney armando o bote
Preparou novo pacote
Pra depois da eleição.

[...]

O povo não merecia
Esta grande ingratidão
Pensava mesmo que iam
Combater a inflação
Mas com o novo pacote
Sarney meteu o chicote
Gerando a revolução. (SANTOS, 1986, p. 3 e 4).

Em finais de 1986 e início do novo ano, o “Novo Pacote” ao qual o poeta se referia já estava em vigor – nele a população sente o aumento considerável da inflação, o crescimento das tarifas públicas, o aumento do gás de cozinha, do álcool e da gasolina. Esses aumentos, que foram adiados durante o primeiro período do governo, ocorreram simultaneamente causando indignação às camadas subalternas. Durante toda década de 1980, Apolônio dos Santos registra em seus folhetos as

constantes greves, não só no setor industrial, mas na educação, na saúde e nos setores públicos. Somente com os problemas econômicos que afetaram diretamente o custo de vida do assalariado é que a classe baixa percebe a estratégia do governo, de manter uma boa aparência para garantir os votos necessários para eleger seus candidatos.

No folheto *Arrocho da inflação que fez o Plano Cruzado!*, escrito em maio de 1987, Apolônio dos Santos escreve críticas ao Plano Cruzado 2, denunciando as benesses que o plano proporcionaria aos empresários, que tiveram seus lucros abalados com o congelamento dos preços na primeira etapa da implantação do Plano Cruzado. O poeta condena diretamente o governo por ceder às pressões dos “tubarões”. O cordel apresenta os ricos como “marajás”, “magnatas”; e os políticos são qualificados como “ladrões de gravata”, “colarinhos brancos”. Fica evidente, para o poeta, que o presidente não era o homem de projetos sociais que modificaria a situação do pobre e que estivesse disposto a enfrentar a elite que controla o país:

A nossa nação precisa
de um governante forte
dinâmico, herói, destemido
agindo de sul a norte
encarando o despotismo
contra o grande banditismo
em luta de vida ou morte. (SANTOS, 1987, p. 6).

Figura 13- Erivaldo Ferreira da Silva. Xilogravura. *Arrocho da inflação que fez o plano cruzado!*



Fonte: Acervo particular da autora.

A capa do folheto é uma representação do sentimento da sociedade diante da economia e política do país: os ricos e políticos estão em posição de superioridade (representados pelo homem sisudo, alto e imponente); enquanto os pobres estão sendo estrangulados pela inflação e taxas impostas (sendo interpretados pelo homem baixo, com o olho caído triste e a língua para fora). A imagem exhibe o “arrocho”, as dificuldades e o apuro em que vivia grande parte dos trabalhadores assalariados.

4. 3. 3 A Nova Constituição

O ano de 1987 culminou com a elaboração da Nova Constituição, que só foi formalizada em outubro de 1988, tendo como principal objetivo, segundo Fausto, pôr “[...] fim aos últimos vestígios formais do regime autoritário.” (FAUSTO, 2008, p. 526). No texto da Constituição, como era de se esperar, não houve nenhum privilégio para dar um enfoque maior às questões das minorias sociais. Os grupos dominantes buscaram introduzir no texto leis que garantissem seus benefícios, mas a Nova Constituição, apesar das imperfeições, garantiu e expandiu os direitos sociais e políticos para todos brasileiros; reconheceu os direitos e deveres individuais e coletivos, reconheceu o índio enquanto parte identitária e cultural do país, dentre outros (FAUSTO, 2008).

Enquanto os políticos constituintes se reuniam em assembleias, produzindo as novas leis que passariam a reger o país, Apolônio dos Santos transmitia o recado e as orientações de Tancredo Neves, que, apesar de não estar mais no plano terrestre, fazia questão de participar desse momento. Essa postura representativa de Apolônio dos Santos simboliza o desejo do cidadão de participar ativamente na elaboração das leis do seu país. Infelizmente, as reivindicações feitas pelo cordelista através da voz de Tancredo Neves não foram assistidas na íntegra pela nova Constituição, ou as que foram atendidas se limitaram à palavras escritas, não chegando à prática real. Mas o poeta, otimista e esperançoso, afirma:

Constituinte é justiça
constituinte é razão
constituinte é poder
constituinte é ação
constituinte é sentir
constituinte é cumprir
as leis da nossa nação. (SANTOS, 1987, p. 6).

Para Rui Falcão (1986), a Nova República não mudou o antigo regime – na verdade, modificou-se foi a forma de dominação sobre as classes subalternas. Apolônio dos Santos faz um trocadilho que deixa isso explícito:

Portanto eleitor escolha
a sua candidatura
vamos votar no partido
que apoia a abertura
dentro da democracia
igualmente a Ditadura. (SANTOS, 1982, p. 1).

4. 3. 4 Ascensão e crise do Governo Collor

A ordem estabelecida pela nova institucionalização culminou com as eleições presidenciais de 1989. Apesar das continuidades no domínio exercido pelas classes dominantes, agora emergem setores das classes subalternas que, desde as *Diretas Já* até o período de construção da Nova Constituição, reivindicam a volta da democracia, o direito do voto e uma divisão mais justa dos bens nacionais. No pátio para presidência, os candidatos ocuparam posições bastante demarcadas.

Após a boa fase de produção vivida pelos cordelistas nas campanhas pelas *Diretas Já* e a eleição, vitória e morte de Tancredo Neves, a produção de folhetos sofreu, no período entre 1985 e 1990, uma “grave crise econômica” que, segundo Cardoso, foi a maior na história dessa literatura popular, superando até mesmo os dias difíceis vividos na década de 60. Devido à inflação descontrolada, o período mais crítico da história, os preços dos produtos para produzir os folhetos, geravam um alto custo de produção. Outro fator que influenciou nesse momento conturbado foi o aumento nas taxas de desemprego e os baixos salários, que faziam com que o consumo caísse cada vez mais, reduzindo o público leitor dos cordéis (CARDOSO, 2012, p. 127).

A ascensão, crise e impeachment de Fernando Collor é narrada por Apolônio dos Santos nos folhetos *A votação do impeachment e a saída de Collor, A renúncia e a posse de Itamar e Os sofrimentos dos aposentados “Presidente mate os velhos”*. Nesses cordéis, o poeta versa, de forma descritiva, os fatos, mas também faz críticas ao governo e a situação econômica. Uma das discussões levantadas é a contradição que a sociedade brasileira vivia: ao mesmo tempo em que comemorava

a volta dos direitos para exercer a democracia, via-se refém de um poder político que não representava os interesses da maior parte da população, os subalternos.

Não é preciso que eu diga
que os nossos governantes
só procuram proteger [sic]
os grandes comerciantes
para esses traidores
os pobres trabalhadores
são insignificantes. (SANTOS, [entre 1990 e 1992], p. 8).

Apolônio dos Santos, em muitos momentos, deixou vestígios em seus folhetos de que apoiava a esquerda, defendendo ideias trabalhista e nacionalista, e em alguns momentos até apoiando candidatos. Apesar das muitas críticas à direita, por causa das suas ideias antidemocráticas - e da predileção implícita pela esquerda - o poeta não vestia a camisa de nenhuma das correntes políticas ou mesmo de um partido específico. Mesmo porque tomar defesa explicitamente de um grupo partidário é para o poeta um risco de comprometer suas vendas, já que poderia desagradar parte do seu público leitor. Para que isso não ocorresse, era mais viável ter um posicionamento político ideológico comprometido em defender, lutar e reivindicar os direitos das classes subalternas. Em específico, nesse período de que trataremos neste tópico, o objetivo dos folhetos está em denunciar a indignação de uma população que se sente traída e enganada.

De um lado, Fernando Collor de Melo, representando o liberalismo econômico defendido por sua equipe como Partido da Reconstrução Nacional (PRN), caracterizado pelo poeta Santos como traidor; e, do outro lado, seu principal oponente, Luiz Inácio da Silva, representante da classe operária, base do PT, que o cordelista caracteriza como lutador e herói.

Falo de um presidente
que ganhou a eleição
[...]
porém o seu plano era
trair a população.

Fernando Collor de Melo,
e seu legítimo nome
que prometeu ao Brasil
tirar a crise e a fome
mas o castigo e a dor
e a injúria [sic] o consome.

Ele disputou com outro
 candidato à presidente
 Luiz Inacio da Silva [sic],
 que lutou heroicamente
 porém no segundo turno
 o Collor passou a frente. (SANTOS, [1992?] p. 1).

Para ele, as eleições de 1989 foram um marco do retorno à democracia, com a eleição presidencial realizada através do voto direto.

Pois já quase à 30 anos
 o Brasil não elegia
 um presidente direto
 conforme a nação queria,
 foi eleito o presidente
 com votos da maioria. (SANTOS, [1992?], p. 4).

Collor contou com um apoio que se tornou fundamental: a mídia, mais especificamente a Rede Globo, que difundiu a imagem de um candidato de origem nordestina que olha para os subalternos, mas que também tinha uma visão de futuro que muito agradava a elite dos grandes centros urbanos. Utilizou, durante a campanha, o discurso de acabar com a mordomia dos *marajás* e prosseguir com a modernização do país. Ele foi eleito com mais de 35 milhões de votos e tomou posse em 15 de março de 1990.

A situação econômica do Brasil não era boa, vivia-se uma hiperinflação, ocasionada principalmente pela dívida externa que já se acumulava desde os anos 70. Logo nos primeiros meses de seu mandato, Fernando Collor realizou uma série de ações que atingiram a economia do país, piorando ainda mais a situação da classe subalterna.

Aconteceu nos primeiros,
 dias, de sua gestão
 logo começou subir
 os preços de leite e pão
 subiu gás e gasolina,
 foi uma decepção

Nas agencias [sic] dos correios
 subiu tarifas postais
 passagens de coletivos
 e ônibus municipais,
 e mais coisas de consumo
 a água, a luz e o gás

Pequenos industriais
 com seus créditos bloqueados
 sem terem recursos para,
 pagarem seus empregados
 muitos dos seus operários
 foram dali dispensados. (SANTOS, [1992?], p. 6).

Dentre as ações do Governo Collor que chocaram o país e fizeram com que a população se revoltasse contra ele, destacamos a primeira delas, o “Plano Collor I”, que tinha por objetivo derrubar a inflação. Para isso, o governo realizou o bloqueio da liquidez, ou seja, os valores depositados em conta corrente e nas poupanças foram bloqueados, o que afetou diretamente as classes médias altas, grupos que de fato tinham poupanças que lhes rendiam juros, aplicações e investimentos. A princípio, a inflação realmente caiu de 70% para 10% ao mês, no entanto essa estabilidade não demorou, logo voltou a subir. As ações do governo não contaram com nenhum apoio da sociedade (CARVALHO, 2003).

Porém a primeira coisa
 que ele fez sem tardança
 foi bloquear o dinheiro
 de quem tinha na poupança
 quem só vivia de juro
 preservando seu futuro
 lá se foi toda esperança. (SANTOS, [entre 1990 e 1992], p. 6).

Na sequência, o Plano Collor I retém os valores no Banco Central Brasileiro, bloqueando a moeda cruzado novo e convertendo-a em cruzeiro. E prevê a privatização das empresas estatais (MACIEL, 2011).

Primeiro mandou fechar
 todo banco brasileiro
 para poder converter
 cruzados para cruzeiro
 quando a notícia correu
 aquilo surpreendeu
 o nosso país inteiro

Só cinquenta mil cruzados
 é que podia sacar
 com isto a caixa econômica
 começou tumultuar
 os bancos do mesmo jeito
 e muitos mal satisfeitos
 sem querer se conformar. (SANTOS, [entre 1990 e 1992], p. 6).

Meses depois, o presidente Collor lança o Plano Collor II, também na tentativa de combater a inflação e reduzir as despesas públicas; no entanto, fracassa mais uma vez. A partir de 1992, começam as denúncias de corrupção envolvendo o presidente e Paulo César Farias, que era ex-tesoureiro da campanha eleitoral e amigo do presidente. Foi criada a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar o envolvimento de Collor e PC Farias nos esquemas de corrupção.

Collor se viu envolvido
Com o tal de PC Farias
A CPI investiga,
Diversas anormalias [sic]
Com os seus investimentos
Somente altas quantias. (SANTOS, [1992?], p. 1).

A população, que já estava insatisfeita com a situação econômica e social do país, uniu forças, especialmente grupos sindicais e partidos de esquerda, contra o governo. O povo foi às ruas. Os movimentos estudantis tomaram as ruas, e jovens com os rostos pintados gritaram pela derrubada do presidente. Eram os caras-pintadas.

O cordelista, em seus versos, descreve que esses caras-pintadas, no período das eleições de 1989, estavam pintados com as cores da nação, já que as eleições seriam o momento ímpar para culminar com o retorno à democracia do país:

Por que a nação inteira
queria Collo de Mello [sic]
com o Brasil colorido
de verde, azul, amarelo
porque ele prometia
tirar do povo o fragelo [sic]. (SANTOS, [1992?], p. 2).

Em 1992, os caras-pintadas reaparecem em um momento crítico, atendendo a um pedido do então presidente Collor, que se sentindo ameaçado convoca a população a apoiá-lo e ir para as ruas utilizando o verde e amarelo; do outro lado os manifestantes que estavam contra o governo incorporaram a cor preta para representar a oposição ao grupo dos *coloridos*, a omissão do governo e luto diante da corrupção:

Toda nação percebendo
seu governo desonesto
Os estudantes nas ruas
Promoviam manifesto
De preto e caras pintadas
gritavam como protesto. (SANTOS, [1992] p. 4).

Diante do apelo popular e das denúncias de corrupção, os representantes governamentais tomam uma deliberação e “[...] por mais de 300 votos / o Collor foi derrotado [...]” (SANTOS, [1992?], p. 4.) e o pedido de impeachment foi decretado.

29 de setembro
o dia da decisão
na Câmara dos Deputados
houve a grande votação
para afastamento do
presidente da nação.

[...]

A nossa nação inteira
assistiu a votação,
por cadeia transmissora,
de Rádio e Televisão,
foi um episódio inédito
em nossa grande nação. (SANTOS, [1992?], p. 1 e 2).

No folheto *A Renúncia de Collor e a Posse de Itamar*, Apolônio dos Santos qualifica Collor como “Inteligente e sensato” ao renunciar ao cargo antes mesmo do julgamento. A carta lida pelo seu advogado Mauro Benevides, foi transcrita em versos:

A carta dizia assim,
declaro a vossa exelência [sic]
que meu dever nesta data
faz a mim a exigência
portanto por instrumento
renuncio a presidência

Renuncio o meu mandato
para o qual eu fui eleito
por milhões de brasileiros
que confiaram em meu pleito
acabo este fantasma
que abate o meu conceito. (SANTOS, [1992?], p. 6).

Ainda neste folheto, ao relatar os últimos acontecimentos do dia 02 de outubro de 1992, momento em que Collor entrega o cargo e Itamar Franco assume a presidência, Apolônio dos Santos critica o novo presidente por impor uma plataforma governamental. Ele diz:

Sem nenhuma sugestão
de acordo a seu critério
o presidente Itamar
compôs o seu ministério
criando um governo honesto
e extremamente sério. (SANTOS, [1992?], p. 8).

Todas as narrativas de Apolônio dos Santos levam a compreendê-lo enquanto um cordelista jornalista, cujo principal objetivo é transmitir, no papel de porta-voz do povo, a informação. As narrativas têm como base suas experiências como parte do grupo social, para o qual ele escreve, construindo seus enredos, relatando os fatos, mas também denunciando a realidade em que vive. Seus folhetos estão voltados para o relato de fatos políticos, falar sobre as figuras políticas, porém sempre contextualizando com demandas sociais. O poeta uniu o cotidiano e o acontecimento em um mesmo espaço: o cordel.

Nessa perspectiva é que a história do Brasil se confunde com a história do sujeito Apolônio dos Santos, porque ele é narrador e ator simultaneamente da história que constrói nos folhetos – história que não se prende aos rigores acadêmicos, mas que já é reconhecida como parte fundamental para a compreensão dos aspectos socioculturais por parte dos brasileiros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caminhos metodológicos e teóricos escolhidos para esta pesquisa foram uma opção, mas também descobertas realizadas ao longo do percurso. O objeto de pesquisa e o sujeito estudado desabrocharam dentre as leituras realizadas em um universo de folhetos, em que temas e autores têm uma diversidade infinita. Muito sorrateiramente, surgiram os folhetos de Apolônio Alves dos Santos, versando de maneira impetuosa contra as injustiças, os tubarões e a carestia; desse momento em diante, a busca por mais folhetos foi se tornando cada vez mais intensa e a necessidade de conhecer o autor, sua história, e entender o que levava a tal escrita tornou-se incontornável.

O objetivo principal deste trabalho nunca foi escrever sobre o cordelista Apolônio dos Santos, afinal não é uma pesquisa biográfica, como esclarecemos desde o princípio. No entanto, um dos objetivos específicos que se estabeleceu foi conhecer a trajetória de vida do poeta, para salvaguardar sua memória – pois até então não existia um trabalho voltado para sua vida e obra – e para compreender suas obras, uma vez que nos versos são várias as referências que o artista faz a sua vida pessoal. O fato de Apolônio dos Santos ser o primeiro vice-presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel não foi fator preponderante para escolhê-lo, nem selecionar suas obras para ser objeto de pesquisa deste trabalho; essa foi uma informação adquirida no decorrer da pesquisa, e que se tornou importante porque revela um a atuação política do cordelista. O que de fato influenciou na escolha foram os temas abordados nos seus folhetos de cordéis e o longo período em que Apolônio dos Santos escreveu.

Outros fatores (como a composição poética, a história de vida, o contexto espacial, o deslocamento, a origem nordestina, dentre outros) que surgiram, também influenciaram para que este trabalho fosse realizado utilizando apenas um cordelista. Inicialmente, o projeto previa a utilização de três diferentes autores de folhetos; contudo, ao ter contato com as obras de Apolônio dos Santos, percebemos que esta era densa o suficiente para dar conta das delimitações de tempo e espaço que determinamos para o trabalho.

O poeta Apolônio dos Santos não é um desses cordelistas famosos que tenha escrito mil folhetos, ou que era eloquente, cantador nato, que travava pelejas nas praças e feiras; muito pelo contrário, sua produção de número considerável, tendo

em vista a dificuldade de publicação, é de 265 folhetos, e sua estratégia de venda era a conquista pessoal de cada cliente que se aproximava da banca e se interessava pelos cordéis. Sua produção foi preenchida por um conteúdo denso que mostra que nem sempre quantidade deve ser fator proeminente na análise. A diversidade não está apenas nas temáticas, mas no fato de perpassar por vários períodos históricos, pelas mudanças governamentais, por momentos econômicos críticos e polêmicos.

Este trabalho, mediante as muitas investigações, conseguiu recuperar parcialmente a vida de Apolônio dos Santos que resultou no registro mais detalhado da trajetória desse poeta, embora reconheça que ainda existem lacunas a serem preenchidas, como o período em que ele residiu em Brasília e produziu o folheto da inauguração da capital. Porém, tendo como ponto de partida as informações repetidas, inacabadas e superficiais que são disponibilizadas na Internet sobre o cordelista, a contribuição desta pesquisa torna-se notória. O mesmo se pode afirmar no que diz respeito às suas obras, que agora estão todas reunidas em uma única listagem, resultado também deste trabalho de pesquisa. Essa catalogação não disponibiliza apenas os títulos dos folhetos, como os acervos em que eles podem ser encontrados, o que facilita para futuros pesquisadores que tenham interesse em pesquisar um cordel específico.

Ainda sobre a catalogação, outra etapa que fez parte foi a leitura, análise e identificação dos anos correspondentes a cada folheto selecionado para este trabalho. O poeta Santos, assim como outros, não tinha a preocupação em datar seus folhetos – alguns são de fácil identificação, pois tratam de eventos específicos; no entanto, existem folhetos em que só é possível mencionar um ano aproximado realizando a análise detalhada do seu conteúdo. Ainda assim, houve folhetos em que não foi possível verificar com precisão o ano de publicação, nem mesmo um período aproximado.

Importante ressaltar que algumas fontes só foram encontradas nos últimos meses quando já estávamos na etapa final de escrita, por isso não foram analisadas com precisão. Um exemplo é a catalogação realizada pelo próprio Apolônio dos Santos (Anexo III), em que constam títulos de folhetos de cordéis sobre os quais, durante toda pesquisa, não tínhamos encontrado nenhum registro. Acredito que alguns desses sejam folhetos não publicados, pois sua sobrinha Sr^a Maria, em entrevista, informou-nos sobre alguns manuscritos que foram doados a Université de

Poitiers, na França. A outra possibilidade é que esses folhetos tenham se esgotado sem chegar à guarda das instituições. O que nos interessa, de fato, é afirmar o quanto essa listagem enriqueceu o trabalho, não só porque atualizou o número de obras (que antes era em torno de 217 e passou a constar 265), mas também pelas temáticas identificadas através dos títulos, o que reafirmou a diversidade de conteúdos que o poeta possuía. Além disso, trouxe notícias que até então eram pontuais, de um número maior de cordéis, escritos muito provavelmente por encomenda, em períodos de eleições.

Sobre os momentos políticos e econômicos das décadas de 1970 até 1990, tínhamos como proposta perceber o olhar dos trabalhadores, operários e pobres, ou seja, as classes subalternas, sobre os fatos e as mudanças ocorridas e verificar se suas percepções eram as mesmas das que foram registradas pelos meios de comunicação oficiais. Assim, realizamos contextualizações dos folhetos, identificando os períodos em que estes foram escritos, e percebemos que, em alguns momentos, os relatos de Apolônio dos Santos – que tinha como base o cotidiano das classes subalternas – não condiziam com o “sucesso” econômico que o governo dizia viver.

Tendo em vista a classificação temática e a diversidade de contextos, fatos e eventos narrados nos folhetos de cordéis de Apolônio dos Santos, acreditamos que este trabalho pode e deve se desdobrar em outras pesquisas que realizem um aprofundamento sobre folhetos específicos ou sobre as outras categorias que não foram contempladas nesta pesquisa.

Percebemos, no decorrer das análises dos folhetos, que o cotidiano das camadas subalternas e os problemas dos nordestinos não eram os únicos temas tratados por Apolônio dos Santos; os problemas vividos pela classe média e grupos dominantes também faziam parte do seu repertório de assuntos. Apolônio dos Santos refere-se a economia, investimento, importação e exportação, inflação, cultivo agrícola – exemplos de tópicos que afetavam diretamente setores dominantes da sociedade. É evidente que as classes trabalhadoras também eram atingidas por esses problemas, não é sem razão que, quando o poeta aborda essas problemáticas, refere-se a eles; no entanto, em todo momento é manifesto o discurso pertencente a outra classe. Percebemos aqui a circularidade do cordel em debater diferentes conteúdos, em diferentes contextos e para diferentes grupos sociais.

Devido ao fato de Apolônio dos Santos ter produzido durante um longo espaço de tempo, e este trabalho ter tido como finalidade observar o percurso dessa produção, percebemos que não foi possível um aprofundamento nas discussões temáticas e análise mais densa dos folhetos nos períodos históricos. Sinalizamos então a necessidade de um futuro estudo reflexivo de folhetos específicos, sendo possível até uma seleção pelo evento histórico, para analisar em conjunto com obras de outros cordelistas, com periódicos e outras formas de comunicação.

Sendo assim, este estudo conclui abrindo portas, realizando desdobramentos, indicando caminhos a serem percorridos. Certamente, essa primeira trajetória construída em conjunto com as obras do poeta, foi árdua, mas conseguiu sobrepor cada obstáculo que surgiu. Apolônio Alves dos Santos tem agora o registro das suas obras; e a historiografia brasileira tem agora um período histórico narrado pelo olhar desse poeta.

FONTES HISTÓRICAS

FONTES ESCRITAS

Folhetos

CASA da Cultura São Saruê. Rio de Janeiro: [s.n.], [197-?].

SANTOS, Apolônio Alves dos Santos. *As eleições vem aí*. Guarabira: Tipografia Pontes, 1982.

SANTOS, Apolônio Alves dos. *A contagiosa AIDS matando a humanidade*. [S.l.: s.n.], 1987.

SANTOS, Apolônio Alves dos. *A descrição da cidade e o progresso do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1988.

SANTOS, Apolônio Alves dos. *A despedida de João e a posse de Tancredo*. Rio de Janeiro: Casa de Cultura São Saruê, [S.l.: s.n.], [1985?].

SANTOS, Apolônio Alves dos. *A discussão do Carioca com o Pau-de-Arara*. Rio de Janeiro: Luana Artes Gráficas e Editora, 1987.

SANTOS, Apolônio Alves dos. *A Feira dos Nordestinos no Campo de São Cristóvão – R.J.* [S.l.]: Tipografia Pontes, 1981.

SANTOS, Apolônio Alves dos. *A Guerra contra a inflação e o valor do Cruzado*. Rio de Janeiro: Luana Artes Gráficas e Editora LTDA, [1986?].

SANTOS, Apolônio Alves dos. *A guerra das Malvinas*. Guarabira: Tipografia Pontes, 1982.

SANTOS, Apolônio Alves dos. *A guerra de Saddam Hussein*. Campina Grande: [s.n.], [1991?].

SANTOS, Apolônio Alves dos. *A morte do Ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira*. Guarabira: Tipografia Pontes, [1976?].

SANTOS, Apolônio Alves dos. *A morte do Presidente Tancredo de Almeida Neves*. Rio de Janeiro: Gráfica e Editora Dantas, [1985?].

SANTOS, Apolônio Alves dos. *A renúncia de Collor e a posse de Itamar*. Campina Grande: [s.n.], [1992?].

SANTOS, Apolônio Alves dos. *A sonegação da carne difama o Plano Cruzado*. Rio de Janeiro: [s.n.], [1986?].

SANTOS, Apolônio Alves dos. *A votação do impeachment e a saída de Collor*. Campina Grande: [s.n.], [1992?].

SANTOS, Apolônio Alves dos. *Arrocho da inflação que fez o Plano Cruzado!*. Rio de Janeiro: Centro de Literatura de Cordel da Casa de Cultura São Saruê, 1987.

SANTOS, Apolônio Alves dos. *As grandes enchentes do Nordeste – 1985*. Rio de Janeiro: Gráfica e Editora Dantas, 1985.

SANTOS, Apolônio Alves dos. *Biografia e morte de Juscelino Kubitschek*. Guarabira: Tipografia Pontes, [1976?].

SANTOS, Apolônio Alves dos. *Bom tempo que não volta mais*. Rio de Janeiro: [s.n.], [19--].

SANTOS, Apolônio Alves dos. *Eleições diretas já para um novo presidente*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1984.

SANTOS, Apolônio Alves dos. FERNANDES, Flavio Poeta. *A carta de Tancredo endereçada a Sarney*. [S.l.: s.n.], 1985.

SANTOS, Apolônio Alves dos. *Greve e mortes em Volta Redonda – RJ*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1988.

SANTOS, Apolônio Alves dos. MOREIRA, Flávio Fernandes. *O pavoroso incêndio do Edifício Andorinha no Rio de Janeiro*. [S.l.: s.n.], 1986.

SANTOS, Apolônio Alves dos. *Nosso mundo moderno*. [S.l.: s.n.].

SANTOS, Apolônio Alves dos. *Novo pacote depois da Eleição – Foi Traição!...* Rio de Janeiro: [s.n.], 1986.

SANTOS, Apolônio Alves dos. *O ABC do feijão e os tumultos nas filas*. Paraíba: Tipografia Pontes, [1980?].

SANTOS, Apolônio Alves dos. *O aventureiro do Norte*. Paraíba: Tipografia Pontes, [19--].

SANTOS, Apolônio Alves dos. *O divórcio no Brasil*. Guarabira: Tipografia Pontes, [1977?].

SANTOS, Apolônio Alves dos. *O encontro do cangaceiro Vilela com o Negrão do Paraná*. Rio de Janeiro: [s.n.], [19--].

SANTOS, Apolônio Alves dos. *O homem que mandou comprar, a São Pedro, cinco cruzeiros de chuva*. Guarabira: Tipografia Pontes, 1985.

SANTOS, Apolônio Alves dos. *O monstruoso crime de Serginho em Bom Jesus de Itabapoana*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1977.

SANTOS, Apolônio Alves dos. *Os Nordestinos no Rio e o Nordeste abandonado*. Rio de Janeiro: [s.n.], [197-].

SANTOS, Apolônio Alves dos. *Os retirantes das secas “Não chove mais no sertão”*. Campina Grande: [s.n.], 1993.

SANTOS, Apolônio Alves dos. *Os sofrimentos dos aposentados “Presidente Mate os Velhos”*. Campina Grande: [s.n.], [entre 1990 e 1992].

SANTOS, Apolônio Alves dos. *Os sofrimentos dos pobres que pagam o INPS*. Guarabira: Tipografia Pontes, [197-].

SANTOS, Apolônio Alves dos. *Tancredo envia do céu mensagem a Constituinte*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1987.

SANTOS, Apolônio dos. *Uma carta que veio do céu para o Presidente Figueiredo falando à favor do pobre*. Guarabira: Tipografia Pontes, 1981.

SANTOS, Apolônio Alves dos. *Vida e morte de Tenório, o homem da capa preta*. Rio de Janeiro: [s.n.], [1987?].

SILVA, Gonçalo Ferreira da. (Org.). *In Memoriam de Apolônio Alves dos Santos*. Rio de Janeiro: Studio Gráfico e Editora, 1998.

Periódicos

BOLSA critica tabelamento. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 23 jan. 1980. p. 21. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_10&pasta=ano%20198&pesq=Bolsa%20critica%20tabelamento>. Acesso em: 27 mai. 2015.

“CORREDOR CULTURAL” vai da Lapa ao Campo de Santana. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 24 jul. 1979, p. 14. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&PagFis=202553&Pesq=Corredor%20Cultural>. Acesso em: 25 abr. 2015.

TUMULTO na fila do feijão fere 5 pessoas em Campo Grande. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 23 out. 1980, p. 7. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_10&pasta=ano%20198&pesq=Tumulto%20na%20fila%20do%20feij%C3%A3o%20fere%205%20pessoas%20em%20Campo%20Grande>. Acesso em: 27 mai. 2015.

VENDA de feijão começa com filas. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 02 set. 1980. p. 15. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_10&pasta=ano%20198&pesq=Bolsa%20critica%20tabelamento>. Acesso em: 27 mai. 2015.

FONTES DIGITAIS

Sites

BELIZARIO NETO, Manuel Messias. Cordelista paraibano póstumo Apolônio Alves dos Santos. *Cordel Paraíba*. Paraíba: 2010. Disponível em: <<http://cordelparaiba.blogspot.com.br/2010/06/cordelista-paraibano-postumo-apolonio.html>>. Acesso em 09 mar.

BRASIL. *Censo Experimental de Brasília. População e Habitação*. Brasília: IBGE, 1959. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/censoexperimental_1959.pdf>. Acesso 24 mar. 2015.

BRASIL. Pronunciamento do presidente José Sarney em 22 de julho de 1985. *Biblioteca da Presidência da República*. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/jose-sarney/discursos/1985/56.pdf/view>>. Acesso em: 07 jun. 2015.

BRASÍLIA Poética. *Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – Biblioteca Amadeu Amaral*. Disponível em: <<http://brasiliapoetica.com.br/>>

CENTRO Nacional de Folclore e Cultura Popular. *Biblioteca Amadeu Amaral*. Disponível em: <<http://cnfcp.phlweb.com.br/cgi-bin/wxis.exe?IscScript=phl82.xis&cipar=phl82.cip&lang=por>>

DIREITOS AUTORAIS. Registro ou Averbação. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://www.bn.br/servico/direitos-autorais/registro-ou-averbacao>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

FUNDAÇÃO Casa de Ruy Barbosa. *Fundação Cultural do Estado da Bahia*. Núcleo de Referência Cultural. Disponível em: <<http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>>

FUNDAÇÃO Cultural do Estado da Bahia. *Núcleo de Referência Cultural*. Disponível em: <<http://biblio.funceb.ba.gov.br/cgi-bin/wxis.exe?IscScript=phl82.xis&cipar=phl82.cip&lang=por>>

GRAVURAS. *Academia Brasileira de Literatura de Cordel*. Rio de Janeiro: ABLC, [19--]. Disponível em: <http://www.ablc.com.br/gravuras.html>. Acesso em 10 mar. 2015.

HISTÓRIA da ABLC. *Academia Brasileira de Literatura de Cordel*. Rio de Janeiro: ABLC, [19--]. Disponível em: <http://www.ablc.com.br/historia/hist_ablc.htm>. Acesso em 31 mar. 2015.

LIBRARY of Congress. *Library of Congress Online Catalog*. Disponível em: <<http://www.loc.gov/>>

O NORDESTE. com. Enciclopédia Nordeste. *Apolônio Alves dos Santos*. Olinda: [s. n.]. Disponível em: <http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Apol%C3%B4nio+Alves+dos+Santos<r=a&id_perso=1241>. Acessado em: 09 mar. 2015.

PROGRAMA Nacional do Patrimônio Imaterial. Brasília: IPHAN. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/761/>>. Acesso em 18 jun. 2015.

RIO DE JANEIRO. Art. 10, e. LEI N. 506 DE 17 DE JANEIRO DE 1984. Disponível em: <http://www0.rio.rj.gov.br/patrimonio/pastas/legislacao/centro_lei506_84_corredor_cultural.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2015.

RIO DE JANEIRO. Decreto n. 4.141, de 14 de julho de 1983. Disponível em: <http://www0.rio.rj.gov.br/patrimonio/pastas/legislacao/centro_dec4141_83_corredor_cultural.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2015.

FONTES ORAIS

Entrevistas

BATISTA, Abraão. Entrevista a autora. Salvador: 21 abr. 2009.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. Entrevista a autora. Rio de Janeiro: 26 nov. 2014.

SILVA, Maria José da. Entrevista a autora. Campina Grande: 27 fev. 2015.

SOARES, Marcelo Alves. Entrevista a autora. João Pessoa: 26 fev. 2015.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. “Então se forma a história bonita” – Relações entre folhetos de cordel e a literatura erudita. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 199-218, jul./dez. 2004.

_____. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado das Letras, 2006.

ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2001.

ALMEIDA, Átila Augusto de. SOBRINHO, José Alves. *Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancadas*. João Pessoa: Editora Universitária, 1978.

ARRUDA, Plínio; AFONSO, Rui. A transição inconclusa. In: KOUTZII, Flavio. *Nova República: um balanço*. São Paulo: L&PM, 1986.

BAER, Werner. *A economia brasileira*. São Paulo: Nobel, 2002. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=QWhjy1WVj74C&oi=fnd&pg=PA15&dq=economia+produtos+aliment%C3%ADcios+1980&ots=9nyrKISQym&sig=FG3PMSIs6vwWD3TsiXlxtXN6MDg#v=onepage&q=economia%20produtos%20aliment%C3%ADcios%201980&f=false>>. Acesso em: 26 mai. 2015.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Folkcomunicação, variação dos estudos de cultura? In: MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). *Metamorfose da folkcomunicação: antologia brasileira*. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

BATISTA, Sebastião Nunes. *Antologia da literatura de cordel*. 1. ed. Rio Grande do Norte: Fundação José Augusto, 1977.

BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. Literatura de cordel: produções e edição no Nordeste brasileiro. In: MELO, José Marques de. (Org.). *Comunicação e classes subalternas*. São Paulo: Cortez Editora, 1980.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas, vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

BOSI, Ecléia. *Cultura de massa e cultura popular: leituras operárias*. Petrópolis: Vozes, 1977.

BRITO, Gilmário Moreira. *Culturas e linguagens em folhetos religiosos do Nordeste*. São Paulo: Annablume, 2009.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CAMPOS, Renato Carneiro. *Ideologia dos Poetas Populares do Nordeste*. Recife: Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, 1959.

CARDOSO, Leon. *Literatura de cordel: uma questão da historiografia literária brasileira*. Jacobina: [s.n.], 2012.

CARVALHO, Carlos Eduardo. *O fracasso do Plano Collor: erros de excussão ou de concepção?* Economia. Nitéroí: jul/dez 2003, v. 4, n. 2, p. 283-331.

CARVALHO, Gilmar de. *Publicidade em cordel: o mote do consumo*. São Paulo: Matese, 1994.

CHARTIER, Roger. "Cultura Popular": revisando um conceito historiográfico. *Estudos Historicos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n° 16, p. 179-192, 1995.

CORREIA, Rodrigo Bento. *Literatura de Cordel e Xilogravura: interfaces de representação do imaginário popular*. In: ENCONTRO "DIÁLOGOS ENTRE LETRAS". Pesquisas e Perspectivas: trocas na pós-graduação, 1., 2011, Dourados. *Anais...* Dourados: UFGD, 2011. p. 102-114. Disponível em: <<http://www.ufgd.edu.br/eventos/edel/trabalhos/CORREIA,%20Rodrigo%20Bento.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

CÔRTEZ, Octávio Henrique Dias Garcia. *A política externa do governo Sarney: o início da reformulação de diretrizes para a inserção internacional do Brasil sob o signo da democracia*. Brasília: FUNAG, 2010.

CURRAN, Mark J. *A Literatura de cordel*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1973.

_____. *História do Brasil em cordel*. São Paulo: Edusp, 2009.

_____. *Relembrando a velha literatura de cordel e a voz dos poetas*. [S.l.: s.n.], 2014.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *Diretas-Já: vozes das cidades*. In: FERREIRA, Jorge & REIS, Daniel Aarão (Orgs.). *Revolução e democracia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 409-427, 2007.

FALCÃO, Rui. *A República que fez plástica*. In: KOUTZII, Flavio. *Nova República: um balanço*. São Paulo: L&PM, 1986.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2008.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: O Tempo da Ditadura*. V. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FRADE, Cáscia (Org.). *O cordel no grande Rio: Catálogo*. Rio de Janeiro: Luana Artes Gráficas e Editora, 1985.

FUNDAÇÃO CASA DE RUY BARBOSA. *O cordel testemunha da história do Brasil: antologia – nova série*. Rio de Janeiro: Ébano, 1987.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Folhetos e jornais: uma análise comparativa do ponto de vista do leitor*. In: MENDES, Simone de Paula dos Santos (Org.). *Cordel*

nas gerais: oralidade, mídia e produção de sentido. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

_____. *Ler / Ouvir folhetos de cordéis em Pernambuco (1930-1950)*. 2000. 537 f. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

GANCHO, Cândida Vilares. *Introdução à poesia: teoria e prática*. São Paulo: Atual, 1989.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOMÇALVES, Renata. Assentamentos como pactos de (des)interesses nos governos democráticos. *Lutas Sociais*, São Paulo, n. 15/16, p. 184-198, jan./jun. 2006.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

GRANGEIRO, Claudia Rejanne Pinheiro. *Discurso político no folheto de cordel*. São Paulo: Annablume, 2013.

GRYNSZPAN, Mario. A Questão agrária no Brasil pós-64 e o MST. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: o Tempo da Ditadura*. V. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

KOUTZII, Flavio. *Nova República: um balanço*. São Paulo: L&PM, 1986.

LEMARIE, Ria. 'Passado-presente e passado-perdido: a noção do passado na transição da oralidade para a escrita', in *Letterature d'America*, La Sapienza, Roma, Anni XXI-XXII, 92, 2002.

_____. Pensar o suporte – resgatar o patrimônio. In: MENDES, Simone de Paula dos Santos (Org.). *Cordel nas gerais: oralidade, mídia e produção de sentido*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

LESSA, Orígenes. *Getúlio Vargas na literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Editora Documentária, 1973.

LODY, Raul Giovanni da Motta. Feira de São Cristóvão: o nordeste na Guanabara. *Revista Brasileira de Folclore*. v.3, n° 38, jan. / abr. 1974.

LOPES, José de Ribamar (Org.). *Literatura de cordel: antologia*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1994.

LUCENA, Bruna Paiva de. "Cante lá que eu canto cá: poéticas populares dentro e fora das molduras". *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n° 35, p. 51-76, jan. – jun. 2010.

LUYTEN, Joseph Maria. *A literatura de cordel em São Paulo*. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

_____. *A notícia na literatura de cordel*. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

_____. *Sistemas de comunicação popular*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

MACIEL, David. O governo Collor e o neoliberalismo no Brasil (1990-1992). *Revista UFG*, Rio de Janeiro, ano XIII, nº 11, p. 98-108, dez. 2011.

MATOS, Edilene. *Cuíca de Santo Amaro: o boquirroto de megafone e cartola*. Rio de Janeiro: Manati, 2004.

MELO, José Marques de (Org.). *Comunicação e classes subalternas*. São Paulo: Cortez Editora, 1980.

MELO, Rosilene Alves de. *Arcando do verso: trajetórias da literatura de cordel*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

MELO, Veríssimo. *Tancredo Neves na literatura de cordel*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1986.

MENDES, Simone de Paula dos Santos (Org.). *Cordel nas Gerais: oralidade, mídia e produção de sentido*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

MENDES, Simone de Paula dos Santos. *Um estudo da argumentação em cordéis midiáticos: da enunciação performática à construção discursiva da opinião*. 2011. 277 f. Tese (Doutorado em Linguística do Texto e do Discurso) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2011.

NEMER, Sylvia. *Feira de São Cristóvão: foi assim que começou*. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 15, 2012, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: UERJ, 2012. Disponível em: <http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338341567_ARQUIVO_FeiradeSaoCristovaofoiassimquecomecou.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2016.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PRADO, Luis Delorme; EARP, Fábio Sá. O “milagre” brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: O Tempo da Ditadura*. V. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

RIDENTI, Marcelo. Cultura e política: os anos 1960-1970 e sua herança. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: O Tempo da Ditadura*. V. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANTOS, Manuela Fonseca dos. *Le DVD : une nouvelle technologie au service de l'édition de la littérature populaire brésilienne*. Revista: Escritural Écritures d'Amérique latine. N°02, décembre 2009, Issn n°2102-5797. Disponível em: <http://www.mshs.univ-poitiers.fr/crla/contenidos/ESCRITURAL/ESCRITURAL2/ESCRITURAL_2_SITIO/PAGES/Fonseca.html#t3>. Acesso em 03 mar. 2015.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil (1974-1985). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: O Tempo da Ditadura*. V. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Vertentes e evolução da literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Milart, 2014.

SLATER, Candace. *A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilizações Brasileira, 1984.

SOUSA, Maurílio Antonio Dias de. *A estrela da poesia: impressões de uma trajetória*. Dissertação (Mestrado em Letras – Documento da Memória Cultural) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia/UFBA, Salvador, 2009.

SUASSUNA, Ariano. *Seleção em prosa e verso*. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 2007.

TERRA, Ruth Brito Lêmos. *Memórias de lutas: literatura de folhetos do Nordeste 1893-1930*. São Paulo: Global Editora, 1983.

QUINTELA, Vilma Mota. *O cordel no fogo cruzado da cultura*. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia/UFBA, 2005.

PROJETO: ABLC. Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial. *A Literatura de Cordel Patrimônio Imaterial*. Rio de Janeiro: 2009.

ACERVOS CONSULTADOS

- Academia Brasileira de Literatura de Cordel
- Acervo do Memorial José Camelo de Melo Resende
- Arquivo Público do Distrito Federal
- Biblioteca Atila Almeida – UEPB
- Biblioteca Nacional
- Brasília Poética
- Centro de Estudos Baianos – UFBA
- Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – Biblioteca Amadeu Amaral:
- Fundação Casa de Ruy Barbosa
- Fundação Cultural do Estado da Bahia. Núcleo de Referência Cultural
- Library of Congress
- Programa de Pesquisa de Literatura Popular – UFPB

ANEXO I

**Folhetos de cordéis
Catalogação Geral**

ANEXO II

**Folhetos de cordéis
Consultados**

Folhetos de cordéis - catalogação geral

	Autor	Título	Acervo
1	Apolônio Alves dos Santos	A briga de Chico Torto com Salustrino Pancada	FCRB - CNFCP - ABLC - FCEB
2	Apolônio Alves dos Santos	A briga de Lampião com Sabino	CNFCP - FCRB - LC - ABLC
3	Apolônio Alves dos Santos	A briga de Zé do Norte no morro de Mangueira	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
4	Apolônio Alves dos Santos	A briga do Diabo com Saturnino por causa do feriado de S. Sebastião	ABLC
5	Apolônio Alves dos Santos	A cabra que teve um bode com a cara de gente	CNFCP - FCRB - ABLC - FCEB
6	Apolônio Alves dos Santos Flávio Poeta Fernandes	A carta de Tancredo endereçada a Sarney	ABLC
7	Apolônio Alves dos Santos	A cidade de Juazeiro do Padre Cícero Romão	Catalogação do poeta
8	Apolônio Alves dos Santos	A construção de Brasília e sua inauguração, 21-4-1960	Catalogação do poeta
9	Apolônio Alves dos Santos	A contagiosa AIDS matando a humanidade	ABLC
10	Apolônio Alves dos Santos	A descrição da cidade e o progresso do Rio de Janeiro	CNFCP - LC - ABLC
11	Apolônio Alves dos Santos	A descrição de algumas cidades do Ceará	CNFCP
12	Apolônio Alves dos Santos	A despedida de João e a posse de Tancredo	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
13	Apolônio Alves dos Santos	A despedida do João e a vitória de Tancredo	FCRB - FCRB
14	Apolônio Alves dos Santos	A discussão do carioca com o pau-de-arara	CNFCP - BAA - ABLC
15	Apolônio Alves dos Santos	A disputa de Brizola, pela presidência da República	Catalogação do poeta
16	Apolônio Alves dos Santos	A empregada era macho	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
17	Apolônio Alves dos Santos	A escrava Isaura – a jovem sofredora	FCRB - LC
18	Apolônio Alves dos Santos	A feira dos nordestinos no campo de São Cristovão - R.J.	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC
19	Apolônio Alves dos Santos	A filha assassina	CNFCP
20	Apolônio Alves dos Santos	A filha assassina, matou e esquartejou a própria mãe	Catalogação do poeta
21	Apolônio Alves dos Santos	A foice da morte	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
22	Apolônio Alves dos Santos	A grande briga de foice, por causa do rabo de uma ovelha	Catalogação do poeta
23	Apolônio Alves dos Santos	A grande paixão de Cláudia pelo amor de Fernandes	Catalogação do poeta
24	Apolônio Alves dos Santos	A grande paixão de Olga, pelo amor de Ramiro	Catalogação do poeta
25	Apolônio Alves dos Santos	A grande peleja de Preto limão com Inácio da Catingueira	LC
26	Apolônio Alves dos Santos	A guerra contra a inflação e o valor do cuzado cruzado	LC - ABLC - FCEB
27	Apolônio Alves dos Santos	A guerra das Malvinas	CNFCP - FCRB - BAA - ABLC
28	Apolônio Alves dos Santos	A guerra de Saddam Hussein	ABLC

Folhetos de cordéis - catalogação geral

29	Apolônio Alves dos Santos	A guerra do Golfo Pérsico com Sadam Hussein	Catalogação do poeta
30	Apolônio Alves dos Santos	A guerra dos Alencar com os Saraiva e Sampaio em Exu-PE	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC
31	Apolônio Alves dos Santos	A herança do coveiro	FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
32	Apolônio Alves dos Santos	A historia de Roque Santeiro	CNFCP - BAA - ABLC
33	Apolônio Alves dos Santos	A luta de Lampião para entrar no inferno	FCRB - CNFCP - LC - ABLC - FCEB
34	Apolônio Alves dos Santos	A medicina caseira, ou as plantas que curam	Catalogação do poeta
35	Apolônio Alves dos Santos	A moça que dançou Lambada com o diabo, em Campina Grande	LC
36	Apolônio Alves dos Santos	A moça que se casou 14 vezes e continuou donzela	CNFCP - LC - ABLC
37	Apolônio Alves dos Santos	A moça que virou cobra e quis engolir a mãe	FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
38	Apolônio Alves dos Santos	A moda e a juventude ou descrição do presente	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
39	Apolônio Alves dos Santos	A morte de Ayrton Senna tricampeao mundial	CNFCP
40	Apolônio Alves dos Santos	A morte de Clara Nunes, a sambista guerreira	Catalogação do poeta
41	Apolônio Alves dos Santos	A morte de Lampião ou a vingança de Corisco	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
42	Apolônio Alves dos Santos	A morte de Leandro	
43	Apolônio Alves dos Santos	A morte do Ex-presidente Juscelino Kubistschek de Oliveira	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
44	Apolônio Alves dos Santos	A morte do Papa Paulo VI em 06 de agosto de 1978	FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
45	Apolônio Alves dos Santos	A morte do presidente Tancredo de Almeida Neves	CNFCP - FCRB - BAA - LC-ABLC - FCEB
46	Apolônio Alves dos Santos	A mulher que castrou o marido na Paraíba	CNFCP - BAA - LC - FCEB
47	Apolônio Alves dos Santos	A mulher que castrou o marido em Campina Grande - PB	LC - CNFCP - FCEB - BAA
48	Apolônio Alves dos Santos	A mulher que dançou com o Diabo numa boate em Campina	CNFCP - LC - ABLC
49	Apolônio Alves dos Santos	A mulher que desejou um pedaço do marido	CNFCP
50	Apolônio Alves dos Santos	A mulher que enjeitou seu marido na lua de mel	CNFCP
51	Apolônio Alves dos Santos	A mulher que foi ao inferno e dançou com o Diabo	CNFCP - FCRB - BAA - LC
52	Apolônio Alves dos Santos	A mulher que rasgou o travesseiro mordeu o marido sonhando com Roberto Carlos	CNFCP - FCRB - BAA - LC
53	Apolônio Alves dos Santos	A nova constituição e a voz do presidente	CNFCP - LC - ABLC - FCEB
54	Apolônio Alves dos Santos	A oração da cachaça	Catalogação do poeta
55	Apolônio Alves dos Santos	A Peleja de Manuel José da Silva "Passarinho" com Apolônio Alves dos Santos	FCRB - BAA - LC - FCEB
56	Apolônio Alves dos Santos	A prisão decretada e a fuga de PC Farias	CNFCP

Folhetos de cordéis - catalogação geral

57	Apolônio Alves dos Santos	A rainha do cangaço	FCRB - CNFCP - LC - FCEB
58	Apolônio Alves dos Santos	A renúncia de Collor e a posse de Itamar	CNFCP - FCRB - LC - ABLC
59	Apolônio Alves dos Santos	A sonegação da carne difama o plano cruzado	LC - ABLC
60	Apolônio Alves dos Santos	A tragédia das enchentes em todo Rio de Janeiro	CNFCP - BAA - LC - ABLC
61	Apolônio Alves dos Santos	A tremenda briga de Lampião com Sabino	CNFCP - ABLC - FCEB
62	Apolônio Alves dos Santos	A velha de 80 anos, que queria se casar com rapaz de 16	Catalogação do poeta
63	Apolônio Alves dos Santos	A venda do Zico, depois do Flamengo Tri-campeão	Catalogação do poeta
64	Apolônio Alves dos Santos	A vida criminosa de Lampião o Rei do Cangaço	BAA
65	Apolônio Alves dos Santos	A vida de Pedro Cem	CNFCP - LC
66	Apolônio Alves dos Santos	A vida de Ruy Carneiro e o novo senador	ABLC
67	Apolônio Alves dos Santos	A vida termina em nada	FCRB
68	Apolônio Alves dos Santos	A violência e a Reforma Agrária	CNFCP - LC - ABLC - FCEB
69	Apolônio Alves dos Santos	A vitória de Ronaldo, governador da Paraíba	Catalogação do poeta
70	Apolônio Alves dos Santos	A vitória do amor, ou o poder do destino	Catalogação do poeta
71	Apolônio Alves dos Santos	A vitória do Brasil tetra campeão mundial de futebol na Copa 94	ABLC
72	Apolônio Alves dos Santos	A votação do impeachment e a saída de Collor	FCRB - CNFCP - LC - ABLC
73	Apolônio Alves dos Santos	ABC da cachaça	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
74	Apolônio Alves dos Santos	ABC da URV ou o real a nova moeda brasileira	CNFCP - LC - ABLC
75	Apolônio Alves dos Santos	Adeus a Frei Damião 1898 - 1997	CNFCP - LC
76	Apolônio Alves dos Santos	Adeus a Janete Clair, a novelista querida	Catalogação do poeta
77	Apolônio Alves dos Santos	Adeus a Luiz Gonzaga "o rei do baião"	BAA - LC
78	Apolônio Alves dos Santos	Amores e aventuras de Genesiano e Cristina	Catalogação do poeta
79	Apolônio Alves dos Santos	Antonio Conselheiro e a Guerra de Canudos	FCRB - BAA - LC
80	Apolônio Alves dos Santos	Apolinário e Helena	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
81	Apolônio Alves dos Santos	Arrocho da inflação que fez o plano cruzado!	CNFCP - BAA - LC - ABLC
82	Apolônio Alves dos Santos	As 7 espadas de dores da Santa Virgem Maria	Catalogação do poeta
83	Apolônio Alves dos Santos	As astúcias de Pedro Malazartes	LC
84	Apolônio Alves dos Santos	As bravuras de Ismael em defesa do amor	CNFCP - FCRB - BAA - ABLC - FCEB
85	Apolônio Alves dos Santos	As eleições vem aí	FCRB - LC
86	Apolônio Alves dos Santos	As grandes enchentes de 1979 no norte fluminense do Rio de Janeiro	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB

Folhetos de cordéis - catalogação geral

87	Apolônio Alves dos Santos	As grandes enchentes do Nordeste 1985	CNFCP - FCRB - LC - ABLC
88	Apolônio Alves dos Santos Manuel José da Silva	As grandes enchentes do Paraná e Santa Catarina	CNFCP - FCRB - LC
89	Apolônio Alves dos Santos	As mortes misteriosas de PC Farias e Suzana Marcolina	CNFCP - LC - ABLC
90	Apolônio Alves dos Santos	As proezas de Camões	FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
91	Apolônio Alves dos Santos	As proezas do bandido Tranca Rua	FCRB - CNFCP - BAA - LC - ABLC - FCEB
92	Apolônio Alves dos Santos	As tradições do Nordeste e as adivinhações noite de São João	Catalogação do poeta
93	Apolônio Alves dos Santos	Atentado a João de Deus e o seu aniversário da vinda ao nosso país	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC
94	Apolônio Alves dos Santos	Biografia e morte de Juscelino Kubitschek	FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
95	Apolônio Alves dos Santos	Bom tempo não volta mais	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
96	Apolônio Alves dos Santos	Brizola quer tocar fogo no bigode de Sarney	LC
97	Apolônio Alves dos Santos	Cabra que teve um bode com cara de gente	LC
98	Apolônio Alves dos Santos	Cristo curando os fiés em Porto das Caixas Rio de Janeiro	CNFCP - FCRB - BAA - ABLC - FCEB
99	Apolônio Alves dos Santos	Descrição de algumas cidades do estado do Ceará	FCRB - LC - ABLC
100	Apolônio Alves dos Santos	Discussão do paraíba com o carioca	LC
101	Apolônio Alves dos Santos	Discussão de José Costa Leite com Apolônio Alves dos Santos	FCRB - LC
102	Apolônio Alves dos Santos	Discussão de José Ventura com Apolônio Alves dos Santos	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
103	Apolônio Alves dos Santos	Discussão do cachaceiro e o crente	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
104	Apolônio Alves dos Santos	Discussão sangrenta entre Caim e Abel	Catalogação do poeta
105	Apolônio Alves dos Santos	Disputa de dois amantes entre o punhal e a sorte	CNFCP - FCRB - BAA - LC
106	Apolônio Alves dos Santos	Drummond, o poeta de Itabira	FCRB - CNFCP
107	Apolônio Alves dos Santos	Eleições diretas já para um novo presidente	CNFCP - FCRB - LC - ABLC
108	Apolônio Alves dos Santos	Encontro de João Faisca com Chico Pinga Fogo	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
109	Apolônio Alves dos Santos	Encontro de Luiz Gonzaga com Padre Cicero no céu	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC
110	Apolônio Alves dos Santos	Epitácio e Marina	BAA
111	Apolônio Alves dos Santos	Façanhas de Lampião	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
112	Apolônio Alves dos Santos	Felix Araujo Filho, novo prefeito de Campina Grande	Catalogação do poeta
113	Apolônio Alves dos Santos	Greve e mortes em Volta Redonda - RJ	LC - ABLC
114	Apolônio Alves dos Santos	Greve, crise e carestia no Brasil dos tubarões	CNFCP - FCRB - LC - ABLC
115	Apolônio Alves dos Santos	1992	LC - ABLC

Folhetos de cordéis - catalogação geral

116	Apolônio Alves dos Santos	Hilton de Roque Santeiro	LC
117	Apolônio Alves dos Santos	Hilton Moura, morto no trágico acidente dia 27 de -05 - 92	Catalogação do poeta
118	Apolônio Alves dos Santos	História das setes cidades da Serra da Ibiapaba - CE	CNFCP - FCRB
119	Apolônio Alves dos Santos	História de Adão e Eva e a criação do mundo	Catalogação do poeta
120	Apolônio Alves dos Santos	História de Jeca Tatu	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
121	Apolônio Alves dos Santos	História de Jeriça ou jumento do Papa	Catalogação do poeta
122	Apolônio Alves dos Santos	História de João Preguiçoso e a Princesa Malvina	CNFCP - FCRB - LC - ABLC - FCEB
123	Apolônio Alves dos Santos	História de José do Egito e seus irmãos	Catalogação do poeta
124	Apolônio Alves dos Santos	História de Maria de Pau e o Príncipe Gregoriano	FCRB
125	Apolônio Alves dos Santos	História de um português que namorou um viado	Catalogação do poeta
126	Apolônio Alves dos Santos	História de Zé da Bomba, ou Zé Silvério e Lucinha	Catalogação do poeta
127	Apolônio Alves dos Santos	História do boi que falou em Minas Gerais	LC
128	Apolônio Alves dos Santos	História do boi Santo e o beato Zé Lourenço	CNFCP - LC
129	Apolônio Alves dos Santos	História do homem que teve uma questão com Santo Antônio	CNFCP - FCRB - ABLC
130	Apolônio Alves dos Santos	História e martírios da Escrava Anastácia	CNFCP - BAA - FCRB - LC - ABLC
131	Apolônio Alves dos Santos	Histórias das sete cidades da Serra Ibiapaba	FCRB
132	Apolônio Alves dos Santos	Histórias e milagres da Santa de Vilar dos Teles	FCRB - CNFCP
133	Apolônio Alves dos Santos	Homenagem ao Padre Cícero Romão Batista, 50 anos do seu falecimento	FCRB - CNFCP - LC
134	Apolônio Alves dos Santos	In memoriam de Manoel d'Almeida Filho	LC - ABLC
135	Apolônio Alves dos Santos	Jesus, São Pedro e o homem do arroz	Catalogação do poeta
136	Apolônio Alves dos Santos	José Silverio e Lucinha ou Zé da Bamba	Refência na quarta capa
137	Apolônio Alves dos Santos	Lampião o cangaceiro	FCRB - BAA - LC
138	Apolônio Alves dos Santos	Lampião vai ao inferno buscar Maria Bonita	CNFCP - BAA - LC - ABLC
139	Apolônio Alves dos Santos	Maria Bonita a rainha do Cangaço	Catalogação do poeta
140	Apolônio Alves dos Santos	Maria cara de pau e o príncipe Gregorio	FCRB - BAA
141	Apolônio Alves dos Santos	Morto no trágico acidente no dia 27 de maio de 1992	CNFCP - FCRB
142	Apolônio Alves dos Santos	Nascimento, vida e morte de Jesus Cristo	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
143	Apolônio Alves dos Santos	Nascimento, vida e morte do bandido Lampião	Catalogação do poeta
144	Apolônio Alves dos Santos	Nascimento, vida e morte do Padre Cícero Romão	CNFCP - BAA - LC - ABLC
145	Apolônio Alves dos Santos	Nascimento, vida e morte do Padre João Maria, Santo de Natal	Catalogação do poeta

Folhetos de cordéis - catalogação geral

146	Apolônio Alves dos Santos	No Tempo de Lampião	FCRB - LC - ABLC - FCEB
147	Apolônio Alves dos Santos	Nosso mundo moderno	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
148	Apolônio Alves dos Santos	Nova aparição do cometa Halley	CNFCP - LC
149	Apolônio Alves dos Santos	Novo pacote depois da eleição – foi traição	LC - ABLC - FCEB
150	Apolônio Alves dos Santos	O ABC do feijão e os tumultos nas filas	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
151	Apolônio Alves dos Santos	O ABC do jogo do bicho e suas revelações	CNFCP - LC - ABLC
152	Apolônio Alves dos Santos	O agricultor nordestino que veio trabalhar na obra do Rio de Janeiro	CNFCP - FCRB - LC
153	Apolônio Alves dos Santos	O Apolinário e Helena, entre laços de amor	Catalogação do poeta
154	Apolônio Alves dos Santos	O automóvel da morte	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
155	Apolônio Alves dos Santos	O aventureiro do Norte	CNFCP - FCRB - BAA
156	Apolônio Alves dos Santos	O bárbaro assassinato de Daniella	CNFCP - FCRB - LC - ABLC
157	Apolônio Alves dos Santos	O beerrão que lutou com o Diabo Sexta-feira da Paixão	CNFCP - FCRB - LC - ABLC
158	Apolônio Alves dos Santos	O boi da cara preta que falou em Minas Gerais	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
159	Apolônio Alves dos Santos	O Brasil e seu progresso	Catalogação do poeta
160	Apolônio Alves dos Santos	O candidato Jonas de Oliveira Deputado Federal PFL	Catalogação do poeta
161	Apolônio Alves dos Santos	O cangaceiro Moita Brava, do bando de Lampião	Catalogação do poeta
162	Apolônio Alves dos Santos	O casamento de Lampião com a filha do Diabo	CNFCP - LC - ABLC
163	Apolônio Alves dos Santos	O compadre pobre e o rico ambicioso	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
164	Apolônio Alves dos Santos	O desemprego e a fome no mundo da carestia	FCRB - LC
165	Apolônio Alves dos Santos	O divórcio	FCRB - BAA - LC
166	Apolônio Alves dos Santos	O divórcio no Brasil	CNFCP - FCRB - BAA - ABLC
167	Apolônio Alves dos Santos	O encontro de Antonio Silvino com o Valente Bidú	FCRB - BAA - ABLC - FCEB
168	Apolônio Alves dos Santos	O encontro do cangaceiro Vilela com o Negrão do Paraná	FCRB - BAA - LC - FCEB
169	Apolônio Alves dos Santos	O fazendeiro que castrou o rapaz que namorou sua filha	Catalogação do poeta
170	Apolônio Alves dos Santos	O filho do pau de arara valente	Catalogação do poeta
171	Apolônio Alves dos Santos	O filho que matou a mãe por um bago de jaca	CNFCP - FCRB - BAA - LC
172	Apolônio Alves dos Santos	O forró da bicharada	CNFCP - FCRB - BAA - ABLC
173	Apolônio Alves dos Santos	O fugitivo da morte, ou Valeriano e Lindalva	Catalogação do poeta
174	Apolônio Alves dos Santos	O herói João Canguçu	LC - FCEB
175	Apolônio Alves dos Santos	O heroísmo de João Canguçu no Engenho da Gameleira	FCRB - CNFCP - BAA - LC

Folhetos de cordéis - catalogação geral

176	Apolônio Alves dos Santos	O homem que deu a luz em Minas Gerais	CNFCP - FCRB - BAA - LC
177	Apolônio Alves dos Santos	O homem que mandou comprar a São Pedro cinco cruzeiros de chuva	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC
178	Apolônio Alves dos Santos	O homem que veio do Céu	CNFCP - FCRB - BAA - ABLC - FCEB
179	Apolônio Alves dos Santos	O homem que virou bode por zombar de Frei Damião	CNFCP - FCRB - BAA - LC
180	Apolônio Alves dos Santos	O jogador que quebrou as imagens porque não ganhou no bicho	FCRB - ABLC - FCEB
181	Apolônio Alves dos Santos	O justiceiro mão branca do esquadrão da morte	ABLC
182	Apolônio Alves dos Santos	O marido preguiçoso ou a panela de ouro	FCRB - CNFCP - BAA - LC
183	Apolônio Alves dos Santos	O marido que trocou a mulher por uma jumenta na Bahia	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC
184	Apolônio Alves dos Santos	O massacre dos sem-terra no Pará e Reforma Agrária já	CNFCP - ABLC
185	Apolônio Alves dos Santos	O menino da porteira	CNFCP - FCRB - BAA - LC - FCEB
186	Apolônio Alves dos Santos	O menino do pião	CNFCP - FCRB - BAA - LC - FCEB
187	Apolônio Alves dos Santos	O mineiro que comprou um bonde no Rio de Janeiro	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
188	Apolônio Alves dos Santos	O monstruoso crime de Serginho, em Bom Jesus de Itabapoana, Estado do Rio de Janeiro	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
189	Apolônio Alves dos Santos	O nascimento de Jesus Cristo	Catalogação do poeta
190	Apolônio Alves dos Santos	O noivo falso engenheiro	CNFCP - FCRB - BAA - LC - FCEB
191	Apolônio Alves dos Santos	O nordestino engrandesse nosso Rio de Janeiro	FCRB
192	Apolônio Alves dos Santos	O pau de arara valente	FCRB - BAA - LC
193	Apolônio Alves dos Santos Flávio Fernandes Moreira	O pavoroso incêndio do Edifício Andorinha no Rio de Janeiro	LC - ABLC - FCEB
194	Apolônio Alves dos Santos	O periquito de Rosinha e a rolinha de Vicente	ABLC
195	Apolônio Alves dos Santos	O pescador pobrezinho ou um destino sagrado	Catalogação do poeta
196	Apolônio Alves dos Santos	O pistoleiro da vila	CNFCP - FCRB - BAA - LC - FCEB
197	Apolônio Alves dos Santos	O poeta de cordel defende a ecologia	CNFCP - LC
198	Apolônio Alves dos Santos	O poeta de São Saruê Manuel Camilo dos Santos	BAA
199	Apolônio Alves dos Santos	O poeta e a cigana	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
200	Apolônio Alves dos Santos	O Príncipe Gregoriano e a moça misteriosa	BAA
201	Apolônio Alves dos Santos	O rapaz que raptou uma moça numa mala	LC
202	Apolônio Alves dos Santos	O romance do aventureiro do norte	FCRB - CNFCP - BAA
203	Apolônio Alves dos Santos	O sacrifício do pobre no mundo da carestia	FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB

Folhetos de cordéis - catalogação geral

204	Apolônio Alves dos Santos	O sonho de Frei Damião com Padre Cícero Romão	CNFCP - LC
205	Apolônio Alves dos Santos	O trágico desastre que causou a morte do deputado Ulysses Guimerães	LC - ABLC
206	Apolônio Alves dos Santos	O triste drama das secas e o pranto dos nordestino	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC
207	Apolônio Alves dos Santos	O valente Daniel	CNFCP - FCRB - BAA - LC - FCEB
208	Apolônio Alves dos Santos	O vaqueiro Chico Bento	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC
209	Apolônio Alves dos Santos	Olegário e Albertina entre o crime e o amor	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC
210	Apolônio Alves dos Santos	Oração da cachaça	CNFCP - LC
211	Apolônio Alves dos Santos	Origem e significa da literatura de cordel	Catalogação do poeta
212	Apolônio Alves dos Santos	Os dramas dos brasileiros como reféns do Iraque	Catalogação do poeta
213	Apolônio Alves dos Santos	Os martírios de Gilzeda, a jovem martirizada	Catalogação do poeta
214	Apolônio Alves dos Santos	Os milagres da Santa de Vilar dos Teles - RJ	Catalogação do poeta
215	Apolônio Alves dos Santos	Os mistérios da macumba	FCRB - LC - ABLC
216	Apolônio Alves dos Santos	Os nordestinos no Rio e o Nordeste abandonado	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
217	Apolônio Alves dos Santos	Os retirantes das secas "não chove mais no sertão"	CNFCP - LC - ABLC
218	Apolônio Alves dos Santos	Os sinais do fim do mundo que Padre Cícero dizia	CNFCP - LC - ABLC
219	Apolônio Alves dos Santos	Os sofrimentos dos aposentados "Presidente mate os velhos"	CNFCP - FCRB - LC - ABLC
220	Apolônio Alves dos Santos	Os sofrimentos dos pobres que pagam o INPS	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC
221	Apolônio Alves dos Santos	Os três fugitivos para o Egito Jesus, Maria e José	FCRB - BAA - LC
222	Apolônio Alves dos Santos	Os últimos dias de Getúlio Vargas	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
223	Apolônio Alves dos Santos	Padre João Maria o Santo de Natal	LC - ABLC
224	Apolônio Alves dos Santos	Palestra de JK com Getúlio Vargas no céu	CNFCP - FCRB - BAA - LC - FCEB
225	Apolônio Alves dos Santos	Peleja de Bule-Bule com Valdomiro Galvão	FCRB - BAA - LC
226	Apolônio Alves dos Santos	Peleja de Chico sena com Apolônio Alves dos Santos	Catalogação do poeta
227	Apolônio Alves dos Santos	Peleja de Cícero Quaresma com Expedito Ferreira	CNFCP - ABLC
228	Apolônio Alves dos Santos	Peleja de Ferreirinha com Apolônio Alves dos Santos	CNFCP - FCRB - LC
229	Apolônio Alves dos Santos	Peleja de Franklin Machado com Raimundo Santa Helena	Catalogação do poeta
230	Apolônio Alves dos Santos	Peleja de Gonçalo Ferreira com Apolônio Alves dos Santos	Catalogação do poeta
231	Apolônio Alves dos Santos	Peleja de João Mandioca com Severino Tempero	FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
232	Apolônio Alves dos Santos	Peleja de Natanael de Lima com Apolônio Alves dos Santos	CNFCP - FCRB - LC
233	Apolônio Alves dos Santos	Peleja de Paulo Russo com Damião Catapora	Catalogação do poeta

Folhetos de cordéis - catalogação geral

234	Apolônio Alves dos Santos	Peleja de Severino José com Apolônio Alves dos Santos	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
235	Apolônio Alves dos Santos	Peleja de Zé Limeira com Severino Tempero	CNFCP - FCRB - LC
236	Apolônio Alves dos Santos	Peleja de Zé Pitanga com Zabelê do Sertão	CNFCP - FCRB - LC - ABLC
237	Apolônio Alves dos Santos	Por ai, há intrusão querendo ser cordelista	LC
238	Apolônio Alves dos Santos	Previsão do fim do mundo na voz de Frei Damião	CNFCP - FCRB - LC - ABLC
239	Apolônio Alves dos Santos	Profecias do Padre Cícero até o ano 2000	LC
240	Apolônio Alves dos Santos	Quando há seca no sertão	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC
241	Apolônio Alves dos Santos	Romance de Epitácio e Marina	FCRB - BAA - LC
242	Apolônio Alves dos Santos	Romaria ao Juazeiro do Padre Cícero Romão	CNFCP - LC - ABLC
243	Apolônio Alves dos Santos	Romaria e milagre do Padre Cícero Romão	LC
244	Apolônio Alves dos Santos	Segunda peleja de Romano do Teixeira com Inácio da catingueira	Catalogação do poeta
245	Apolônio Alves dos Santos	Segunda visita do Papa João Paulo II ao Brasil	CNFCP - FCRB - LC - FCEB
246	Apolônio Alves dos Santos	Tancredo envia do céu mensagem a constituinte	LC - ABLC
247	Apolônio Alves dos Santos	Tiradentes - o martir da Independência	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC
248	Apolônio Alves dos Santos	Tragédia em Cantagalo	FCRB - BAA - LC - FCEB
249	Apolônio Alves dos Santos	Tragédia fatal em Boqueirão - PB - 18 mortos e 22 feridos	CNFCP - LC - ABLC
250	Apolônio Alves dos Santos	Trágedia no mar na última noite do ano	CNFCP - BAA - LC
251	Apolônio Alves dos Santos	Tragédia no mar na última noite do ano	ABLC
252	Apolônio Alves dos Santos	Tremenda luta de Lampião com Sabino	Catalogação do poeta
253	Apolônio Alves dos Santos	Um matuto do sertão chegando ao RJ	LC - ABLC - FCEB
254	Apolônio Alves dos Santos	Um rio de poesias	ABLC
255	Apolônio Alves dos Santos	Uma briga de foice; por causa do rabo de uma ovelha	CNFCP - ABLC
256	Apolônio Alves dos Santos	Uma carta de Tancredo endereçada ao Presidente F.H.C.	CNFCP - LC - ABLC
257	Apolônio Alves dos Santos	Uma carta que veio do céu para o Presidente Figueiredo falando à favor do pobre	CNFCP - FCRB - LC - ABLC
258	Apolônio Alves dos Santos	Uma quadrilha junina no arraial do pau grande	Catalogação do poeta
259	Apolônio Alves dos Santos	Viagem por um milagre do Padre Cícero Romão	CNFCP - FCRB - LC - ABLC
260	Apolônio Alves dos Santos	Vida e morte de Tenório o Homem da Capa Preta	CNFCP - LC - ABLC
261	Apolônio Alves dos Santos	Vingança da honra ou os monstros do sexo	CNFCP - BAA - LC - ABLC
262	Apolônio Alves dos Santos	Vingança de um caboclo	CNFCP - FCRB - BAA - LC - FCEB

Folhetos de cordéis - catalogação geral

263	Apolônio Alves dos Santos	Visita ao Brasil sua santidade o Papa João Paulo II	CNFCP - FCRB - BAA - LC - FCEB
264	Apolônio Alves dos Santos	Visita do Santo Papa ao Brasil e sua palestra com o presidente João Figueiredo em 30 de junho de 1980	FCRB - CNFCP - BAA - LC - ABLC - FCEB
265	Apolônio Alves dos Santos	Vitória do Brasil tetra campeão de futebol na Copa 94	CNFCP - LC - ABLC

Abreviaturas da instituições:
Fundação Cultural do Estado da Bahia. Núcleo de Referência Cultural - FCEB
Academia Brasileira de Literatura de Cordel - ABLC
Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular - CNFCP
Fundação Casa de Ruy Barbosa - FCRB
Biblioteca Atila Almeida (UEPB) - BAA
Library of Congress - LC

Folhetos de cordéis - Consultados

	Autor	Título	Ano	Publicação	Acervo
1	Apolônio Alves dos Santos	A morte do ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira	1976?	Tipografia Pontes	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
2	Apolônio Alves dos Santos	Biografia e morte de Juscelino Kubitschek	1976?	s.n.	FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
3	Apolônio Alves dos Santos	A vida de Ruy Carneiro e o novo senador	1977?	s.n.	ABLC
4	Apolônio Alves dos Santos	o divórcio no Brasil	1977?	Tipografia Pontes	CNFCP - FCRB - BAA - ABLC
5	Apolônio Alves dos Santos	O sacrifício do pobre no mundo da carístia	1979-1985	Tipografia Pontes Folhetaria Santos	FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
6	Apolônio Alves dos Santos	O triste drama das secas e o pranto dos nordestinos	1979-1985	s.n.	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC
7	Apolônio Alves dos Santos	ABC do feijão e tumultos nas filas	1980?	s.n.	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
8	Apolônio Alves dos Santos	Visita do Santo Papa ao Brasil e sua palestra com o Presidente João Figueiredo em 30 de Junho de 1980	1980	Tipografia Pontes	FCRB - CNFCP - BAA - LC - ABLC - FCEB
9	Apolônio Alves dos Santos	A Feira dos Nordestinos no campo de São Cristovão-RJ	1981	Tipografia Pontes	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC
10	Apolônio Alves dos Santos	O homem que mandou comprar a São Pedro, cinco cruzeiros de chuva	1981	Tipografia Pontes	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC
11	Apolônio Alves dos Santos	Quando há seca no sertão	1981	Tipografia Pontes	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC
12	Apolônio Alves dos Santos	Uma carta que veio do céu para o Presidente Figueiredo falando à favor do pobre	1981	Tipografia Pontes	CNFCP - FCRB - LC - ABLC
13	Apolônio Alves dos Santos	A guerra das malvinas	1982?	Tipografia Pontes	CNFCP - FCRB - BAA - ABLC
14	Apolônio Alves dos Santos	O agricultor nordestino que veio trabalhar na obra no Rio de Janeiro	1982	s.n.	CNFCP - FCRB - LC
15	Apolônio Alves dos Santos e Flávio Poeta Fernandes	As grandes enchentes do Paraná e Santa Catarina	1983?	s.n.	CNFCP - FCRB - LC
16	Apolônio Alves dos Santos	A descrição de algumas cidades do Ceará	1983	s.n.	FCRB - LC - ABLC
17	Apolônio Alves dos Santos	Eleições diretas Já para um novo presidente	1984	s.n.	CNFCP - FCRB - LC - ABLC
18	Apolônio Alves dos Santos	A despedida de João e a posse de Tancredo	1985?	Casa de Cultura São Saruê	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB

Folhetos de cordéis - Consultados

19	Apolônio Alves dos Santos	A morte do presidente Tancredo de Almeida Neves	1985?	Gráfica e Editora Dantas	CNFCP - FCRB - BAA - LC-ABLC - FCEB
20	Apolônio Alves dos Santos e Flavio Poeta Fernandes	A carta de Tancredo endereçada a Sarney	1985	s.n.	ABLC
21	Apolônio Alves dos Santos	A nova constituição e a voz do Presidente	1985	s.n.	ABLC
22	Apolônio Alves dos Santos	As grandes enchentes do nordeste - 1985	1985	Gráfica e Editora Dantas	CNFCP - FCRB - LC - ABLC
23	Apolônio Alves dos Santos	História e martírios da escrava Anastácia	1985	s.n.	CNFCP - BAA - FCRB - LC - ABLC
24	Apolônio Alves dos Santos	O abc do Jogo do bicho e suas revelações	1985	Gráfica e Editora Luana LTDA	CNFCP - LC - ABLC
25	Apolônio Alves dos Santos	A guerra contra inflação e o valor do cruzeiro	1986?	Luana Artes Graficas e Editora	LC - ABLC - FCEB
26	Apolônio Alves dos Santos	A sonegação da carne difama o plano cruzado	1986?	s.n.	LC - ABLC
27	Apolônio Alves dos Santos	A violência e a reforma agrária	1986?	Luana Artes Gráfica e Editora LTDA	CNFCP - LC - ABLC - FCEB
28	Apolônio Alves dos Santos	Novo pacote depois a eleição - foi traição!...	1986	s.n.	LC - ABLC - FCEB
29	Apolônio Alves dos Santos	O pavoroso incêndio do Edifício Andorinha no Rio de Janeiro	1986	Luana Artes Graficas e Editora	ABLC
30	Apolônio Alves dos Santos	Vida e morte de Tenório o homem da capa preta	1987?	s.n.	LC - ABLC - FCEB
31	Apolônio Alves dos Santos	A contagiosa AIDS matando a humanidade	1987	s.n.	ABLC
32	Apolônio Alves dos Santos	A discussão do carioca com o pau-de-arara	1987	Luana Artes Gráficas e Editora LTDA	CNFCP - BAA - ABLC
33	Apolônio Alves dos Santos	Arrocho da inflação que fez o plano cruzado!	1987	Centro de Literatura de Cordel da Casa de Cultura São Saruê e Fundação-Rio-Artes	CNFCP - BAA - LC - ABLC
34	Apolônio Alves dos Santos	Tancredo envia do Céu mensagem a Constituinte	1987	s.n.	LC - ABLC

Folhetos de cordéis - Consultados

35	Apolônio Alves dos Santos	A descrição da cidade e o progresso do Rio de Janeiro	1988	s.n.	CNFCP - LC - ABLC
36	Apolônio Alves dos Santos	A tragédia das enchentes em todo Rio de Janeiro	1988	Luana Artes Gráficas e Editora LTDA	CNFCP - BAA - LC - ABLC
37	Apolônio Alves dos Santos	Greve e morte em Volta Redonda - RJ	1988	s.n.	LC - ABLC
38	Apolônio Alves dos Santos	Um matuto do sertão chegando ao RJ	1988	s.n.	LC - ABLC - FCEB
39	Apolônio Alves dos Santos	A guerra de Saddam Hussein	1991?	s.n.	ABLC
40	Apolônio Alves dos Santos	A renuncia de Collor e a posse de Itamar	1992?	Folhetaria Santos	CNFCP - FCRB - LC - ABLC
41	Apolônio Alves dos Santos	A votação do impeachment e a saída de Collor	1992?	Folhetaria Santos	FCRB - CNFCP - LC - ABLC
42	Apolônio Alves dos Santos	Os sofrimentos dos aposentados "Presidente mate os velhos"	1990-1992	Folhetaria Santos	CNFCP - FCRB - LC - ABLC
43	Apolônio Alves dos Santos	Os retirantes da seca "Não chove mais no sertão"	1993	Folhetaria Santos	CNFCP - LC - ABLC
44	Apolônio Alves dos Santos	O abc da URV ou o real - a nova moeda brasileira	1994?	Folhetaria Santos	CNFCP - LC - ABLC
45	Apolônio Alves dos Santos	Uma carta de Tancredo endereçada ao Presidente F.H.C	1994?	Folhetaria Santos	CNFCP - LC - ABLC
46	Gonçalo Ferreira da Silva (org)	In memoriam de Apolônio Alves dos Santos	1998	Gonçalo Ferreira Studio Gráfico e Editora	ABLC
47	Apolônio Alves dos Santos	A guerra dos alencar com os sampaio e saraiva, em Exu-PE.	19--	s.n.	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC
48	Apolônio Alves dos Santos	A moda e a juventude ou descrição do presidente	19--	s.n.	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
49	Apolônio Alves dos Santos	As grandes enchentes de 1979 no norte fluminense do Rio de Janeiro	19--	s.n.	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
50	Apolônio Alves dos Santos	Bom tempo que não volta mais	19--	s.n.	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
51	Apolônio Alves dos Santos	Briga de Zé do Norte com o morro da mangueira	19--	s.n.	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
52	Apolônio Alves dos Santos	Greve, crise e carístia no Brasil dos tubarões	19--	Folhetaria Santos	CNFCP - FCRB - LC - ABLC
53	Apolônio Alves dos Santos	Lampião vai ao inferno buscar Maria Bonita	19--	s.n.	CNFCP - BAA - LC - ABLC

Folhetos de cordéis - Consultados

54	Apolônio Alves dos Santos	Mineiro que comprou um bonde no RJ	19--	s.n.	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
55	Apolônio Alves dos Santos	Nosso mundo moderno	19--	s.n.	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
56	Apolônio Alves dos Santos	O abc da cachaça	19--	Folhetaria Santos	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
57	Apolônio Alves dos Santos	O automovel da morte	19--	s.n.	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
58	Apolônio Alves dos Santos	O desemprego e a fome No mundo da carestia	19--	s.n.	FCRB - LC
59	Apolônio Alves dos Santos	Os nordestinos no Rio e o Nordeste abandonado	19--	s.n.	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
60	Apolônio Alves dos Santos	Os sofrimentos dos pobres que pagam o INPS	19--	Tipografia Pontes	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC
61	Apolônio Alves dos Santos	Os último dias de Getúlio Vargas	19--	Tipografia Pontes	CNFCP - FCRB - BAA - LC - ABLC - FCEB
62	Apolônio Alves dos Santos	Palestra de JK com Getúlio Vargas no céu	19--	Tipografia Pontes	CNFCP - FCRB - BAA - LC - FCEB

ANEXO III

Folhetos de cordéis

Catálogo realizado por Apolônio

Alves dos Santos

RELAÇÃO DOS FOLHETOS, LITERATURA DE CORDEL
de Autoria de APOLÔNIO ALVES DOS SANTOS

1º	Maria Cara de Páu e o Principe Gregoriano.....	24	paginas
2º	O Aventureiro do Norte	32	
3º	O Heroísmo de João Canguçu no Engenho Gameleira.....	32	
4º	O Noivo Falso Engenheiro.....	32	
5º	O Pistoleiro da Vila.....	32	
6º	Romance de Epitácio e Marina.....	32	
7º	As Proezas do Bandido Tranca Rua.....	32	
8º	As Bravuras de Ismael em defesa do Amor.....	24	
9º	Olegario e Albertina, Entre o Crime e o Amor.....	32	
10	Apolinário e Helena, entre laços de Amor.....	32	
11	O Valente Daniel.....	32	
12	O Automovel da Morte	32	
13	Nascimento, Vida e Morte do Bandido Lampião.....	32	
14	A Morte de Lampião e a Vingança de Corisco.....	32	
15	O Pau de Arara Valente.....	32	
16	A Filha Assassina, matou o esquartejou a Propria Mãe.....	32	
17	Façanhas de Lampião.....	32	
18	Historia de Zé da Bomba, ou Zé Silvério e Lucinha, Inédito.....	32	
19	A Vitoria do Amor, ou O Poder do Destino, Inédito.....	32	
20	Um Rapaz que Raptou uma Moça numa Mala, Inédito.....	32	
21	A Grande Paixão de Olga, pelo Amor de Ramiro, Inédito.....	32	
22	O Filho do Pau de Arara Valente, Inédito.....	32	
23	O Fugitivo da Morte, ou Valeriano, e Lindalva, Inédito.....	32	
24	Amores e Aventuras De Genesiano e Cristina, Inédito.....	32	
25	Historia de José do Egito e seus irmãos, Inédito.....	32	
26	A Briga de Zé do Norte, no Morro de Mangueira.....	16	Paginas
27	Encontro de Vilela com o Negrão do Paraná.....	16	
28	Tremenda Luta de Lampião com Sabino.....	16	
29	Nascimento, vida e Morte de Padre Cicero Romão.....	16	
30	Antonio Conselheiro e a Guerra de Canudos.....	16	
31	No Tempo de Lampião	16	
32	Encontro de Antonio Silvino Com o Valente Bidú.....	16	
33	O Poeta e a Cigana	16	
34	O Vaqueiro Chico Bento.....	16	
35	As Proezas do Camões.....	16	
36	Vingança de um Caboclo.....	16	
37	O Compadre Pobre e o Rico Ambicioso.....	16	
38	A Herança do Coveiro.....	16	
39	A Empregada era Macho.....	16	
40	Nascimento, Vida e Morte de Jesus Cristo.....	16	
41	Historia de João Preguiçoso e a Princesa Malvina.....	16	
42	Os Mistérios da Macumba.....	16	
43	Historia e Martirios da Escrava Anastácia.....	16	
44	A Vida de Pedro Cem.....	16	
45	Historia de JECA TATU.....	16	
46	A Vida Criminosa de Lampião, Rei do Cangaço.....	16	
47	O Agricultor Nordestino que foi Trabalhar na Obra no Rio.....	16	
48	Encontro de João Faisca com Chico Pingafogo.....	16	
49	Disputa de Dois Amantes, entre o punhal e a sorte.....	16	
50	Biografia e Morte de Juscelino Kubitschek.....	16	
51	Historia das sete Cidades da Serra da Ibiapaba-CR.....	16	
52	Maria Bonita, A Rainha do Cangaço.....	16	
53	Descrição da Cidade e o Progresso do Rio de Janeiro.....	16	

Continuação de Relação Literatura de Cordel, - 3º -
de Apolônio Alves dos Santos,

106	Vida e Morte de Tenório, O Homem da Capa Preta.....	8	Paginas
107	A Contagiosa AIDS, Matando a Humanidade.....	8	
108	Previsão do Fim do Mundo, na Voz de Frei Damião.....	8	
109	A Luta de Lampião, Para entrar no Inferno.....	8	
110	A Mulher que foi ao inferno, e Dançou com o Diabo.....	8	
111	O Homem que Mandou Comprar cinco Cruzeiros de Chuva.....	8	
112	O Jogador que quebrou as imagens, porque não ganhou no Bicho..	8	
113	Tragédia das Enchentes, Em todo Rio de Janeiro.....	8	
114	Tragédia no Mar, na Última Noite do Ano.....	8	
115	O Casamento de Lampião Com a Filha do Diabo.....	8	
116	O ABC da Cachaça.....	8	
117	A Mulher que Rasgou o Travesseiro e Mordeu o Marido Sonhando- -Com Roberto Carlos.....	8	
118	A Briga do Diabo c/Saturnino por causa do Feriado de S.Sebas.	8	
119	Brizola Quer Tocar Fogo, no Bigode de Sarney.....	8	
120	A Guerra Contra a Inflação, e o Valor do Cruzado.....	8	
121	Arrocho da Inflação, que fez o plano Cruzado.....	8	
122	A Mulher que Castrou o Marido, em Campina Grande.....	8	
123	O Filho que Matou a Mãe, por um Bago de Jaca.....	8	
124	Adeus a Luiz Gonzaga, Rei do Baião.....	8	
125	Encontro de Luiz Gonzaga Com Padre Cicero no Céu.....	8	
126	A Briga de Chico Torto, com Salustrino Pancada.....	8	
127	Vingança da Honra, Os Monstros do Sexo.....	8	
128	A Morte de Clara Nunes, A Sambista Guerreira.....	8	
129	Bom Tempo não Volta Mais.....	8	
130	O Pavoroso Incêndio do Edifício Andorinhas, no Rio.....	8	
131	As Grande Enchentes no Norte Fluminense.....	8	
132	A Construção de Brasília e sua Inauguração, 21-4-1960.....	8	
133	Greve e Mortes em Volta Redonda-RJ.....	8	
134	Morte do Presidente Tancredo Neves.....	8	
135	Romaria e Milagres do Padre Cicero Romão.....	8	
136	A Venda do Zico, depois do Flamengo Tri-Campeão.....	8	
137	A Nova Constituição e a Voz do Presidente.....	8	
138	Peleja de Bule-Bule com Valdomiro Galvão.....	8	
139	Peleja de Zé Pitanga com Zabelê do Sertão.....	8	
140	O Marido Preguiçoso, ou a Panela de Ouro.....	8	
141	A Carta de Tancredo, Endereçada a Sarney.....	8	
142	Nova Aparição do Cometa Halley.....	8	
143	A Sonegação da Carne Difama o Plano Cruzado.....	8	
144	Discussão do Carioca com o Pau-de Arara.....	8	
145	Descrição de Algumas Cidades do Estado do Ceará.....	8	
146	Peleja de Franklin Machado c/Raimundo Santa Helena.....	8	
147	Visita do Papa ao Brasil, e sua Palestra c/.Figueiredo.....	8	
148	O Justiceiro Mão Branca, do Esquadrão da Morte.....	8	
149	Atentado ao Papa João de Deus, pelo terrorista Aliaca.....	8	
150	O Divorcio no Brasil.....	8	
151	Os Tres Fugitivos Para o Egito, Jesus, José e Maria.....	16	Pag.
152	A Foice da Morte		
153	A Moça que dançou Lambada com o Diabo em Campina Grande.....	8	
154	A Violência no Rio.....	8	
155	TIRADENTES, O Martir da Independência.....	8	

Continuação da Relação de Cordel, foram esquecidos 2 Romances de 32 pag.
Apolônio Alves dos Santos

54. Lampião, O Cangaceiro.....	32	Paginas
55 A Escrava Isaura, "A Jovem Sofredora".....	32	
56 A Historia de Roque Santeiro.....	16-4	vol.
57 Peleja de Passarinho Com Apolônio Alves dos Santos.....	16	
58 Peleja de Severino José Com Apolônio Alves dos Santos.....	16	
59 A Grande Peleja de Preto LimãoC/Inacio da Catingueira.....	16	
60 Visita ao Brasil, Sua Santidade, O Papa João Paulo II.....	8	- Pagina
61 A Morte do Papa Paulo vi, Em 06 de Agosto de 1978.....	8	
62 A Morte do ex-Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.....	8	
63 O Homem que Virou Bode, por Zombar de Frei Damião.....	8	
64 Uma Carta que Veio do Céu para o Presidente Figueiredo.....	8	
65 Os Ultimos dias de GETULIO VARGAS.....	8	
66 Discussão do (Paraíba) com o Carioca.....	8	
67 O Homem que Veio do Céu.....	8	
68 Viagem por um Milagre do Padre Cicero Romão.....	8	
69 O Menino da Porteira.....	8	
70 O Menino do Pião.....	8	
71 O Marido que Trocou a Mulher por uma Jumenta, na Bahia.....	8	
72 O A B C do Jogo do Bicho, e suas Revelações.....	8	
73 Profecias do Padre Cicero Romão, até o ano dois mil.....	8	
74 O Nosso Mundo Moderno.....	8	
75 A Despedida do João e a Vitoria de Tancredo.....	8	
76 Discussão do Cachaceiro e o Crente.....	8	
77 Homenagem aos 50 anos de falecimento do Pe. Cicero Romão.....	8	
78 Palestra de JK com Getulio Vargas no Céu.....	8	
79 O Triste Drama das Secas e o Pranto dos Nordestinos.....	8	
80 Peleja de João Mandioca com Severino Tempero.....	8	
81 O Boi da Cara Preta que falou em Minas Gerais.....	8	
82 Os Nordestinos no Rio e o Nordeste Abandonado.....	8	
83 O Monstruoso Crime de Serginho em Bom Jesus de Itabapoana-RJ.....	8	
84 Tragédia em Cantagalo, Rio de Janeiro.....	8	
85 Os Martirios de Gilzeda, A Jovem Martirizada.....	8	
86 Os Milagres da Santa de Vilar dos Teles-RJ.....	8	
87 Cristo Curando os Fiéis, em Porto das Caixas, RJ.....	8	
88 O Grande Incêndio em Copacabana, no dia 14 -8-1955.....	8	
89 A Guerra das Malvinas, em 1982.....	8	
90 A Guerra dos Alencar, com os Sampaio e Saraiva, em Exu-Pe.....	8	
91 Eleições Diretas Já-Para Novo Presidente.....	8	
92 As Eleições Vem aí.....	8	
93 Os Sofrimentos dos Pobres, que Pagam o INPS.....	8	
94 Quando há Seca no Sertão.....	8	
95 O Forró da Bicharada.....	8	
96 A Feira dos Nordestinos, No Campo de São Cristovão-RJ.....	8	
97 O Mineiro que Comprou um Bonde no Rio de Janeiro.....	8	
98 O Homem que deu a Luz em Minas Gerais.....	8	
99 A Moça que Virou Cobra, e quiz engulir a Mãe.....	8	
100 O ABC do Feijão, e os Tumultos nas Filas.....	8	
101 Peleja de Zé Limeira com Severino Tempero.....	8	
102 A Violência e a Reforma Agrária.....	8	
103 Novo Pacote depois da Eleição, Foi Traição.....	8	
104 A Disputa de Brizola, Pela Presidência da Republica.....	8	
105 Tancredo Envia do Céu, Mensagem a Constituinte.....	8	

- X 156. As Astúcias de Pedro Malazarte.....16-pag
 157. Nascimento, Vida e Morte do Padre João Maria, Santo de Natal.....15-pg.
 158. Segunda Visita do Papa João Paulo II Ao Brasil..... 8-pg.
 159. A Votação do Impeachment, e a Saída de Collor..... 8-pg.
 160. Trágico Desastre Que Causou a Morte do Deputado Ulysses Guimarães.. 8-pg.
 161. O Bárbaro Assassinato de Daniela Perez..... 8 pg.
 162. Hilton Mora, Morto no Trágico Acidente dia 27 de-05-92..... 8-pg.
 163. A Saída de Collor e a Posse de Itamar..... 8-pg.
 164. A Moça Que se Casou 14 Vezes e continuou Donzela..... 8-pg
 165. A Cidade Juazeiro do Padre Cicero Romão..... 8-pg.
 166. Os Sinais do Fim do Mundo Que o Padre Cicero Dizia..... 8-pg
 167. A Prisão Decretada, e A Fuga de FC Farias..... 8-pg
 168. A Oração da Cachaça..... 8-pg
 169. A Mulher Que enfeitou Seu Marido na Lua de Mel..... 8-pg
 170. Os Sofrimentos dos Aposentados..... 8-pg
 171. Os Retirantes das Secas "Não chove mais no Sertão"..... 8 pg
 X 172. As 7 Espadas de Dores da Santa Virgem Maria..... 8-pg
 173. A Grande Briga de Foice, Por Causa do Rabo de uma Ovelha..... 8-pg
 X 174. Historia de um Português Que Namorou um Viado..... 8-pg
 X 175. O Cangaceiro Moita Brava, do Bando de Lampião.....16-pg
 X 176. 2ª Peleja de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira..... 8-pg
 X 177. Jesus, São Pedro e O Homem do Arroz..... 8-pg
 X 178. Peleja de Cicero Quaresma com Expedito F. Silva..... 8-pg
 X 179. Peleja de Gonçalo Ferreira c/Apolônio Alves dos Santos.....16-pg
 X 180. Peleja de Chico Sena com Apolônio Alves dos Santos.....16-pg
 X 181. O Nascimento de Jesus Cristo.....16-pg
 182. A Construção de Brasília e Sua Inauguração, 21-4-60..... 8-pg
 X 183. A Velha de 80 anos, que queria se Casar c/Rapaz de 16..... 8-pg
 X 184. A Grande Paixão de Cláudia Pelo Amor de Fernandes.....16-pg
 X 185. O Fazendeiro que Castrou o Rapaz Que Namorou sua Filha..... 8-pg
 X 186. A Medicina Caseira, ou as Plantas Que Curam..... 8-pg
 X 187. As Tradições do Nordeste e As Advinhações Noite de São João..... 8-pg
 188. O Beberrão que Lutou com o Diabo Sexta Feira da Paixão..... 8-pg
 189. Greve, Crise e Carestia, No Brasil dos Tubarões..... 8-pg
 X 190. Adeus A Janete Clair, A Novelista Querida..... 8-pg
 X 191. Historia de JERIÇAR OU JUMENTO DO PAPA..... 8-pg
 X 192. Os Dramas dos Brasileiros como Refenado Iraque..... 8-pg
 X 193. Discussão Sangrenta Entre Caim e Abel..... 8-pg
 X 194. Historia de Adão e Eva e A Criação do Mundo..... 8-pg
 X 195. Peleja de Paulo Russo com Damião Catapora..... 8-pg
 X 196- Origem e Sigficado da LITERATURA DE CORDEL..... 8-pg
 197- A Guerra do Golfo Pérsico Com Saddam Hussein..... 8-pg
 198- O Poeta de Cordel, Defende a Ecologia..... 8-pg
 X 199. O Pescador Pobrezinho ou um Destino Sagrado.....16-pg
 X 200. O Brasil e seu Progresso..... 8-pg
 X 201. Uma Quadrilha Junina no Arraial do Pau Grande..... 8-pg
 X 202. O Candidato JONAS DE OLIVEIRA DEPUTADO FEDERAL PFL..... 8-pg
 X 203. A Vitoria de Ronaldo, Governador da Paraíba..... 8-pg
 X 204. Felix Araujo Filho, Novo Prefeito de Campina Grande..... 8-pg
 205. A Mulher que Desejou um Pedaco do Marido..... 8-pg
 206. A Cabra que teve um Bode com Cara de Gente..... 8-pg

Apolônio Alves dos Santos
 Ass. Apolônio Alves dos Santos

OBS. FALTAM ID EM FASE DE CATALOGAÇÃO